

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA

CÍCERO NARDINI QUERIDO

**“Cuidado com os velhos”:
pandemia, vulnerabilidades e poéticas do morar só**

São Paulo

2023

CÍCERO NARDINI QUERIDO

**“Cuidado com os velhos”:
pandemia, vulnerabilidades e poéticas do morar só**

Versão original

Dissertação apresentada à Faculdade de
Medicina da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Ciências

Programa de Saúde Coletiva

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo de
Carvalho Mesquita Ayres

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Querido, Cícero Nardini
"Cuidado com os velhos" : pandemia,
vulnerabilidades e poéticas do morar só / Cícero
Nardini Querido. -- São Paulo, 2023.
Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo.
Programa de Saúde Coletiva.
Orientador: José Ricardo de Carvalho Mesquita
Ayres.

Descritores: 1.Idoso 2.Velhice 3.Pandemias
4.COVID-19 5.Vulnerabilidade 6.Cuidado

USP/FM/DBD-378/23

Responsável: Erinalva da Conceição Batista, CRB-8 6755

Aos velhos e velhas, vivos e mortos, que nos antecederam e que seguem nos instruindo.

AGRADECIMENTOS

*Ítaca deu-te a bela viagem.
Sem ela não te porias a caminho.
Nada mais tem a dar-te.
Embora a encontres pobre, Ítaca não te enganou.
Sábio assim como te tornaste, com tanta experiência,
já debes ter compreendido o que significam as Ítacas.
-Konstantinos Kaváfis*

Muito mais do que um documento acadêmico, este trabalho é o legado de um caminho, memória de uma bela viagem. Vereda que eu jamais teria atravessado se não estivesse ladeado - algumas vezes amparado - pelas melhores companhias. Vaso de argila moldado por muitas mãos, narrativa entoada em coro. É disso, eminentemente, que trata este trabalho: de relações.

A força viva aqui contida emerge das vozes de doze pessoas que se dispuseram - generosamente - a me receber em *suas casas* e a me contar *suas histórias*. A elas, em primeiro lugar, muito obrigado!

Agradeço ao meu orientador, o prof. José Ricardo Ayres, que oferta a seus alunos e alunas “a régua e o compasso” que recebeu, para que possamos também aprender a delinear nossos traçados, nossos percursos.

À Nathália, com quem tanto aprendo, pelo carinho cuidadoso, pelo amor e pela maravilhosa companhia.

Aos professores e professoras que compuseram as bancas de avaliação, contribuindo tanto para que esta construção crescesse em profundidade.

Aos amigos e amigas do departamento, pessoas brilhantes que tive a alegria de conhecer e que foram, desde o início, fonte de inspiração e de coragem.

À Lívia, por termos percorrido, nas palavras de Lacan, “um pedaço de caminho juntos”; caminho de admiração, riso e amor; e que incluiu parte significativa deste trabalho.

Aos amigos e amigas de (muito) mais longas datas, amores da minha vida, que cabem na definição de Joãozito: “*Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é.*”

À minha família, pelo suporte, e por acreditarem genuinamente em mim.

A todos os trabalhadores e trabalhadoras do SUS, do ensino público; a todas e todos que dedicam suas vidas, em algum grau, à produção do comum.

RESUMO

Querido CN. “Cuidado com os velhos”: pandemia, vulnerabilidades e poéticas do morar só [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina; 2023.

A pandemia de COVID-19 e a reconfiguração radical por ela promovida em nossas relações tensionou dramaticamente as dinâmicas de vida das pessoas idosas. Entre essas, especificamente, aquelas que residem em arranjo domiciliar unipessoal se depararam com um desafio singular, dadas as consequências óbvias de se instar indivíduos que moram sozinhos a permanecerem em suas casas. Tomando o referencial teórico das vulnerabilidades, o presente trabalho teve por objetivo compreender, a partir de entrevistas em profundidade, a experiência de pessoas idosas que moraram sós durante a pandemia de COVID-19 na cidade de São Paulo, reconhecendo, em meio a seus discursos, a dialética que se estabelece entre relações de vulnerabilização e poéticas de produção do Cuidado. A fecundidade expressiva das narrativas, produzidas por 12 interlocutores com trajetórias de vida e recortes sociodemográficos diversificados, iluminou de maneira significativa como esses indivíduos, ao se depararem com obstáculos a seus modos de andar a vida, produzem respostas criativas e estabelecem novas poéticas do Cuidado, “transformando-se-com” o mundo e os outros seres que nele habitam.

Palavras-chave: Idoso. Velhice. Pandemias. COVID-19. Vulnerabilidade. Cuidado.

ABSTRACT

Querido CN. "Care for the elderly": pandemic, vulnerabilities and poetics of living alone [dissertation]. São Paulo: "Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo"; 2023.

The COVID-19 pandemic and the radical transformation that it provoked in our relationships have dramatically affected the life dynamics of the elderly. Among these, specifically, those who live alone faced a singular challenge, given the obvious consequences of urging them to remain in their homes. Thus, based on the theoretical frame of vulnerabilities, this work aims to understand, from in-depth interviews, the experience of elderly people who lived alone during the COVID-19 pandemic in the city of São Paulo, recognizing, through their discourses, the dialectic established between relationships of vulnerability and poetics of care production. The narratives, produced by 12 interlocutors with diversified life trajectories and sociodemographic profiles, illuminated in a significant manner how these individuals, when faced with obstacles to their ways of life, produce creative responses and establish new poetics of care, transforming themselves with the world and the other beings that inhabit it.

Keywords: Elderly. Aging. Pandemics. COVID-19. Vulnerability. Care.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS:

- Gráfico 1 - Óbitos por COVID-19 e coeficiente de mortalidade por faixa etária p. 19
- Gráfico 2 - Pessoas que utilizaram a Internet na população de 10 anos ou mais de idade p. 120
- Gráfico 3 - Percentual dos entrevistados que acham difícil o pagamento das contas p. 125

FIGURAS:

- Figura 1 - Gradientes de idade média ao morrer no município de São Paulo p. 21
- Figura 2 - Número médio de moradores em domicílios com idosos por distrito p. 22
- Figura 3 - Proporção de idosos residentes em domicílios não adequados por distrito p. 23
- Figura 4 - Mapas de vacinação e mortes na capital p. 24
- Figura 5 - Distribuição geográfica dos domicílios visitados p. 41
- Figura 6 - Acesso à internet móvel (por população) p. 121

QUADROS:

- Quadro 1 - Conceitos em prevenção: alvos e estratégias p. 17
- Quadro 2 - Eixos temáticos e perguntas motivadoras da entrevista em profundidade p. 37
- Quadro 3 - Características sociodemográficas dos interlocutores e interlocutoras p. 42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividades que mais contribuíram para a saúde e bem-estar durante a pandemia p.133

LISTA DE SIGLAS

CAAE	Certificado de apresentação para a apreciação ética
CAPPesq	Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa
CEBRAP	Centro brasileiro de análises e planejamento
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID-19	Doença por coronavírus 2019
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
HC	Hospital das Clínicas
OMS	Organização Mundial da Saúde
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
USP	Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

Em crônica intitulada “Cuidado com os velhos”, publicada em 1969, Paulo Mendes Campos nos faz um apelo: “libertemos os velhos de nossa fatigante bondade”. Através de sua sensibilidade poética, o escritor problematiza - partindo da ambiguidade do título - as formas de cuidado que oferecemos, coletivamente, às pessoas idosas; formas que, frequentemente, “entram na intimidade dos outros derrubando e quebrando tudo”.

Para além do apreço que nutro pelas pessoas idosas, de ordem afetiva e ao qual escapa uma explicação estritamente racional, a experiência assistencial como médico me colocou inúmeras vezes diante de dilemas do “cuidado com os velhos”. As práticas de saúde atuais, essencialmente norteadas pela discursividade biomédica, frequentemente se estabelecem em arranjos pouco sensíveis aos anseios e projetos de vida desses sujeitos, o que, por um lado, limita a eficácia das intervenções propostas e, por outro, leva à culpabilização daqueles que não aderem a essas intervenções.

Em 2020, a pandemia de COVID-19 recolocou o problema do cuidado com as pessoas idosas no centro do debate público. O esforço coletivo no sentido de proteger essa “população de risco”, ainda que fundamental, traz consigo grandes problemas quando não leva em consideração as vulnerabilidades específicas dos sujeitos que compõem esse grupo, delegando majoritariamente ao ambiente doméstico e às relações familiares que nelas se estabelecem a missão de cuidar. O cenário pandêmico, nesse sentido, me instigou a refletir, a partir de uma crise sem precedentes para nossas práticas de saúde recentes, os impactos da epidemia e dos esforços para contê-la sobre um grupo particularmente vulnerável às medidas de distanciamento social: as pessoas idosas que moram sós.

Foi, portanto, o anseio por pensar novas formas de cuidado aos velhos e velhas, forjadas sobretudo através da escuta das narrativas desses sujeitos, que me lançou no empreendimento desta pesquisa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Pandemia e vulnerabilidades: lições do século XX.....	15
1.2 COVID-19 e pessoas idosas como grupo de risco: categoria suficiente?.....	18
1.3 Pessoas idosas que moram sós e a dialética das vulnerabilidades e poéticas.....	25
2. OBJETIVOS.....	28
3. METODOLOGIA.....	29
3.1. Hermenêutica como filosofia prática: implicações metodológicas.....	29
3.2 A “velhice” é apenas uma palavra.....	31
3.3. Tecendo encontros: a inclusão dos interlocutores visando diversidade.....	32
3.4. A casa, locus da vida prática.....	34
3.5. Entrevistas como “exercício espiritual”.....	35
3.6. Interpretação das narrativas: trabalho a (pelo menos) 4 mãos.....	37
3.7 Aspectos éticos.....	39
4. NARRATIVAS.....	41
De onde se fala?.....	41
Dona Cecília.....	43
Dona Lygia.....	49
Dona Cora.....	55
Sr. Jorge.....	61
Sr. Rubem.....	67
Sr. Fernando.....	73
Dona Rachel.....	80
Sr. Vinícius.....	86
Dona Adélia.....	91
Sr. Mário.....	95
Sr. Luiz.....	100
Dona Conceição.....	105
5. VULNERABILIDADES.....	111
5.1 Gênero, sexualidade e cuidado.....	114
5.2 Tecnologias da informação e comunicação: entre o acesso e a exclusão.....	119
5.3 A juventude de Lélia é a velhice de hoje.....	123
6. POÉTICAS.....	128
6.1 Parceiros estranhos, parentes não humanos.....	128
6.2 Arte e cultura como (re)invenções do Cuidado.....	132
6.3 “Omwana ni wa bhone”: é preciso uma aldeia.....	135
7. CONCLUSÃO.....	138
8. REFERÊNCIAS.....	140

1. INTRODUÇÃO

“O meu prazer agora é risco de vida.”

Ideologia, Cazuza (1988)

1.1 Pandemia e vulnerabilidades: lições do século XX

A história da humanidade é marcada, periodicamente, pela emergência de epidemias, que assolam as sociedades trazendo prejuízos devastadores ao bem-estar dos indivíduos, bem como aos sistemas de saúde e de proteção social. Para além da crise sanitária que configuram, os fenômenos epidêmicos atravessam cada dimensão da vida humana coletiva, reconfigurando seus aspectos políticos, econômicos e culturais.

No início do século XX, a epidemia de “gripe espanhola” infectou, entre 1917 e 1918, aproximadamente um terço da população mundial, causando milhões de mortes por influenza, com cerca de 5 mil óbitos na cidade de São Paulo apenas entre os meses de outubro e dezembro de 1918 (Bertolli Filho, 2003). Além do impacto sobre a saúde da população paulistana, a epidemia, assim como os esforços empreendidos para contê-la, transformou radicalmente as dinâmicas sociais, econômicas e espaciais da cidade, comprometendo o abastecimento de alimentos e o transporte público, e influenciando significativamente as relações de cuidado e solidariedade entre os indivíduos. É nesse sentido, de seu efeito transformativo ao qual nenhuma dimensão da vida humana em sociedade escapa, que as epidemias podem ser vistas como “fenômenos sociais totais” (Queiroz, 2004).

Exemplo mais recente, a emergência e disseminação do vírus do HIV no início da década de 1980 ilustrou como a crise sanitária e de direitos desencadeada por um fenômeno epidêmico pode trazer, à parte seus imensuráveis prejuízos humanos, reflexões críticas e avanços no campo de conhecimentos da saúde coletiva (Ayres et al., 2003; Ayres, 2016). Um olhar para o fenômeno através de uma perspectiva epistemológica crítica pode evidenciar como as estratégias de cuidado podem se reconfigurar ao longo do tempo, especialmente se a produção de conhecimentos no

campo se dá de maneira articulada às lutas políticas protagonizadas pelos mais afetados pela crise sanitária, indivíduos frequentemente colocados à margem da participação social.

Nos primeiros anos da epidemia do HIV, as estratégias de saúde voltadas para conter a disseminação do vírus tiveram como norte o conceito de “grupo de risco”, através do qual indivíduos específicos (tais como homossexuais e usuários de drogas injetáveis), reconhecidos a partir de observações epidemiológicas, estariam mais suscetíveis a contrair e disseminar a doença viral. Ocorre que, a despeito do inegável valor das análises estatísticas para o avanço dos conhecimentos nas ciências da saúde, as estratégias de cuidado que tiveram como norte único o conceito de “grupo de risco” se mostraram pouco efetivas, e acarretaram significativos efeitos adversos: a estigmatização e marginalização dos indivíduos pertencentes a esses grupos e o não reconhecimento da epidemia como um problema universal (Mann et al., 1996).

Em um segundo momento, com o avanço do entendimento acerca do vírus, aliado à atuação política de ativistas e organizações não-governamentais, o norte das estratégias de prevenção se deslocou do conceito de “grupo de risco” ao de “comportamento de risco”. O resultado esperado das intervenções em saúde passou a ser, a partir de então, a adoção de “práticas seguras” por parte da sociedade como um todo, evitando uma separação arbitrária e falaciosa entre indivíduos suscetíveis x não suscetíveis. Se, com esse deslocamento conceitual, houve um inegável avanço no sentido da universalização do compromisso coletivo com a prevenção ao HIV, os indivíduos “não aderentes” aos comportamentos preconizados continuaram objetos de culpabilização individual. A essa altura, as escolhas desses indivíduos eram problematizadas essencialmente como produtos de “informação mais vontade”, negligenciando importantes aspectos das dinâmicas social e política em que esses sujeitos se inseriam, como acesso à justiça e participação comunitária na gestão dos serviços de saúde (Ayres et al., 2003).

É em uma fase já mais adiantada da epidemia do HIV, nos primeiros anos da década de 1990, que emerge um inédito e importante referencial teórico para o campo da nova saúde pública: o conceito de “vulnerabilidade”. Tal conceito, sem prescindir do instrumental oferecido pelas análises epidemiológicas que visam a identificação do

“risco”, busca apreender as suscetibilidades de grupos sociais específicos aos diferentes processos de adoecimento, considerando as dimensões social e programática implicadas nessa suscetibilidade, bem como os valores, conhecimentos e desejos dos indivíduos ou grupos em questão (Ayres et al., 2003). O esquema a seguir (adaptado de Ayres et al., 2003 e de Ayres, 2016) pode facilitar a discriminação teórica das três diferentes abordagens acima descritas:

Quadro 1: Conceitos em prevenção: alvos e estratégias

CONCEITO	PROBLEMA-ALVO	RESULTADO ESPERADO / ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO
<i>Grupo de risco</i>	Transmissão do agente causal a indivíduos suscetíveis	Reduzir o contato entre “infectados” e “suscetíveis”
<i>Comportamento de risco</i>	Contato dos indivíduos com o agente causal	Estimular práticas que evitem a exposição dos indivíduos ao agente causal
<i>Vulnerabilidade</i>	Suscetibilidade de grupos sociais à doença	Promover transformações sociais que reduzam a exposição e a suscetibilidade da exposição ao agente causal

Fonte: Adaptado de Ayres et al. 2003 e Ayres, 2016.

Um olhar para as especificidades conceituais de cada uma dessas abordagens explicita seu caráter não excludente e a interseccionalidade possível entre seus campos. Mais que isso, passados quase 30 anos de seu advento, fica evidente o enorme potencial transformativo que a utilização do referencial da “vulnerabilidade” carrega para a reflexão crítica acerca dos problemas de saúde pública e de nossas práticas de cuidado atuais.

1.2 COVID-19 e pessoas idosas como grupo de risco: categoria suficiente?

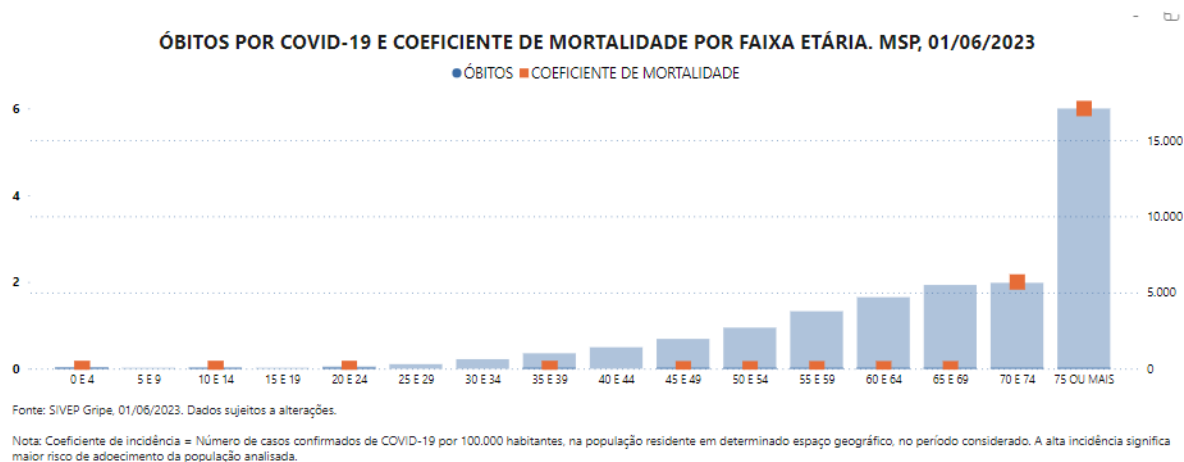
O ano de 2020 certamente permanecerá marcado na história pela emergência e disseminação mundial do novo coronavírus (SARS-CoV-2), maior desafio global em saúde pública já enfrentado no atual século. Até maio de 2023, mês em que a OMS declarou o fim do estado de emergência de saúde global, mais de 765 milhões de casos confirmados da infecção foram registrados no mundo, com óbitos na marca aproximada de 7 milhões, e com ao menos 700.000 mortes ocorridas no Brasil (World Health Organization, 2023). Se, por um lado, tais números atestam o caráter pandêmico do fenômeno, ao qual nenhuma região do planeta escapou, recortes analíticos mais cuidadosos evidenciam, por outro, que os impactos e prejuízos associados à doença viral não resultaram meramente dos atributos biológicos do agente infeccioso, mas dependeram e continuam dependendo decisivamente de fatores demográficos e políticos em suas especificidades locais, como por exemplo, as respostas implementadas pelos sistemas de saúde e de proteção social (Mishra et al., 2021).

Nesse sentido, investigações epidemiológicas conduzidas desde os primeiros meses da pandemia apontaram para uma forte associação entre idade e morbimortalidade pela COVID-19. Na Europa, por exemplo, 95% das mortes atribuídas à doença ocorreram em grupos de indivíduos com mais de 60 anos. Idosos com mais de 80 anos infectados pelo SARS-COV-2 apresentaram 5 vezes mais chance de falecer do que a média geral observada (United Nations, 2020). No Brasil, 45,2% das hospitalizações por síndrome respiratória aguda grave atribuída à COVID-19 se deram entre indivíduos de 60 anos ou mais, e dados de diferentes estados brasileiros sugerem que a incidência e mortalidade pela doença associaram-se fortemente a aspectos demográficos e socioeconômicos, como renda, por exemplo (Barbosa et al., 2020; Niquini et al., 2020).

No gráfico abaixo, que analisa óbitos ocorridos por COVID-19 na cidade de São Paulo até Junho de 2023, fica evidente como a associação entre faixa etária e coeficiente de mortalidade permaneceu significativa ao longo de toda a pandemia, incluindo períodos em que grande parte da população já se encontrava vacinada, o

que corrobora os achados das investigações epidemiológicas iniciais (São Paulo, 2023).

Gráfico 1:



Diante das referidas evidências, não demorou para que indivíduos com idade superior a 60 anos fossem incluídos na categoria de “grupo de risco”, com decisivas implicações práticas no planejamento das políticas de cuidado. Duas das medidas mais importantes decorrentes dessa perspectiva foram: em um primeiro momento, o esforço coletivo para implementar medidas de distanciamento social, no intuito de reduzir o contato de pessoas idosas com o agente infeccioso; e, com a disponibilidade das vacinas, a implementação de um programa vacinal norteado pelo critério de idade, priorizando inicialmente os indivíduos mais velhos.

Se, por um lado, é inegável que algumas das ações estruturadas sob a perspectiva do risco tiveram efeito protetor para as pessoas idosas, também ficou evidente - como já apontavam as experiências prévias - que tal modelo teórico não é suficiente para apreender a dinâmica dos fenômenos epidêmicos em sua complexidade, o que se traduziu em menor eficiência de parte significativa das medidas propostas, bem como no acirramento de iniquidades sociais previamente existentes.

Ocorre que, para além da mortalidade diretamente atribuível ao vírus, os indivíduos idosos apresentam maior suscetibilidade a outras consequências, físicas e mentais, associadas ao isolamento social. A solidão, entre esses indivíduos, é

reconhecida como “problema de saúde pública”, e está associada a maior frequência de visitas a serviços de saúde (Gerst-Emerson and Jayawardhana, 2015). A ausência de redes de conexão social, por sua vez, se associa a maior sofrimento psíquico, com aumento de sintomas depressivos e ansiosos (Santini et al., 2020). Ademais, o direcionamento majoritário dos recursos em saúde para o enfrentamento direto da pandemia, levou à precarização de outros serviços de assistência, fragilizando ainda mais a rede de suporte disponível a idosos portadores de doenças crônicas e necessidades complexas em saúde.

Sem ignorar esse cenário, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou, ainda no primeiro ano de pandemia, um relatório a respeito do provável impacto da pandemia sobre os indivíduos idosos, bem como possíveis nortes para o desenvolvimento de políticas de proteção dessa população. Fez-se fundamental, de acordo com o relatório da ONU, empreender um esforço coletivo para mitigar não só a morbimortalidade diretamente associada à COVID-19, mas também os efeitos indiretos da pandemia e das medidas estabelecidas para sua contenção. Dentre essas medidas, o relatório aponta que, a despeito de sua crucial importância como estratégia de saúde pública, o distanciamento social poderia implicar efeitos dramáticos para o bem-estar físico e mental dos indivíduos idosos (Ayalon et al., 2021; United Nations, 2020)).

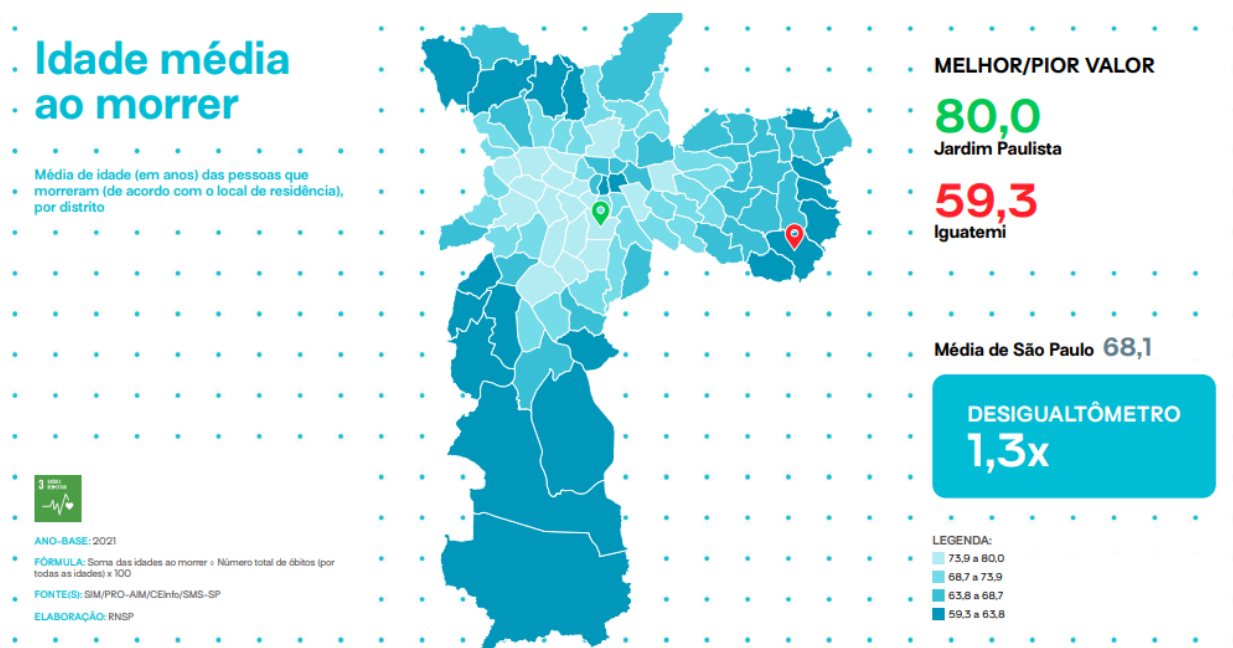
De fato, e a despeito das orientações da ONU e de outras entidades de direitos humanos, o que se observou, sobretudo no período que antecedeu a vacinação em massa, foi o estabelecimento de redes absolutamente insuficientes de assistência e proteção social às pessoas idosas, com consequências evidentes para a sua saúde mental, qualidade de vida e dinâmicas afetivas, também atravessadas pelo recrudescimento de representações simbólicas etaristas, cuja difusão massiva foi potencializada pelas redes sociais (Pocahy, 2022). No Brasil, país submetido a um (des)governo federal cujos discursos e ações se pautaram pela negação à ciência e pelo deboche deliberado com relação às vidas perdidas, as consequências de um esvaziamento dos serviços públicos de saúde - aqui concebidos em perspectiva interseccional - foram ainda mais perversas (The Lancet, 2020).

A estratégia de imunização implementada no município de São Paulo e os seus efeitos compõem um cenário emblemático no que se refere à insuficiência do conceito

de “risco” como único norte para as estratégias de enfrentamento à pandemia. Em consonância com os estudos epidemiológicos anteriormente citados, priorizou-se - à parte outras condições de saúde mais específicas - a vacinação por faixa etária decrescente, ou seja: vacinou-se, primeiro, os indivíduos mais velhos.

Ora, ocorre que diversos fatores que concorrem para os desfechos em saúde estão distribuídos de maneira absolutamente desigual no município, o que fica evidente quando examinamos os tempos médios de vida em diferentes distritos. A idade média ao morrer, em São Paulo, chega a variar em aproximadamente 20 anos quando se vai de um bairro central como Jardim Paulista - mais rico, branco e com maior acesso a serviços de saúde e de transporte - a um bairro periférico no extremo da Zona Leste, como Cidade Tiradentes - com maior proporção de população negra, de baixa renda, e com rede precária de atenção à saúde (Rede Nossa São Paulo, 2022).

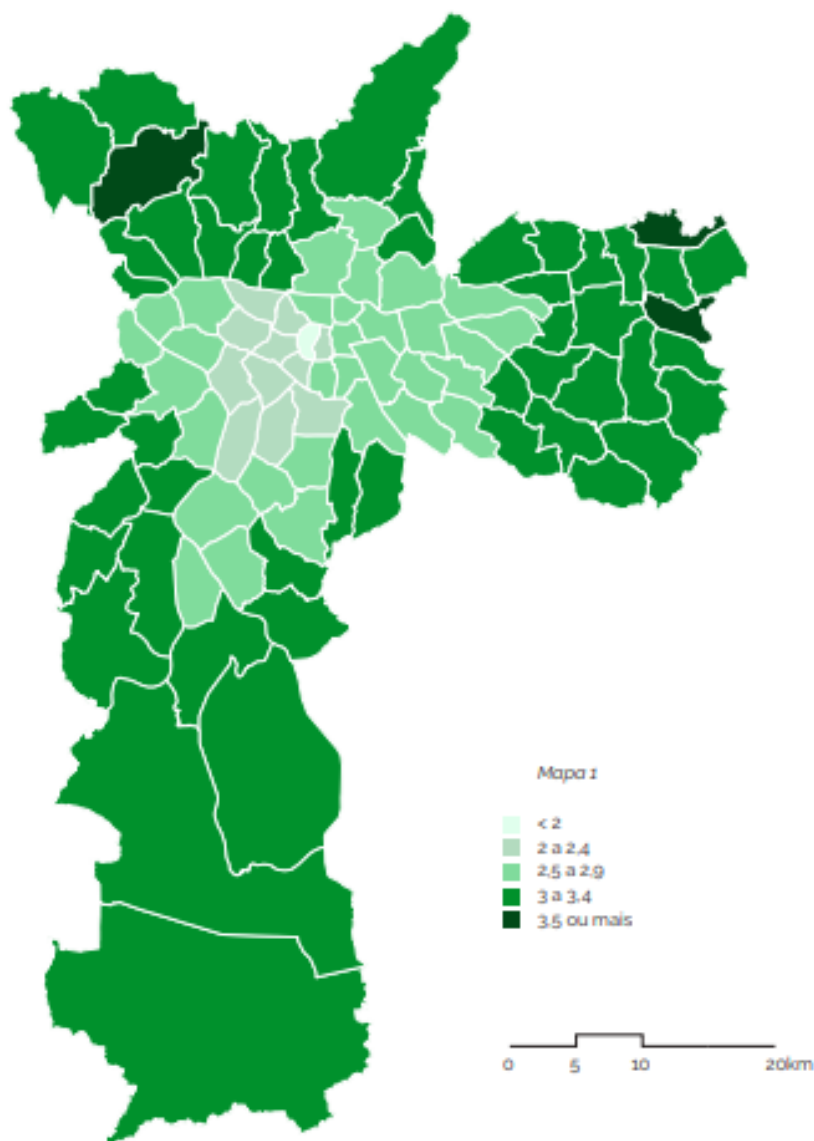
Figura 1: Gradientes de idade média ao morrer no município de São Paulo



A aterradora desigualdade que se estabelece entre os diferentes distritos é, certamente, mediada por um desequilíbrio profundo na distribuição de recursos e no alcance das políticas públicas no que concerne à habitação, renda, disponibilidade de serviços de saúde, segurança, educação e moradia. Como exemplo de grande

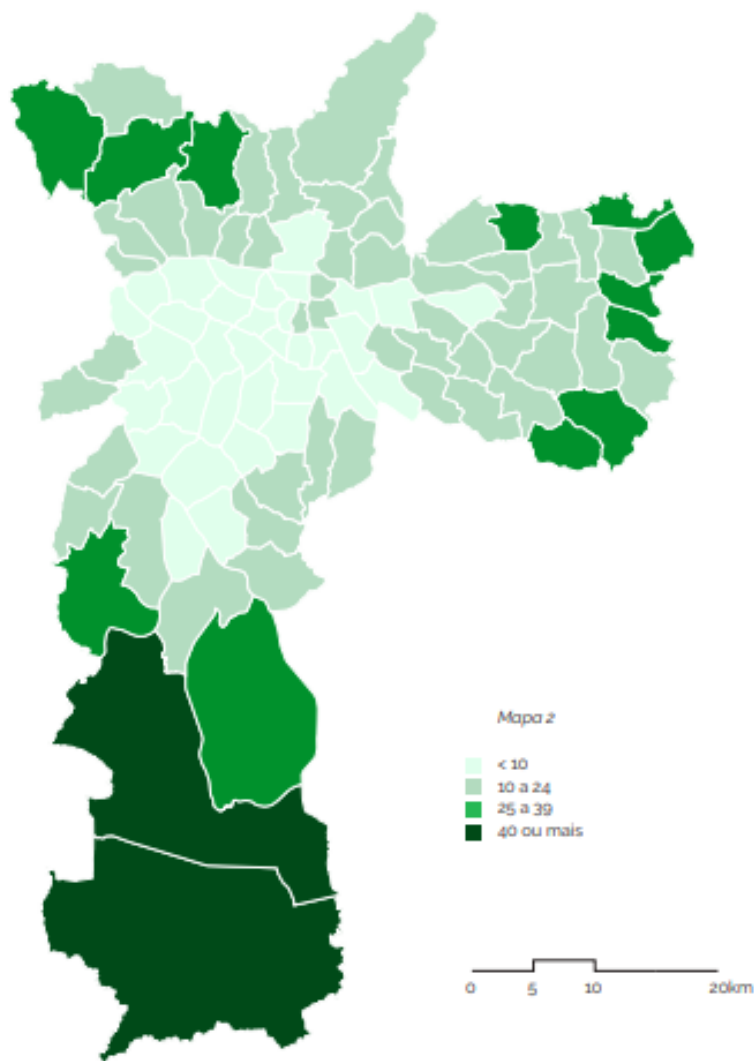
importância no contexto de que tratamos, analisemos graficamente as condições de moradia das pessoas idosas no município, considerando os indicadores disponibilizados pela publicação “Indicadores sociodemográficos da população idosa residente na cidade de São Paulo” (São Paulo, 2020):

Figura 2: Número médio de moradores em domicílios com idosos por distrito - São Paulo, 2010



Fonte: IBGE/Censo Demográfico, 2010. Elaboração: SMDHC/CPR/CPI

Figura 3: Proporção de idosos residentes em domicílios não adequados¹ por distrito - São Paulo, 2010



Fonte: IBGE/Censo Demográfico, 2010. Elaboração: SMDHC/CPRM/CPH

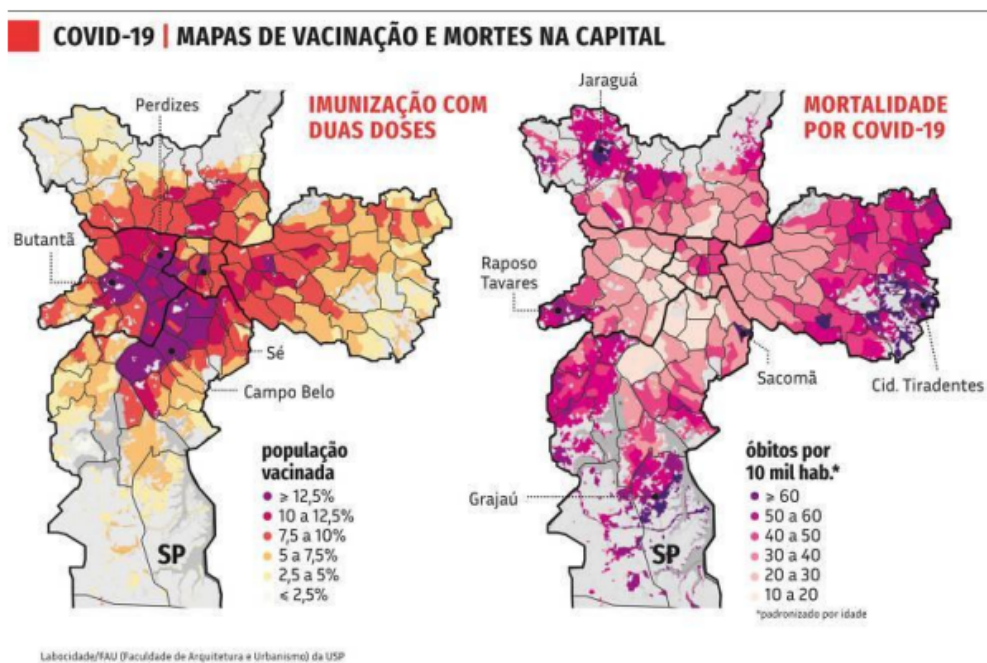
Como ilustrado, o número médio de moradores em domicílios com pessoas idosas varia significativamente quando comparadas as regiões central e periférica da cidade. De maneira análoga, a proporção de pessoas idosas moradoras em domicílios

¹ São considerados domicílios adequados aqueles que atendem a todas das seguintes condições: até dois moradores por dormitório; abastecimento de água por rede geral de distribuição; esgotamento sanitário por rede geral de esgoto ou pluvial ou por fossa séptica; e lixo coletado diretamente por serviço de limpeza ou caçamba de serviço de limpeza (IBGE).

não adequados difere radicalmente entre os distritos. Qual o impacto desses fatores de vulnerabilidade social e programática quando os indivíduos com mais de 60 anos são instados a permanecerem em suas casas?

Ficam evidentes, portanto, algumas das razões pelas quais a estruturação de um plano de imunização fundamentado meramente na associação entre idade e risco de morte, e alienado de outros determinantes de grande importância, levou à perversa desigualdade que os mapas a seguir denunciam: vacinou-se mais onde se morreu menos, onde as possibilidades de distanciamento social são maiores, onde há mais pronto acesso à rede de assistência em saúde, onde os impactos da pandemia sobre a renda foram proporcionalmente menores. Atendeu-se à variável epidemiológica, mas não aos sujeitos de saúde: perverso paradoxo do risco.

Figura 4:



É em uma diferença fundamental com relação à abordagem do risco que o quadro conceitual da vulnerabilidade guarda sua maior potencialidade. Se ao quadro do risco, como instrumental epidemiológico, interessa uma aproximação o mais analítica possível do empírico, isolando variáveis para uma mais precisa apreciação da associação estatística entre elas, pela perspectiva da vulnerabilidade, por sua vez, é o

caráter sintético da aproximação que se almeja. As 3 dimensões fundamentais inseridas no quadro teórico da vulnerabilidade - individual, social e programática - permitem uma mais ampla compreensão das necessidades e potencialidades dos sujeitos de saúde. Para além disso, o conceito de vulnerabilidade emerge de uma compreensão intersetorial e interdisciplinar da atenção em saúde, em estreita relação com o campo dos direitos humanos (Ayres, 2022). Fundadas no caráter sintético dessa aproximação, articulações de respostas mais efetivas podem ser construídas, sobretudo com a participação dos sujeitos de saúde envolvidos, que podem melhor apreciar o valor prático das intervenções em suas vidas. Frente à maior crise sanitária que o SUS já enfrentou, a articulação do quadro teórico da vulnerabilidade com o campo das práticas - não só no que se refere às políticas públicas estatais, mas à forma como coletivamente pensamos e construímos o cuidado com o outro - certamente contribuiria muito para redesenhar esses tristes mapas de desigualdade.

1.3 Pessoas idosas que moram sós e a dialética das vulnerabilidades e poéticas

Paralelamente ao conhecido fenômeno de envelhecimento populacional, uma outra mudança demográfica vem ocorrendo na sociedade brasileira nos últimos anos: o aumento da proporção de indivíduos idosos que moram sós. Um estudo conduzido com dados do censo de 2013 revelou que essa proporção, na região Sudeste do Brasil, é de aproximadamente 15% (Negrini et al., 2018), com tendência de aumento considerável nos próximos anos. Tal dado é de significativa importância para o planejamento de políticas de saúde voltadas para essa população, tendo em vista que uma associação entre arranjo domiciliar unipessoal e desfechos de saúde negativos (como depressão, maior dependência funcional e mortalidade) já foi sugerida na literatura (Pimouguet et al., 2016; Teguó et al., 2016), bem como o efeito protetor de redes de relações sociais bem estabelecidas (Holt-Lunstad et al., 2010).

No município de São Paulo, especificamente (onde cerca de 15% da população é constituída de pessoas com idade superior a 60 anos), vivem sozinhas aproximadamente 290 mil pessoas idosas, o que corresponde a 16% da população aproximada de 1,8 milhão de idosos, conforme apontam os dados do estudo SABE

(Domingues et al., 2020). Uma parte significativa dessas pessoas é portadora de condições complexas de saúde e afirma não dispor de suporte mínimo para o atendimento de suas necessidades diárias:

Outro dado preocupante é a quantidade de idosos que se encontra completamente solitária na capital paulista: mais de 8 mil, por diversos motivos, não têm um mínimo de suporte social. Nesses casos, o idoso não tem ninguém com quem contar, tais como parentes, vizinhos ou voluntários, e nem suporte de agentes profissionais da área social e de saúde. É ainda mais alarmante quando analisamos os dados em relação às condições de saúde dos idosos que moram sozinhos: 63,1% (183.477 mil) idosos têm duas ou mais doenças crônicas simultâneas. Entre as doenças mais comuns estão a hipertensão em 67,9% dos casos (197.434 mil), a diabetes em 25,4% (73.856 mil), as doenças cardíacas em 22,9% (66.587 mil) e as doenças pulmonares crônicas em 9,3% (27.042 mil) (Domingues et al., 2020, p. 28)

Sem desconsiderar a precariedade denunciada por estudos de base populacional, fundamentais para o embasamento da luta coletiva por direitos, há que se evitar uma generalização acrítica com apagamento das experiências singulares, equívoco em que poderíamos incorrer tomando arranjo domiciliar unipessoal como categoria intrinsecamente relacionada à experiência de solidão ou de acentuação das vulnerabilidades. Pois, assim como ocorre quando se olha para o envelhecimento em outros recortes demográficos, um exame cuidadoso das realidades materiais e relacionais desses indivíduos acaba por iluminar uma multiplicidade de “velhices” no interior desse grupo, marcadas por heterogeneidades de gênero, classe e raça, entre outras. Portanto, aproximações que pretendam profundidade na compreensão do fenômeno devem considerar as motivações ou eventos biográficos que levaram uma pessoa idosa, em sua singularidade, a morar só, reconhecendo que a experiência vivenciada pode ser radicalmente distinta quando é fruto de uma escolha ou quando parece a única formatação possível em meio a muitas impossibilidades - sejam elas de ordem material ou simbólica:

Considerando ser a família nuclear cada vez mais reduzida, contar com novas relações que possam dar e receber apoio é de vital importância para as pessoas idosas, em especial na junção das redes formal e informal, principalmente para os idosos que residem sós. Residir só pode e é, cada vez mais, uma alternativa legítima que reforça o conceito

de autonomia relacionado à pessoa idosa. O que deve ser motivo de atenção e cuidado é o motivo da escolha: opção ou falta de opção? (Domingues et al., 2020, p. 27)

Seja o arranjo domiciliar unipessoal uma opção ou necessidade, certamente o contexto específico experimentado pelas pessoas idosas que residem sozinhas fez da pandemia de COVID-19 um desafio de importância singular, dadas as consequências óbvias de se instar - a partir do discurso do “cuidado com os velhos” - esses indivíduos a permanecerem isolados em suas casas. Mesmo idosos bem adaptados ao arranjo domiciliar unipessoal, por exemplo, podem, na condição forçada de distanciamento social, apresentar maior dificuldade no acesso a suas redes de relações, com demandas de cuidado não atendidas e mais experiência de solidão. Tendo em vista as formas de comunicação amplamente empregadas no mundo atual, as disparidades em conhecimento e acesso à Internet e ferramentas digitais também apresentam papel determinante nessa dinâmica.

Como anteriormente colocado, se, por um lado, a denúncia dessas condições de precariedade é imprescindível para a luta coletiva por direitos sociais, essa deve se nortear por um horizonte ético que rejeita a adesão a perspectivas deterministas, cujos discursos subestimam e limitam a agência dos sujeitos. Tomando o referencial teórico das vulnerabilidades, entendemos que esses atores, ao se depararem com obstáculos a seus modos de andar a vida, respondem dialeticamente com produções poéticas - aqui entendidas no sentido das práticas-narrativas que os permitem “*transformar-se-com*” o mundo e os outros seres que nele habitam. É, portanto, mais pelo potencial (re)criativo de suas dinâmicas relacionais e afetivas em um momento histórico crítico, bem como pela conseqüente fecundidade expressiva de suas narrativas, que nos propusemos ir ao encontro desses sujeitos em particular.

2. OBJETIVOS

- ❑ Compreender, através de narrativas, a experiência de pessoas idosas que moram sós, durante a pandemia de COVID-19 na cidade de São Paulo.

- ❑ Analisar o impacto da pandemia de COVID-19 e suas consequências sobre a vida de pessoas idosas que moram sozinhas, à luz do quadro conceitual da “vulnerabilidade”, e reconhecendo suas dimensões individual, social e programática.

- ❑ Reconhecer - em meio à construção dialógica e intersubjetiva das narrativas e significações - poéticas de produção do Cuidado.

3. METODOLOGIA

"O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?"

Grande Sertão: Veredas, João Guimarães Rosa. (1956)

3.1. Hermenêutica como filosofia prática: implicações metodológicas

Tendo em vista a primazia da *construção dialética* e a pluralidade de saberes que se faz necessária para o exame das vulnerabilidades em saúde, este trabalho, de natureza qualitativa, recorreu à perspectiva da *hermenêutica contemporânea* como orientação epistemológica para o conhecimento aqui almejado. Dada a importância dessa perspectiva nesta construção, uma breve exploração de seus conceitos se faz fundamental.

Em seu sentido clássico, a hermenêutica designa a “arte de interpretar os textos”, inscrita sobretudo no campo das disciplinas da Teologia, do Direito e da Filologia. Levando adiante o projeto de Schleiermacher (1768-1834), que vislumbrou uma hermenêutica universal e não mais restrita a campos específicos do saber, Dilthey (1833-1911), no século XIX, deslocou a hermenêutica à posição de uma “reflexão metodológica sobre a pretensão de verdade e o estatuto científico das ciências humanas” (Grondin, 2008). É Heidegger, no entanto, que promoverá a mais radical das viradas filosóficas, levando à terceira e mais recente acepção de hermenêutica. Para esse pensador, compreender e interpretar é a nossa maneira de estar no mundo, e portanto o ato interpretativo não pertence unicamente à relação do humano com os textos, mas é condição indissociável da sua existência. A partir dessa “virada ontológica”, Heidegger concebe uma “hermenêutica existencial”, alçada à condição de filosofia prática, posição que, ainda que por variados caminhos teóricos, continuará presente na obra de outros pensadores da hermenêutica contemporânea, como Gadamer, Ricoeur e Habermas (Grondin, 2008).

Ainda que não se possa reduzir a hermenêutica contemporânea, aqui reconhecida como filosofia prática, a uma função estritamente metodológica, sua

perspectiva, tomada como orientação epistemológica, guarda enorme potência transformativa no campo do conhecimento e da pesquisa em saúde, tanto em seu caráter metadiscursivo, no sentido de uma releitura crítica dos discursos tecnocientíficos já produzidos e vigentes; quanto, e especialmente, em seu caráter interdiscursivo, no sentido de uma abertura compreensiva à recriação de saberes relevantes para nossas práticas de Cuidado (Ayres, 2005). Faz-se necessário, portanto, explorar sumariamente alguns conceitos das filosofias de Gadamer e Ricoeur, pela centralidade que assumirão nessa investigação.

Gadamer, para quem “o ser que pode ser compreendido é linguagem”, visualiza no chamado “círculo hermenêutico” a interação a partir da qual o ser humano pode entender-se com o outro sobre algo no mundo (Gadamer, 2006). É no encontro entre dois horizontes linguísticos diversos, e a partir de uma relação entre perguntas colocadas por um intérprete e as mais variadas respostas possíveis com que o interpretado pode se comunicar, que a experiência do primeiro é decodificada a partir do horizonte do outro. Dessa interação, marcada pela primazia da linguagem e pela abertura sempre renovada de suas possibilidades, emergem os conceitos de “fusão de horizontes” e “dialética de perguntas e respostas”. Como aponta Ayres:

Gadamer encara esse acesso ao outro não como um resgate de seu horizonte e sim como uma fusão de horizontes. Aquele que interpreta não decodifica uma experiência externa a si, a seu horizonte linguístico, mas decodifica a sua própria experiência a partir de necessidades e possibilidades trazidas pelo horizonte linguístico do outro. Na hermenêutica de Gadamer o interpretado suscita questões para o intérprete, mas é o intérprete que possibilita ao interpretado a proposição dessas questões. Através desta complexa dialética de pergunta e resposta, realiza-se, segundo Gadamer, o compreender incessante com o qual vamos, simultaneamente, decifrando e instaurando nosso mundo.” (Ayres, 2009, p. 203)

Ainda que a partir de uma perspectiva distinta, tributária do estruturalismo e da fenomenologia husserliana, Paul Ricoeur também concebe a hermenêutica como a forma inexorável do ser humano no mundo. Para esse autor, todo discurso é também, dialeticamente, um evento, no sentido de que não configura “apenas a experiência enquanto expressa e comunicada, mas também a própria troca intersubjetiva, o acontecer do diálogo.” Nesse sentido, ao se atualizar como evento, todo discurso é

compreendido como significação, que, quando comunicada, constitui “a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida.” (Ricoeur, 2000). É justamente a dialética de evento e significação, bem como a centralidade da narrativa como “forma privilegiada” em nossa constituição como humanos, que confere tamanha fecundidade às construções teóricas de Ricoeur para a reconstrução crítica de nossas práticas de saúde. Como aponta Carelli (2020):

Assim, utilizar a narrativa como forma de conhecimento, na prática clínica, é reconhecer o seu caráter mediador de “síntese do heterogêneo”. Ainda nas palavras de Ricoeur, “todos os textos poéticos, sejam eles líricos ou narrativos, [...] falam do mundo, embora não o façam de modo descritivo”. A isso corresponderia, de acordo com o filósofo francês, “um poder mais radical de referência a aspectos de nosso ser-no-mundo que não podem ser ditos de maneira direta”, ou seja, ao alcance eminentemente ontológico dessas configurações narrativas (Carelli, 2020, p.137).

3.2 A “velhice” é apenas uma palavra

Parece-nos necessário um comentário a respeito da escolha pelo uso da palavra "velhos" (e suas derivações) ao longo deste trabalho.

Com o objetivo de mitigar todas as formas de etarismo que recaem sobre as pessoas idosas em sua multiplicidade de condições, e em consonância com a recomendação do estatuto da pessoa idosa em sua mais recente versão, adotamos o emprego da linguagem inclusiva, sempre que possível e sem prejuízo da construção de sentido. Preferiu-se, nessas circunstâncias, o emprego da expressão "pessoas idosas" (Brasil, 2013).

Ocorre que há vasto repertório de literatura, ficcional ou em ciências humanas, que emprega a palavra "velhos", incluindo, notadamente, a crônica de Paulo Mendes Campos que empresta o mote a essa construção. E parece-nos que a recorrência do uso tem sentidos outros que não só a aderência à tradição, emergindo justamente da multiplicidade de acepções que o termo pode assumir, em diferentes contextos.

Não se esgotando na aproximação dialógica com pessoas de 60 anos ou mais, empreendemos, neste trabalho, um esforço hermenêutico no sentido de alcançar também aquilo que escapa ao corte de idade biológica, a velhice como "dato socialmente manipulado e manipulável", nas palavras de Pierre Bourdieu (Bourdieu,

1983). Em dados momentos do percurso, portanto, o recurso à palavra "velhos" pareceu-nos mais profícuo ao iluminar o caráter sempre relacional dessa categoria. Como sintetizou o sociólogo francês, "somos sempre o velho ou o novo de alguém", e "a juventude é apenas uma palavra". Consideramos, de maneira consoante, que "a velhice é apenas uma palavra", sem desconsiderar, no entanto, a primazia da linguagem na filosofia hermenêutica que nos orienta: uma palavra com toda a força que as palavras e narrativas exercem na construção de nossos mundos.

3.3. Tecendo encontros: a inclusão dos interlocutores visando diversidade

Rejeitando, conforme as palavras de Pierre Bourdieu, "o sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica" e considerando a pesquisa uma "relação social" que se estabelece inevitavelmente sobre uma determinada estrutura, a seleção dos interlocutores e interlocutoras, neste trabalho, fundamentou-se em um desenho não probabilístico (Bourdieu, 1999). Esta investigação, portanto, não pretendeu alcançar uma "amostra" que se configurasse isenta de vieses e representativa do ponto de vista estatístico; mas, em congruência com a referência hermenêutica que a orienta, teve por horizonte a expressividade do material empírico a partir do qual se trabalhou o processo compreensivo-interpretativo (Martínez-Salgado, 2021; Minayo, 1996).

Ainda que não reivindique representatividade estatística, a inclusão dos sujeitos participantes visou dialogar com a ampla heterogeneidade de experiências de velhice que se configura a partir de diferentes contextos individuais, relacionais e históricos. Como aponta Debert (1999, p. 93): "Classe social, etnicidade e arranjos de moradia dariam dimensões tão específicas ao envelhecimento que dificilmente poderíamos pensar na velhice sem especificar os grupos aos quais estamos de fato nos referindo". Sob essa perspectiva interseccional, a inclusão dos sujeitos participantes obedeceu a uma intenção de diversificação, privilegiada no interior das categorias de idade, gênero, raça, região de residência, estado conjugal e situação de trabalho.

Parece-nos interessante relatar os percursos e percalços que marcaram o trabalho de conhecer os participantes, contatá-los e convidá-los para a pesquisa e, finalmente, encontrá-los para um diálogo presencial. Inicialmente, idealizamos o

encontro com potenciais interlocutores em um ambulatório do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP) e - para evitar uma seleção restrita a ambientes de assistência à saúde - em serviços de lazer e cultura destinados à população idosa, como os oferecidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Algumas particularidades de nosso desenho, no entanto, nos levaram a outras formatações de encontros. Ora, é de se imaginar que para uma pessoa idosa que mora sozinha pode ser fonte de desconforto ou desconfiança aceitar receber um pesquisador, a princípio desconhecido, para uma conversa em sua própria casa, sobretudo em tempos de distanciamento social. Penso que talvez seja esse um dos motivos pelos quais os interlocutores que, à primeira conversa, na sala de espera do ambulatório, se mostraram abertos ao diálogo tornaram-se reticentes quando propus uma conversa mais longa em seus lares. Enquanto alguns limitaram suas possibilidades a uma conversa por telefone - e que, portanto, não atenderia ao desenho de investigação proposto - com outros não foi possível realizar um segundo contato.

Em toda *interação* de pesquisa, como aponta Bourdieu, é fundamental “tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca” (Bourdieu, 1999). Ainda segundo o sociólogo francês:

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O mercado dos bens linguísticos e simbólicos que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os linguísticos, dos quais estão dotados. (Bourdieu, 1999, p. 695)

Reconhecendo, portanto, tais efeitos, inevitáveis, produzidos na relação de pesquisa, fez-se necessário recorrer a outras estratégias de aproximação dos interlocutores, num esforço por estabelecer “familiaridade”, para Bourdieu uma das “condições principais de uma comunicação não violenta”. Nesse processo, foi de importância decisiva a participação de alguns mediadores dos encontros. Foi através de

conversas com amigos e amigas da pós-graduação e dos serviços de saúde onde já trabalhei que fui apresentado às pessoas idosas com quem conversei², o que se mostrou fundamental para atenuar a desconfiança anteriormente identificada. Para além da contribuição desses amigos, visitei pessoalmente um tradicional baile da “melhor idade” que ocorre semanalmente em um parque público da cidade de São Paulo. Comparecendo a alguns desses belos e interessantes encontros, fui apresentado pelo coordenador do baile - ciente de minha posição, interesse e da aprovação do trabalho por um comitê de ética - a algumas pessoas idosas que moram sós, de quem pude anotar os dados para agendar uma entrevista futura.

Após agendamento por um novo contato telefônico, as conversas se estabeleceram presencialmente, nas casas dos interlocutores. Se no início os critérios de inclusão - 60 anos ou mais de idade e residência em domicílio unipessoal no município de São Paulo - bastaram para nortear o processo, no decorrer da pesquisa a seleção foi orientada para atender às intenções de expressividade e diversidade, privilegiando, portanto, pessoas de recortes sociais, raciais ou geográficos ainda não ilustrados no grupo.

3.4. A casa, *locus* da vida prática

Se a decisão por conduzir as conversas nas casas das pessoas idosas adicionou alguma dificuldade do ponto de vista prático, desde o início essa opção metodológica nos pareceu imprescindível, por mais de uma razão: primeiro, pois constituiu um movimento no intuito de atenuar o distanciamento simbólico entre entrevistador, na sua posição de médico, e o entrevistado, em posição de pessoa idosa e portanto alvo de determinados discursos do campo da saúde; posições que poderiam restringir o diálogo a aspectos eminentemente técnicos do contexto da pandemia, quando, na realidade, nosso maior interesse reside em iluminar dinâmicas do “mundo da vida prática” desses sujeitos. Segundo, e talvez ainda mais importante para nossos objetivos: porque é justamente em seus lares que nossos interlocutores foram instados - se não constrangidos - a permanecerem durante a maior parte do tempo marcado pela

² No percurso das narrativas, descrevo como se deram os encontros com cada um dos entrevistados e entrevistadas.

pandemia. Ora, é justamente nesse *locus*, portanto, que o narrador teria a mais fácil alcance os espaços e objetos que pudessem catalisar seu fluxo evocativo, para além da possibilidade de apontar para os referidos “catalisadores”, designando-os - como se verá adiante, no corpo das narrativas - à maneira de “essa mesa”, “esses livros”. Por fim - efeito não considerado a priori, mas identificado logo aos primeiros encontros - os percursos realizados até as casas de nossos interlocutores e interlocutoras, realizados pelo pesquisador através do transporte público, revelaram-se muito ilustrativos das especificidades geográficas da cidade em suas desigualdades territoriais, contribuindo para a tessitura das cenas narrativas.

3.5. Entrevistas como “exercício espiritual”

Em “Compreender”, estudo em que se debruça sobre a entrevista como “relação social”, Pierre Bourdieu discorre sobre caminhos possíveis no sentido de “reduzir ao máximo a violência simbólica que se pode exercer” nessa interação que ocorre sempre sob a pressão de estruturas sociais. Por mais que, com esse intuito, se atue ativamente na seleção dos indivíduos e em outras dinâmicas concretas, persiste uma complexa dificuldade comunicacional que se estabelece entre dois limites - virtuais - de distanciamento ou aproximação, nunca realmente atingidos: de um lado, a proximidade total entre interrogador e interrogado, em que tudo está dado como natural e nada pode ser dito; de outro, a divergência total entre os interlocutores, onde confiança e compreensão não seriam alcançáveis (Bourdieu, 1999).

Para o sociólogo francês, portanto, para além do comprometimento contínuo com a reflexividade sobre o próprio método, o entrevistador deve esforçar-se por alcançar um horizonte de “exercício espiritual”, de modo a co-construir a entrevista como uma ocasião excepcional, para o interlocutor, de “tornar-se compreensível”:

Embora eles sem dúvida não percebam conscientemente todos os sinais desta disponibilidade (que requer sem dúvida um pouco mais que uma simples conversão intelectual), certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião

também de se explicar, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêem a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar. Acontece até que, longe de serem simples instrumentos nas mãos do pesquisador, eles conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso, como a impressão que eles dão freqüentemente de sentir uma espécie de alívio, até de realização, tudo neles lembra a felicidade de expressão (Bourdieu, 1999, p. 704).

Ainda que tributária de outra tradição filosófica, a análise de Bourdieu a respeito das entrevistas como interação social em nada nos parece antagônica a perspectivas fundamentais da hermenêutica filosófica como anteriormente abordadas - pelo contrário, se tomada a concepção gadameriana de “compreender-se com o outro no mundo”, por exemplo, ilumina-se todo um caminho de potente diálogo e “fusão de horizontes” epistemológicos (Bourdieu, 1999; Gadamer, 2006).

Ancorados, portanto, nessa perspectiva - metodológica, mas também ética, epistêmica - as entrevistas em profundidade, orientadas pela dialética de perguntas e respostas, não se ativeram a um roteiro estruturado; em contrapartida, para o alcance dos objetivos da investigação, foram orientadas, se preciso com intervenções do entrevistador, para os temas de interesse da investigação (Minayo, 1996). Os eixos temáticos principais e alguns exemplos de perguntas “disparadoras” podem ser visualizados na tabela abaixo:

Quadro 2 - Eixos temáticos e perguntas motivadoras da entrevista em profundidade

Eixo temático	Perguntas motivadoras
1. Impactos da pandemia e das medidas de isolamento sobre as vidas dos sujeitos participantes	<p><i>“Como a pandemia afetou a sua vida?”</i></p> <p><i>“Quais foram as mudanças que ocorreram com a pandemia e a necessidade de distanciamento?”</i></p>

<p>2. Efeitos da pandemia sobre as redes de co-cuidado dos sujeitos participantes</p>	<p><i>“Como a pandemia modificou suas relações com família, amigos e comunidade?”</i></p> <p><i>“Alguém ficou mais próximo? Alguém ficou mais distante?”</i></p>
<p>3. Póéticas de produção do cuidado estabelecidas em tempos de pandemia</p>	<p><i>“Como o/a Sr./Sra. lidou com essas mudanças?”</i></p> <p><i>“O que mais o/a ajudou a atravessar esse período?”</i></p> <p><i>“O que o/a Sr./Sra. aprendeu ou produziu nesses tempos?”</i></p>

A definição do número de entrevistas conduzidas se deu visando a *saturação temática*, em consonância metodológica com outros estudos qualitativos conduzidos no campo da saúde (Ayres et al., 2006; Carneiro e Ayres, 2021; Martínez-Salgado, 2021). Cabe ressaltar, frente à variedade de interpretações atreladas ao conceito de *saturação temática* na literatura em pesquisa qualitativa, que esse conceito é aqui tomado não como o momento (nunca verdadeiramente alcançado) da coleta em que nada mais “de novo” surge e, por consequência, o material empírico parece se repetir; mas como o momento em que se levantou material suficiente para a construção de uma totalidade compreensiva coerente com o quadro teórico subjacente (Martínez-Salgado, 2021).

3.6. Interpretação das narrativas: trabalho a (pelo menos) 4 mãos

As entrevistas, gravadas em áudio, foram transcritas (e analisadas) pelo entrevistador sob a forma de narrativas, assumindo que toda transcrição, por si, já é

atravessada por “esquemas interpretativos”. Recusando, portanto, o ideal da construção de um texto pretensamente neutro - em que muitas das observações do campo e dos processos intersubjetivos se perderiam - optamos por uma forma, tal como colocada por Bourdieu, “capaz de reproduzir a postura do qual o texto é produto”:

Pareceu, pois, indispensável intervir na apresentação das transcrições, pelos títulos e subtítulos e principalmente pelo preâmbulo, encarregado de fornecer ao leitor o instrumento de uma leitura compreensiva, capaz de reproduzir a postura da qual o texto é o produto. O olhar prolongado e acolhedor que é necessário para se impregnar da necessidade singular de cada testemunho, e que se reserva comumente aos grandes textos literários ou filosóficos, pode-se também concedê-lo, por uma espécie de democratização da postura hermenêutica, às narrativas ordinárias de aventuras comuns. Deve-se, como ensinava Flaubert, aprender a olhar para Yvetot do jeito que olhamos para Constantinopla: aprender por exemplo a dar ao casamento de uma professora com um empregado dos correios a atenção e o interesse que se prestaria à narrativa literária de um casamento desigual e a dar às declarações de um operário metalúrgico o acolhimento fervoroso que certa tradição da leitura reserva às formas as mais altas da poesia ou da filosofia (Bourdieu, 1999, p.712)

Novamente, ainda que esteja atrelada a outra tradição filosófica e que, nesse contexto, utilize a palavra “hermenêutica” em acepção mais associada à “arte de interpretar”, parece-nos que a perspectiva de Bourdieu, belamente sintetizada no trecho acima, em muito dialoga com postulados da hermenêutica como “filosofia prática”, sobretudo se emprestarmos de Ricoeur a concepção ampliada de texto como “ação humana” (Ricoeur, 2000).

Nesse sentido, o discurso dos entrevistados foi analisado privilegiando a narrativa como “forma de comunicação”, dada a sua potencialidade ímpar como meio linguístico de transmissão da experiência, como aponta Walter Benjamin:

Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas da comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios da mão do oleiro no vaso da argila. (Benjamin, 1989, p. 105).

Ainda dialogando com o pensamento do filósofo Paul Ricoeur, tomamos por horizonte interpretativo o alcance da *experiência como significação*, construída na relação dialógica entre sujeitos que partilham o que esse pensador chamou de “milagre da comunicação”:

A minha experiência não pode tornar-se diretamente a vossa experiência. Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. E, no entanto, algo se passa de mim para vocês, algo se transfere de uma vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. (Ricoeur, 2000, p. 27).

Se, na potente metáfora acima representada, Benjamin enxerga as marcas do(s) narrador(es) nos vestígios da mão do oleiro na argila, entendemos aqui, dada a perspectiva hermenêutica que orienta esse estudo, as narrativas construídas como vasos de argila trabalhados a (pelo menos) quatro mãos.

Quanto ao rigor e validade dessa construção, assumimos como critérios a consistência da argumentação no diálogo entre o quadro teórico selecionado e as evidências empíricas produzidas, bem como a coerência com a base epistemológica de nossa investigação (Gastaldo, 2021; Minayo, 1996).

3.7 Aspectos éticos

O projeto foi submetido à apreciação da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) do HCFMUSP, e está aprovado na Plataforma Brasil, sob o CAAE 54896721.6.0000.0068.

O consentimento de todos os sujeitos participantes foi obtido através de assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), após orientações quanto ao teor da investigação e riscos mínimos associados. Conforme acima exposto, todas as medidas sanitárias preconizadas no contexto da pandemia (como o uso de máscaras, adequação do status vacinal e cuidados com assepsia) foram atendidas.

Os nomes atribuídos aos narradores e narradoras são ficcionais, em duplo caráter: por um lado, ficcionais porque visam manter sob sigilo a identidade real dos entrevistados e entrevistadas; por outro, porque foram escolhidos em meio a nomes de

grandes contadores e contadoras de histórias da cultura brasileira, sendo, portanto, oriundos de nossa ficção.

4. NARRATIVAS

*“Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem”*

Clube da esquina II - 1978

De onde se fala?

Que nossos narradores falassem da mais ampla diversidade de espaços - geográficos ou simbólicos. Foi com essa pretensão que norteamos a busca pelos participantes da pesquisa, e considerando, sobretudo, categorias que sabidamente atravessam a experiência dos sujeitos em suas vulnerabilidades e potências.

O mapa abaixo ilustra a distribuição espacial dos domicílios visitados no território ocupado pelo município de SP. Na sequência, a tabela expressa as principais características demográficas de cada um de nossos interlocutores.

Figura 5 - Distribuição geográfica dos domicílios visitados³



³ No mapa, destacam-se 10 pontos, enquanto na tabela estão listados 12 participantes. Ocorre que 2 pares de interlocutores residem no mesmo bairro.

Quadro 3 - Características sociodemográficas dos interlocutores e interlocutoras

Participante	Idade	Gênero	Raça	Estado conjugal	Ocupação / profissão	Bairro de residência
Cecília	76 anos	Mulher	Branca	Casada	Professora aposentada	Jardim Paulista
Lygia	79 anos	Mulher	Branca	Viúva	Professora aposentada	Jardim Paulista
Cora	71 anos	Mulher	Branca	Divorciada	Trabalhadora doméstica aposentada	Jardim Etelvina
Jorge	77 anos	Homem	Pardo	Viúvo	Pedreiro aposentado	Vila Jacuí
Rubem	85 anos	Homem	Branco	Separado	Jornalista aposentado	Lapa
Fernando	76 anos	Homem	Branco	Divorciado	Advogado aposentado	Jardim Paulistano
Rachel	74 anos	Mulher	Branca	Viúva	Comerciante aposentada	Vila Leopoldina
Vinicius	80 anos	Homem	Pardo	Viúvo	Metalúrgico aposentado	Casa Verde Alta
Adélia	80 anos	Mulher	Branca	Viúva	Empregada doméstica aposentada	Jardim São Jorge
Mário	86 anos	Homem	Branco	Viúvo	Gerente de banco aposentado	Brás
Luiz	74 anos	Homem	Pardo	Separado	Pedreiro aposentado	Jardim Vera Cruz
Conceição	90 anos	Mulher	Preta	Solteira	Cozinheira aposentada	Jardim Vera Cruz

Dona Cecília

*“Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.”*

Cecília Meireles

21 de abril de 2022

Quando uma amiga, também médica, soube do teor de meu estudo e de meu interesse por entrevistar em profundidade pessoas idosas que moram sós, logo pensou em sua mãe. Ofereceu-me, generosamente, conversar com Dona Cecília e averiguar sua receptividade à ideia. Após ter sido apresentado, portanto, pela própria filha, realizei contato por aplicativo de mensagens via celular e, alguns dias depois, Dona Cecília me recebeu, gentilmente, em seu apartamento na Alameda Santos. Sentamos em lados opostos à mesa de madeira da sala, e conversamos por aproximadamente uma hora. Durante a conversa, pareceu-me que não havia mais ninguém conosco na casa. Após a entrevista, Dona Cecília me convidou a conhecer brevemente os espaços do apartamento. Esse é amplo, iluminado, e comporta um escritório amplo e confortável, onde Dona Cecília executou, em meio à pandemia, grande parte do *trabalho* que rege o fluxo de seu relato.

“Você tem que trabalhar”: o trabalho como Cuidado

Interessou-me, desde o início da conversa e a partir do rumo que ela tomou imediatamente, a centralidade do trabalho na narrativa de Dona Cecília. Seu relato está impregnado pelas dificuldades, mas também pelas alegrias, relacionadas ao trabalho, - trabalho como professora, trabalho com a casa e com os netos, trabalhos de elaboração subjetiva - o que me parece ter afetado decisivamente a sua experiência durante os tempos de pandemia. O radical “trabalh” emerge, ao longo da transcrição textual de nosso diálogo, mais de 80 vezes.

- E vamos lá...Então, Dona Cecília, eu queria escutar da senhora o que a senhora quiser falar a respeito de como foi...como esses tempos da pandemia afetaram a sua vida, o quê que foi diferente, alguma coisa que foi interessante, o que foi mais difícil...

- Bom, eu sou professora aposentada do ensino oficial do Estado de São Paulo e depois da aposentadoria eu fui contratada para trabalhar na Fundação Vunesp. Antes disso, desde os anos oitenta, eu já fazia parte da correção dos vestibulares e dos concursos da Fundação da UNESP...e a fundação é que aplica, não é? É ligada à UNESP, é lógico, né...E aplica e elabora as provas, e depois as que tiverem correção, que são provas dissertativas, são corrigidas...e nessas correções eu participava, já...embora ainda trabalhando como professora do Estado, mas as correções eram nos finais da semana ou, muito mais, nas férias. Então eu aproveitava até pra ajudar no orçamento, porque professor você sabe, né? O salário é uma miséria...Bom, mas tudo bem, eu gostava disso, era professora ainda e depois então em 94, final de 94, saiu a minha aposentadoria e aí fui contratada como técnica em avaliação educacional. Aí, nos anos...final de 99, por aí, eu passei a ser responsável pela área de medidas. De medidas, que cuida de todas as provas. Do preparo das provas. A gente não elaborava, tem as bancas que elaboram, mas a gente é que tinha que fazer todos os trabalhos de leitura, de correção, de atendimento, né...de preparar a prova para ser aplicada. Então esse era o meu trabalho, comecei como técnica e depois fui ser responsável pela área, por todas as provas que eram aplicadas. E fiquei em trabalho sempre presencial, né...oito horas por dia, trabalhando presencialmente, até que chegou a pandemia.

É sobretudo essa rotina atrelada ao trabalho que será radicalmente rearranjada pelas imposições da pandemia, com a necessidade de distanciamento social e o conseqüente trabalho à distância. Mas esse rearranjo não se restringe à esfera do trabalho formal propriamente dito, atravessando também as relações familiares e levando a repactuações dos “domínios” que se estabelecem no domicílio.

- Aí, então, veio a pandemia...a primeira coisa, então: “Todo mundo em casa!”. A trabalho remoto, tudo bem...Aí como que faz? Trabalhar em casa? A gente não tinha estrutura, não é? A minha rotina até então era levantar umas cinco e meia, cinco horas...ir pro trabalho, começar às oito e ir até às cinco, às vezes até às dezoito, conforme o trabalho, a requisição, o volume do trabalho que eu tinha que entregar pra gráfica, pras provas, concursos...

- Como é que a senhora ia pro trabalho, Cecília?

- Ia de carro, e depois...

- Dirigindo?

- Dirigindo. Dirigindo o meu carro, eu ia. Mas depois, com a cirurgia da prótese do quadril, total...a primeira cirurgia foi em 2000 e a segunda, quando teve que trocar, em 2020...em 2019, que eu ainda tava trabalhando presencial e não tinha a pandemia...começo de 19! Aí eu já não fui mais de carro, eu ia de motorista...me pegava, né, me trazia, e ficou assim...Mas a minha rotina era levantar e ficar o dia inteiro fora, trabalhando, e voltar no final do dia. Aí o S. estava aqui e tem o escritório, né? O quarto em que nós fizemos o escritório. E ele

usava, porque eu saía pela manhã, e ele é que usava o escritório. Ele já era aposentado (...) e o escritório era do domínio dele...o computador...Então, aí com a pandemia...no começo de 2000⁴, ele foi pra X⁵...sempre ia, né, pra rever os amigos, tocarem, reunir novamente o conjunto...tocavam e matavam as saudades, né? Aí ele voltou, no começo, muito gripado...e já com a possibilidade de haver COVID, né, de haver a pandemia, ele não voltou pra casa...ele ficou num apartamento na Oscar Freire, bem na esquina com a Cardeal...ele já ficou lá. Por causa da minha idade, também, já com 75 anos, e ele ficou lá.

-Antes ele morava aqui com a senhora?

-Morava aqui. Mas aí com a pandemia ele ficou lá e até hoje ele continua...Ele só vem, assim, quando reúne a família, tudo. Porque ele quer o canto dele e tudo bem, a gente respeita. Mais do que justo, ele pode tocar, pode...porque aqui, eu trabalhando, ele não podia, né? Eu me apossei do computador, mas eu tinha que trabalhar e ele não. Então ele ficou lá. É o canto dele, é um refúgio dele, eu respeito...É uma opção da pessoa, então tem que respeitar e eu fico também numa boa. Então eu trabalhei, no começo...então agora voltando ao trabalho, né?

Como se percebe, o relato de Dona Cecília é fortemente marcado pela *temporalidade subjetiva* do trabalho e as reconfigurações que esse sofreu em consequência da pandemia. Logo após descrever os motivos do distanciamento de seu marido, com quem anteriormente Dona Cecília dividia a casa, a narradora redireciona a conversa para as novas imposições do ofício, agora à distância e sob a dependência de dispositivos tecnológicos antes pouco explorados.

- (...) então agora voltando ao trabalho, né? Remoto...No começo o duro foi se habituar à rotina, né? Ao computador e ao programa, ao acesso remoto. Por quê? Não tanto a técnica de você acessar e trabalhar, mas a internet...a falta da internet, que não é boa...era mais que faltava, que caía, que a gente tinha...Aí o celular foi a salvação da falta da internet. Então toda essa tecnologia que a gente não estava acostumada é que foi assim...que me deixava muito preocupada e tensa, né? Porque eu não tinha esse domínio. Você chega lá na VUNESP, cada um tem a sua mesa, tem o seu computador...qualquer problema você tem a T.I., liga: "Ó, meu celular deu problema", aí vinha o técnico arrumar. Então a gente nem sabia o que que podia acontecer. Em casa acontece de tudo, né? É internet que cai, você tá participando e aí tem as reuniões...que a gente reunia, né...por que como eu vou coordenar uma equipe de 30 pessoas à distância? Então essa foi a maior dificuldade.

Enquanto perdura, a rotina do trabalho à distância confere preenchimento e atribui sentido aos dias de Dona Cecília, em distanciamento social. Mas a ocorrência de uma ruptura implicará a necessidade de novos trabalhos de reorganização.

⁴ Pelo contexto, é possível presumir que Dona Cecília se refere a 2020.

⁵ Nome da cidade, aqui omitido visando resguardar sigilo de identidades.

- *Aí eu trabalhei então até 18 de junho do ano passado. Agora vai fazer um ano que eu parei. Aí foi então que acabou aquela rotina. De todo dia: levantar cedo, já ligar o computador, pra ver se ia esquentando, né? Parece que tinha que dar a manivela...pra poder conectar, né? A conexão era difícil...Aí entrava, né, no acesso remoto...E aí já não tinha mais essa rotina!*

- *Quando foi, Cecília, que mudou isso?*

- *A minha aposentadoria?*

- *É.*

- *18 de junho que veio assim, ó...A secretária ligou. Porque começou a haver também cortes...Com a parada de concursos houve uma parada do trabalho. Não havia mais aplicação. Porque não podia. Não havia mais presencial, os concursos são por salas...40 pessoas numa sala, ou quando é auditório mais de 100, então não podia...então todos foram suspensos, os concursos. A VUNESP ficou sem arrecadação. (...) Não entrando orçamento, eles começaram a cortar as pessoas que não faziam tanta...que podiam, né, ser dispensadas. Aí teve uns 2 cortes e depois, então, no dia 18 eu saí. Eu até colocava mesmo pro diretor, porque...os técnicos são mais jovens. Ele sabia da minha idade e sabia também que eu era aposentada. Ele me perguntava: “Quem pode ser dispensado?”. Há gente que é arrimo de família, então havia os aposentados que podiam ser, porque já tinham, bem ou mal, o arroz e feijão pra poder se virar naquele momento. E daí então eles cortaram os mais antigos. Porque já estavam voltando os mais jovens a trabalho em escala. Eu fiz a escala, por semana, por dias. Durante a semana todos iam duas vezes, no começo, e três remotos. Aí depois passaram a ir três dias por semana e dois remotos. E depois aí liberou tudo, e já estavam todos liberados. Mas, na idade de mais de 60, eles não liberavam. E eu continuei remoto. Todos lá. Então era tudo por WhatsApp que a gente fazia as reuniões pra eu poder trabalhar. Aí eu já tinha feito 75 e eles precisavam também...ainda a VUNESP não estava bem financeiramente, aí veio a minha vez também, e de mais uma colega que já tinha mais de 75, também, da minha equipe...fomos então os últimos a serem dispensados da minha área.*

- *E como que a senhora sentiu?*

- *Aí que foi o baque. A mudança da rotina. Aí chegava quatro e meia, o olho estalava. Aí fiquei assim...triste! Triste, mas aí eu pensava: “Você tem que trabalhar, não é, Cecília? O que você quer mais? Você tem que aceitar...já trabalhou muito, chegou a sua vez de descansar. O que você tinha que fazer já fez!” Então era assim, uma conversa comigo mesma pra poder não me entregar àquela rotina. Tem que reconhecer: “Chega. Agora você vai fazer o que você gosta. O que você vai poder? Ainda tá pandemia, mas você pode ajudar. Você tem três netos.” Eu falava, né? “Tem três netos. Duas filhas. Que sempre tão precisando de ajuda. A sua vida não é só isso aí, o trabalho de casa...” Mas no momento o que eu podia fazer? Não podia nem frequentar o SESC, tava fechado, fazer hidro...fazer alguma atividade...Daí passou. Sabe? Fui me reorganizando, me reorganizando mentalmente.”*

No momento da crise sanitária, que inevitavelmente se fez crise econômica, a lógica capitalista avidamente procura pelos indivíduos “mais dispensáveis”. Dona Cecília não conclui a frase, mas enuncia que logo passaram a ser desligadas “as pessoas que não faziam tanta...”. Que não faziam tanta falta? Que não faziam tanta

diferença? Evidentemente, ainda que sob a premissa, também aceita por Dona Cecília, da prioridade dos “menos protegidos” (aqueles ainda não aposentados), o critério aqui aplicado será o de se desvencilhar primeiramente dos indivíduos tidos por menos produtivos, de maior risco e, portanto, mais onerosos: os mais “antigos”.

O desligamento do trabalho é para Dona Cecília “um baque”, motivo de tristeza. A força desse evento como marco temporal, que reorganiza o seu tempo subjetivo, é evidenciada pela lembrança precisa da data, cujo aniversário de um ano se aproxima. Em face desse rompimento, Dona Cecília diz a si mesma: “Você tem que trabalhar.” Metonimicamente, o verbo “trabalhar” aqui parece fazer alusão à elaboração subjetiva que se fez necessária à narradora nesse momento de sua vida, enquanto, segundo suas próprias palavras, foi se “reorganizando mentalmente”.

“O que me salvou foram meus netos”: avosidade como Cuidado

- Eu não tinha uma retaguarda familiar pra me ajudar. Mas o que me salvou foram os meus netos. Principalmente a G., que é a filha da L., né? A L. tem um casazinho: a G. e o J. O J. tem 9, agora vai fazer 10, e a G., que já tem 13 anos. Então na época ela tinha 11. Mas criança já nasceu, né, com o celular na mão! Então eles que me ajudaram. Principalmente a G. e a minha filha, outra, a F., que é também mais disponível, era dentista e também fechou o consultório. Então, ligava: “F., aconteceu isso e isso...” E ela me orientava. E mesmo os técnicos lá, minha turma, também me ajudavam. (...) Então ficar sozinha, sozinha, não fiquei. Por quê? A L. tinha, no começo...você ainda estavam trabalhando, até que também tiveram, né...mas as crianças ficavam aqui. Da L.: a G. e o J.

- Ao longo do dia?

- Ao longo do dia.

- Mas à noite a senhora ficava só?

- À noite, às vezes, eles dormiam também, porque pela manhã às vezes eles tinham aula também online, algumas matérias como capoeira, desenho, educação física...E às vezes eles preferiam ficar. Então mais ficavam aqui que iam pra casa.

Na narrativa de Dona Cecília, um movimento singular se estabelece: não é um afastamento que ocorre em decorrência da pandemia e suas consequências, mas uma maior aproximação e convivência entre avó e netos. Durante o período evocado em seu relato, dois de seus netos permaneceram mais próximos, fazendo-lhe companhia e

fruído de seus cuidados, mas também auxiliando a avó no enfrentamento de novos desafios, em uma relação de cuidado e educação mútuos.

Os netos, conforme as palavras escolhidas por Dona Cecília, a “salvam”, e o fazem em três tempos identificáveis e que se presentificam em sua narrativa. Quando, nessa relação de cuidado mútuo, a auxiliaram a lidar com os dispositivos tecnológicos imprescindíveis ao trabalho; quando atribuem sentido à sua rotina após o “baque” de sua aposentadoria; e quando iluminam um horizonte mais esperançoso para seu futuro:

- Mas não reclamo. Não reclamo de poder ajudar. Faço com muita satisfação, com muito prazer, de poder, e agradeço, por poder ainda ajudar. E ter ainda, assim...ainda me considero não tão idosa, né? “Ai, agora tô velha, tô cansada...”. Não! Cabeça erguida e vamos pra frente...”

Dona Lygia

“Ouço duzentas e noventa e nove vezes o mesmo disco, lembro poesias, dou piruetas, sonho, invento, abro todos os portões e quando vejo a alegria está instalada em mim.”

Lygia Fagundes Telles

29 de abril de 2022

Assim que saí do elevador, no sexto andar de um edifício da rua Sarutaiá, região nobre de São Paulo, Dona Lygia me esperava de portas abertas, convidando-me, com um abraço, a adentrar seu apartamento. Na cozinha, duas trabalhadoras, apresentadas pela anfitriã como mãe e filha, preparavam o almoço. Para além dos 3 integrantes da cena, o gato, de nome Francisco, também me saudou.

Sentamos então em seu escritório, frente a frente, apoiados em um balcão onde Dona Lygia deixou à minha espera um convidativo pedaço de torta de banana com amêndoas. Tamanha receptividade afetiva provavelmente se deve ao fato de que fui apresentado à Dona Lygia, assim como a proposta da entrevista, por sua médica geriatra de confiança, de quem sou amigo.

Ao longo da conversa, que dura aproximadamente uma hora, Dona Lygia brinca com frequência, lança mão de palavrões e se desculpa por esses. Ri em vários momentos da narrativa.

- Olha, a pandemia foi uma coisa horrorosa! É a primeira vez, nos tempos modernos...porque teve outras pandemias, né? Então foi uma coisa, uma surpresa, ruim, pegou todo mundo...por que “O que é?”, “O que não é?”, “Mata ou não mata?”, “Pode fazer isso ou não pode?”...Ninguém sabia, principalmente os responsáveis pela saúde pública, né? Então, entre os amigos, fala-se: “Você descobriu alguma coisa? O que é? O que não é?”...Foi um alvoroço negativo! Porque foi assim uma experiência muito ruim...em todos os sentidos. No sentido das informações, não tinha uma voz oficial falando alguma coisa, assumindo alguma coisa...então era ouvir os programas jornalísticos, de TV, nenhum deles de grande confiabilidade, na minha visão...mas melhor alguma coisa mais ou menos errada do que nada! E depois a gente já conhece a linha de trabalho dos jornalistas, então já separa uma coisa ou outra. Mas foram meses muito desequilibradores. Porque era uma histeria tão grande de todos nós, né? Não poder pegar no corrimão, não poder pegar na chave, eu não podia, na hora de apertar o botão, não podia o dedo colocar lá, tinha que aproveitar que já tava com a chave na mão e apertar com a chave...Fazer as compras era um horror porque tudo que chegava tinha que lavar...cada um...guardar, enxugar...que produto que era adequado, que produto que não era adequado? E, evidentemente, naquela ocasião, eu dispensei a minha diarista, porque ela

também tem uma idade vulnerável e então não adiantava, porque ela toma...acho que ela toma quatro conduções pra vir até aqui, então ela teria contato e tudo o mais, então ela mesma falou, foi a primeira coisa: “Eu não vou porque não quero criar problema...”. Enfim, a rotina ficou completamente de cabeça pra baixo. Tudo, tudo, tudo...Das mais comuns, porque é isso: não dava pra fazer compras, não dava pra sair de casa, então tinha que encomendar...nas grandes redes sempre tudo ocupado, não resolvia na hora...e aí não era sempre que tinha o que a gente queria pra cozinhar...Aí comecei a comer comida feita, né? Que era outro horror, né, porque mesmo as recomendadas, pessoas conhecidas, não eram o gosto que eu gostava...cada um tem um jeito, mesmo. Aí começou a ficar tudo muito caro! Então foi um período, assim, não vou dizer de guerra porque eu estaria minimizando a guerra, mas foi um período de alguns meses, até a gente ter alguma informação minimamente coerente...mas mesmo assim ficou um bom tempo bem descontrolado. Eu lembro que tinha um...é uma espécie de um rodo, chinês, claro, né? Que você apertava perto do lugar que segura, e ele soltava...tinha um cano aberto, né, a gente punha o produto de limpeza lá, a parte de baixo era como se fosse um capachinho e então a gente ia passando aquilo lá que ia tirando as manchas do chão. E foi outra experiência incrível, porque eu não tava mais acostumada com isso. E o cabo caía, acabava o líquido e eu não percebia...eu punha demais e molhava demais...Quer dizer: hoje é gostoso lembrar, mas foram poucas as coisas que mantiveram uma rotina! Uma rotina tradicional. Teve uma nova rotina. Pior, e foi difícil de se acostumar. Com tudo...com tudo: lavar roupa, limpar casa, fazer comida, ir em médico, então...tinha que ir porque tinha...eu tenho comprometimento pulmonar, e já está desde antes da pandemia, agora virou crônico. Ou seja, eu tô mais chateada ainda, mas enfim...E então eu falava “Eu não posso pegar esse maldito desse vírus porque eu sou grupo de risco, né?”. Então qualquer tosse eu falo: “Meu Deus! Eu vou ter que ir pro hospital, não tem lugar no hospital! Como é que vai ser?” Não há como ser uma pessoa passiva, controlada, inglesa! Não dá pra falar: “Não, imagina...”. Então tudo era motivo de uma agonia muito grande, de um mal estar emocional muito grande.

Logo ao início de sua fala, Dona Lygia traz à luz a radical reorganização que a pandemia impôs à sua rotina, afetando diversas dimensões de sua vida diária, como acesso à alimentação, informação e serviços de saúde. Reconhece-se como parte de um “grupo de risco”, o que, aliado à doença pulmonar de que se diz portadora, concorre para que sua experiência seja a de “agonia” e “mal estar emocional” muito grandes.

“Eu sou a geração de 1968”: memória política e vulnerabilidade programática

A narrativa de Dona Lygia, que transita por sentimentos de impotência, esperança, tristeza e humor, é também fortemente marcada por um tom de denúncia política. É sua constituição biográfica que permeia a interpretação da crise atual, por ela nomeada de “*pandemônio*”:

- E, pra mim, é difícil separar a saúde pública de uma política de governo. Se ela é pública, tem a obrigação de o governo fazer isso. Quer dizer: não sou eu que tô doente, é toda a população do mundo! Então, nos noticiários dava o que os outros países tavam fazendo...e aqui no Brasil, com essa tristeza...eu me recuso a falar o nome do presidente da

República...não falo o nome dele! Eu não vou dizer que a gente não mereceu porque ele foi eleito. Então a gente não merecia esses 30% da parcela da população que votou nele! Então a parte emocional, relacionada a futuro, relacionada à própria política...eu sou bastante atenta pra essas coisas, eu sou a geração de 1968, então eu sei o que foi ditadura! Então alguma coisinha não é uma coisinha...é uma coisona! Eu já vi esse filme antes...Então tudo foi muito desgastante, era pouco ponto de apoio que existe, né, no meu caso. Então é isso...tinha que fazer muita força pra falar “Não, isso vai passar...”. Mas o tempo foi mostrando que não ia passar. Porque, imagina, um país que tem 3 ou 4 ministros da Saúde, num pandemônio, porque não é uma pandemia, é um pandemônio...que segurança que te dá? Eu não to falando que precisa ter consciência política, mas só o primeiro era médico, né? Acho que o terceiro, aquele que não ficou 2 dias, 3 dias, também era médico...mas também...a gente tinha um general no Ministério da Saúde! Então, meu Deus do céu...é tudo muito louco! Então aumentava essa insegurança, aumentava o medo do futuro. A guerra das vacinas, que foi ocasionada...não comprou a vacina da Pfizer, então o putô, desculpe, o sem-vergonha...é...eu adoro falar palavrão, sabia? Desculpe, mas eu vou me comportar...A minha heroína hoje é Dercy Gonçalves, já ouviu falar? Então, a minha heroína hoje é Dercy Gonçalves! É um alívio! E foi assim...não tinha um ponto de apoio. No meu caso, eu não tenho religião...porque a religião, nessas horas, é um apoio importante: “Eu não estou só”. E aí foi passando, aí já começou a ter vacina, não tinha pra todo mundo...Eu parei de ver noticiário, porque aquelas enormes covas abertas...e os corpos sendo jogados, né, porque não dava pra pôr...eu falei “Meu Deus, é Auschwitz, mas sem forno, né?”. Então o ser humano passou a ser nada! Aliás, nesse governo só atrapalha, né? A não ser os 30%! Então misturei tudo...misturei tudo!

Aí quando começou a sair a vacina, a compra da vacina, aí começou a ter uma esperança. Só que demorou, né? Demorou assim muito tempo, muita gente morreu...tive amigos que morreram de COVID! E um amigo, particularmente, que era uma pessoa preciosíssima...preciosíssima! E eu falava: “O A. não morreu de COVID! Ele foi assassinado pelo governo!” Porque é isso que eles fizeram...aquelas pessoas que morreram, aquelas covas, aquelas famílias que tavam vendendo filho pra comprar oxigênio lá no Norte...São assassinos! Eles são assassinos, não tem outro nome! Então como é que você convive com assassino que lucra com tudo isso? Que recebia por baixo pra comprar vacina daqui e não de lá...meu Deus, não quero nem lembrar! Então foi isso que foi esse pandemônio...e que tá sendo, né, porque eu já tomei a quarta dose, e cada um dos...eu tenho grupos de viagem, grupos de teatro, enfim, todo mundo tem...Então cada um que tomava tirava uma fotografia pra mostrar pra todo mundo e a gente comemorava com palmas, né?

Da força arrebatadora de sua denúncia emergem componentes programáticos de vulnerabilidade de Dona Lygia e de seus pares idosos. A narradora não enxerga no falecimento do amigo A. uma mera casualidade em meio à pandemia decorrente de um agente infeccioso viral, mas associa essa e muitas outras mortes ocorridas no período a determinados rumos políticos assumidos pelo governo do país, marcados por deliberada negligência no sentido de implementar as ações de proteção básica à população.

A morosidade na compra de vacinas, a desinformação promovida com relação à eficácia de medidas de proteção sabidamente eficientes, a submissão do Ministério da Saúde a interesses econômicos de pequenos grupos em detrimento do zelo por uma saúde pública e democrática: eis alguns dos aspectos que acentuam dramaticamente a vulnerabilidade programática daqueles que, em razão de uma idade cronológica superior a 60 anos, já configuram o chamado “grupo de risco”.

“Pandemônio” faz-se, portanto, entender no contexto do relato, se tomado em uma das acepções atribuídas a esse termo em dicionário: *“Reunião de indivíduos que promovem total desordem.”* (PANDEMÔNIO, 2022).

O amigo “paraninfo”: amizade como Cuidado

Em diversos momentos de sua narrativa, Dona Lygia aborda a relação com amigos e amigas, marcada por perdas, distanciamento, mas também por reinvenção, criatividade e cuidado:

- *Mas o contato com os amigos e as amigas que a senhora tem colocado, que parece que foi algo sempre importante pra senhora, e que é importante, né...*

- *Não tenha dúvidas.*

- *Como é que foi nesse tempo?*

- *Então, todo mundo tinha problemas. Não era todo mundo que era grupo de risco, mas a gente trocava figurinhas todos os dias: “Olha, tá nisso, não pensa nisso”, “Esquece, é fake...”. Então isto foi uma fonte...aliás, os amigos são fonte de vida, né? Como a COVID era a morte próxima, era duplamente de vida, né? De vida psíquica, emocional, e de vida física...Então é isso, foram um contato extremamente...a sorte é que já era um grupo antigo, ele tem mais de 15 anos, esse grupo, então a gente já conhece bem as pessoas, já conhece bem os pontos fracos, então toma cuidado pra falar isso, por causa disso, né? Teve um cuidado grupal muito grande...muito grande! Mesmo os amigos que não são de grupos de zap específicos...eu tenho uma felicidade de ter uma rede de amigos...não é grande, não tem duzentas pessoas, mas de muita qualidade, muita confiança, muito carinho. Então era...uma vez eu perguntei pra um amigo médico que eu tenho, quando eu tive a primeira pneumonia...eu moro sozinha, então ele falou: “Então você vai morar comigo...” Porque eles são em dois, um alterna com o outro, e tem sempre uma empregada, se não tem condição de...enfim, então foi uma generosidade! E eu falava: “P., e se acontecer isso, e se...” E ele falou, com toda a calma: “Se isso acontecer, você me telefona, eu me paraninfo, e vou cuidar de você.” Não tem paga isso...não tem paga isso!*

Chamou-me atenção, nesse fragmento do relato, o uso - talvez inconsciente? - do termo “*paraninfo*” para designar, no presente verbal, a ação que o amigo se predispõe a executar. Sendo esse médico, e no contexto de necessidade de medidas de precaução de contato no atendimento de pessoas infectadas pela COVID-19, fica a impressão de que o termo mais “esperado” aqui seria o de “paramento”: “Eu me paramento, e vou cuidar de você”. Devemos considerar, no entanto, que Dona Lygia é professora universitária aposentada e tem grande parte de suas memórias ancoradas no ambiente acadêmico, onde “paraninfo” pode aludir àquele que é escolhido como guia, como referência em determinada jornada ou rito de passagem. Revestido de simbolismo, o cuidado do amigo, que se dispõe de antemão a se paramentar e cuidar de Dona Lygia, “não tem paga”.

“Eu vivo num tempo de guerra”: a Arte como Cuidado

“Eu já vi esse filme antes”, diz Dona Lygia, para clarificar o quanto a sua leitura dos acontecimentos atuais é influenciada por suas experiências políticas prévias, de alguém que se reconhece na geração de 1968 e que “sabe o que é ditadura”. Mas não é apenas o “horror” que se repete traduzido em sentimento de impotência. De seu repertório cultural, das lembranças do que se produziu na arte à época da ditadura civil-militar, Dona Lygia alcançará o seu “alimento”, na atualidade de um arcabouço que ela agora pode então reinterpretar:

- (...) *É um horror... Militar não tinha que entrar na política, militar foi educado pra cuidar da segurança. Então eu não falo mais disso, pronto, mas eu não consigo, eu não consigo me...*

- *Pode falar do que a senhora quiser.*

- *Nossa! Olha, assim...eu não pensei que eu fosse passar por esse horror outra vez. Não pensei! É uma coisa muito assustadora, meu ex-marido foi preso político da ditadura. Então eu acompanhei de perto as torturas...quer dizer, quando ele pôde receber visita, né? Então é uma coisa muito forte na biografia da gente. Muito forte! Amigos e tudo. Então não dá pra olhar isso com o olhar comum...Com tudo o que tem de erro, né? Acabou com a educação, acabou com o meio ambiente, acabou com a honestidade...Pra mim? É além disso. É isso, só que tem muito mais, então o peso é maior. Mas então é isso. Esse horror continua e eu fico com medo de que se aparece outra coisa...mas não há de acontecer, a ciência está mais...imagino...deve ter aprendido muito também com isso, né? Então se acontece uma outra coisa acho que a gente vai estar um pouco melhor preparado, e tudo mais...Mas acho que foi*

mais de um ano, né? Até a vacina...A primeira vacina eu tomei esse ano. Foram tempos bem...Tinha uma música antiga...Eu gosto muito de música! Acho que era...tem um ator chamado Guarneri...pra quem não gosta de teatro é um tempo que não...o Teatro de Arena que era um teatro de resistência, né, na ditadura...Oficina, e tal...então, eles...acho que foi ele e o Edu Lobo. O Guarneri fez a música, acho que é do Edu, que é: "É um tempo de guerra, é um tempo sem sol...sem sol, sem sol, sem sol!". Aliás esta peça, ali na...acho que na Arena...é um texto muito interessante! Aliás, tudo que se fazia naquela época hoje é muito atual: a Literatura, as peças de teatro, os filmes...a cultura! A cultura de resistência que existia era muito rica...muito rica...muito rica!

- Sim, eu fui agora recentemente assistir a uma no Sesc Pompéia. Do grupo Oficina, do Zé Celso: Esperando Godot!

- Maravilha! Aquele texto já era meio metafísico...hoje ele é real! É isso daí...é isso daí! Eu tenho me apegado muito...além dessa minha rede de amigos, eu tenho uma rede que me sustenta...me sustenta, são meu alimento...E eu tive a felicidade de ver essa época. É uma felicidade, na música, no teatro, no cinema, na literatura. E eu descobri que eu tenho todos os livros dessa época, os com texto de teatro, com biografias...eu nem sabia que eu tinha esse arcabouço! E eu tô falando tudo isso porque foi isso que me sustentou na pandemia. E eu consegui arrumar meus livros, né, os que são de teatro, textos de teatro, programa, livro infantil, tudo, enfim...Então é fácil de pegar. Né? Eu tenho relido muitos livros que estão absolutamente atuais. O que prova a qualidade da cultura.

Os tempos de guerra cantados por Edu Lobo e Guarneri foram, também, tempos de uma cultura de resistência, tempos de felicidade, que hoje são reconvidados por Dona Lygia, em meio à travessia de outros tempos, ecoando em uma voz - como a que se impõe na letra - que "não pode muito", mas que não se absterá de gritar:

*Assim passei o tempo
Que me deram pra viver
A voz da minha gente se levantou
E a minha voz junto com a dela
Tenho certeza que os donos da terra
Ficariam mais contentes
Se não ouvissem minha voz
Minha voz não pode muito
Mas gritar eu bem gritei!
É um tempo de guerra
É um tempo sem sol
É um tempo de guerra
É um tempo sem sol.*

(Eu vivo num tempo de guerra, Edu Lobo e Gianfrancesco Guarneri. 1965).

Dona Cora

*“Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.”*

Cora Coralina

04 de agosto de 2022

- Então já posso começar a falar? Então, para mim, o que foi muito difícil foi eu não poder sair para comprar minhas coisas, meus próprios alimentos, né? Porque, assim, o alimento, o básico, se compra para o mês inteiro. Agora, para você fazer uma feira... Eu sempre fui todo sábado à feira comprar minhas frutas e meus legumes. E depois eu não podia mais sair. Entendeu? E o medo de ser contaminada, né? Foi difícil. Porque sozinha, sem poder ir na casa de uma amiga, sem poder receber uma amiga em casa... Meus irmãos, cunhada - que às vezes vinham na minha casa ou eu ia na casa deles - tiveram que ficar isolados, né? Então foi uma solidão bem difícil. Foram dias, meses muito difíceis. Entendeu? Inclusive, eu cheguei a passar necessidade de algumas coisas. Porque, às vezes, minha filha me comprava alguma coisa, mas às vezes me faltava. Assim, eu não tinha uma fruta suficiente para eu comer. Porque eu gosto. Pelo menos três frutas por dia eu como, né? E teve dia que não teve, porque minha filha não podia comprar para mim e eu não podia ir ao mercado comprar. Você me entendeu? Foi muito difícil, muito difícil. E eu tinha medo, né? No início falava: "O idoso pegou a COVID, não se recupera. É morte." Não que a gente não saiba, a gente sabe que vai morrer um dia. Mas morrer dessa maneira? Não ter nem um velório? Morrer e de lá mesmo do hospital colocar em um saco preto e ir direto pro cemitério? A gente fica preocupado, né? Então foi difícil, muito difícil.

Dona Cora mora sozinha em uma casa no Jardim Etelvina, extremo leste do município de São Paulo. É mãe de uma amiga, antiga colega com quem trabalhei na região, e que gentilmente facilitou nosso encontro. Combinamos, por WhatsApp, de encontrar no ponto de ônibus mais próximo à sua casa, mas desci, por engano, em outra parada, e cheguei à sua porta caminhando alguns quarteirões a mais.

A casa é grande, espaçosa, simples. Sentamos na sala, onde há uma cama, um sofá, um piano coberto por um pano e que aparenta estar momentaneamente inutilizado. Ao longo da entrevista atravessam os espaços à nossa frente gatos - os de Dona Cora e os dos vizinhos e vizinhas.

Terminada a nossa conversa, Dona Cora me leva à cozinha, onde estão postos, sobre a mesa, pedaços de bolo de coco e café coado. Após o café, subimos ao terraço de sua casa, de onde se vê os arredores do bairro e onde estão várias das plantas de que Dona Cora cuida.

“Ir ao açougue foi um evento, sabe?”: vulnerabilidades e reinvenções

As dificuldades impostas pela pandemia emergem muito nitidamente enquanto Dona Cora narra. A necessidade de isolamento social produz obstáculos de ordem material - como a insegurança alimentar relatada - e de ordem simbólica - como o medo da morte e o desconforto com relação ao etarismo que permeou o senso comum.

-E é o que eu te falei, se o povo visse um idoso entrando no ônibus ficava assustado. Porque, não sei, pensava que a gente estava com a COVID e ia passar para eles. Eu sei que a gente ficou em casa tranquilas uns dois anos. Dentro de casa. Contando os dias. Eu contei tanto os dias para tomar a primeira dose da vacina que você nem sabe.

Com a perda de elementos estruturantes da sua rotina e da relação com a comunidade, faz-se necessário reinventar formas de atravessar os dias, “tirando aquela sensação de solidão”. O culto evangélico, reconfigurado em meio às restrições impostas, ilustra a dinâmica:

-O que a gente sentiu também... a gente que é evangélica, a gente costuma ir à igreja duas, três vezes por semana, né? A gente vai. E depois quando fechou as igrejas foi muito triste. Porque aí ficava aquele vazio, aquela solidão. Você não tinha o que fazer. Se ligava a televisão para ver uma notícia, era só COVID, COVID, COVID! Aí era pior, né? Cada dia aumentava mais o número de mortes por COVID. Então foi muito difícil. Aí depois de alguns meses começou a ter culto online, aí foi bom. Não era igual pessoalmente, mas foi bom, porque a gente pelo menos tinha aquela hora ali que a gente ficava prestando atenção. Tinha conforto para a alma da gente, né? Começou a ter às quartas-feiras às 8h da noite, sábado às 8h também e domingo às 6h30m. Para as crianças, para os jovens também começou a ter aos domingos, às 10 da manhã. Então, quer dizer, isso ajudou bastante. A gente ia assistindo e ia se animando um pouco. Ia tirando aquela sensação de solidão.

Nessas vivências coletivas, Dona Cora vai se “animando”, resgatando alguma esperança. Em meio à torrente de tragédias e más notícias veiculadas pelos meios de comunicação, a narradora se apega à de uma outra pessoa, “de idade”, infectada pelo vírus e que consegue sobreviver à doença:

-É muito difícil ficar trancada, né? E ainda com medo de pegar COVID. Mas aí teve uma época que eu me animei mais um pouco. Em uma reportagem que eu vi na televisão, uma senhora de 95 anos, se não me engano, lá na Itália, que teve COVID, foi hospitalizada e se

recuperou. Aí eu pensei: "Não, também não é assim, né? Alguns se recuperam, né?" Aí eu me animei um pouco mais, mas nunca me arrisquei, né? Porque a gente está de idade.

É portanto possível, também para as pessoas “de idade”, se recuperar, sobreviver.

Sentindo falta das atividades físicas que realizava no CEU Jambeiro, fechado durante grande parte da pandemia, Dona Cora encontra, de maneira criativa, modos de fazer exercícios no interior de sua casa, para não “se entrevar”:

- Ah! Outra coisa que eu senti muita falta também foi dos meus exercícios. Porque eu faço exercício, né? Eu fazia exercício há tempos. E de repente, de uma hora para outra, não pude mais fazer, né?

- (...) Aí o que que eu fazia? Eu tirava um horário à tarde e eu fazia alguns exercícios na minha casa, de segunda a sexta, meia hora por dia. Fazia meus exercícios para melhorar um pouco, para gente não se entrevar. Porque se não, quando reabrisse lá você não conseguia fazer mais nada. Se você para você perde todo o jeito de você fazer... vai se entregando. Então toda tarde eu fazia um pouco de exercício. Me ajudou muito. Não tive depressão, graças a Deus. A gente ouvia falar de muitas pessoas que estavam com depressão. Eu não, graças a Deus. Fazia meus exercícios à tarde, bordei um pouco, fiz crochê. Fui achando as coisas que estavam ali guardadas e fui aproveitando.

- (...) Aí preparei uns pesinhos. Aqueles frascos de álcool de meio litro, enchi de areia. Um outro frasco de um litro, também enchi de areia. Um cabo de vassoura, um colchonete e me virava sozinha. Tem que ser. Se você parar você se entrega, você se entrega. Assim que eu fazia. Porque a pessoa que está acostumada a fazer exercício é muito diferente. Se você para você sente seu corpo muito diferente. Quando você vai para o exercício é diferente, você sente a circulação melhor, você sente disposição. Entendeu? Mas agora, se a gente parar... então eu fazia isso. Fazia meus exercícios toda tarde.

Resgatando e aproveitando as “coisas guardadas”, Dona Cora reinventa sua rotina, produz novas formas de atravessar o tempo. Quando a vacina é disponibilizada e as restrições são flexibilizadas, a sensação é de leveza e liberdade:

- O dia que eu tomei a primeira dose da vacina, esperei passar uns quinze dias e aí minha filha falou: "Não, agora, se você quiser ir ao açougue, pode ir." Para mim, ir ao açougue foi um evento, sabe? Depois de tanto tempo eu consegui sair na rua e comprar alguma coisa. Para mim foi muito bom. Foi um evento para mim. Me senti leve e solta como um pássaro.

No entanto, mesmo os reencontros com espaços e pessoas serão atravessados pelo luto dos que perdemos e pela consciência pungente de nossa precariedade, poeticamente ressignificada:

- (...) Quando reabriu, muitas daquelas pessoas que a gente estava acostumada a ver não retornaram. Muitas foram embora com a COVID. Então foi uma época bem difícil, né? Acho que o povo deve ter aprendido alguma coisa. Por que a gente não é nada, né? A nossa carne é um fôlego de vida que de uma hora para outra vai embora, não é mesmo? De uma hora para outra vai embora. Não tem rico, não tem pobre, não tem preto, não tem branco. É tudo igual, né? Tomara que as pessoas tenham aprendido alguma coisa com isso, né? Que não tem diferença. Muitas pessoas que tem condições, nos melhores hospitais. Mas não tem jeito. Somos todos iguais. Independente de cor, raça e posição social, o fim é o mesmo. Não é? Então a gente tem que aproveitar bem enquanto a gente está aqui com saúde. Aproveita bem, porque é difícil.

“Converso muito com eles”: o Cuidado com vidas não humanas

Ainda que resida em arranjo domiciliar unipessoal, Dona Cora não mora exatamente sozinha. Não é o que parece, ao menos, se considerada sua perspectiva a respeito de algumas relações que tece com outros seres que habitam sua casa:

- Ah! Eu converso muito com eles. Eles me fazem companhia mesmo agora que eu posso sair. Mas eu tenho o meu horário, o nosso horário. Eu e meus gatos. Eu sou muito apaixonada pelos meus gatos. Demais da conta. Agora eu tenho três, esse que passou por aqui não é meu não. É dos vizinhos e veio comer aqui. Mas é assim, tem pessoas que tem um cachorrinho. Eu tenho uma amiga aí que a companhia dela o tempo todo foi o cachorrinho. E graças a Deus passou, né?

Na relação com alteridades não humanas, Dona Cora pode se comunicar, estabelecer dinâmicas de co-cuidado, investir numa ocupação que é o “serviço dos sonhos”:

- Qual é [o serviço dos sonhos]?

- Cuidar de gato.

- E como é isso?

- Então, tem uma conhecida, ela tem oito gatos de raça, daqueles todos peludos. Lindos! E ela não podia sair de casa - os gatos são de dentro de casa. Aí ela não podia sair de casa por causa dos gatos. Aí eu fiquei sabendo e falei: "se quiser, eu cuido". Aí deu certo. Aí quando ela vai viajar ou mesmo quando ela vai ao médico eu vou lá cuidar dos gatos. É uma maravilha. Tem dois quartos reservados pros gatos. Eu chego lá de manhã, eu limpo tudo. Aí depois que limpei, coloquei comida e água, aí eu brinco com os gatos.

- Olha só! E a senhora gosta, né?

- Eu amo gato. Você não gosta não? A S. brinca, mas eu amo gato. Eu gosto de cachorro, gosto de tudo. Mas gato não, gato eu amo.

O cuidado com outras espécies companheiras, em relações notadamente longevas, também marca seu relato, compondo reinvenções da passagem do tempo, cujo fluxo se estabelece de maneiras distintas após a aposentadoria, ou durante a pandemia:

- Estou aposentada já faz 11 anos, então tá bom. Cuido das minhas plantas. Ah! As plantas também ajudam muito. As plantas ajudam. As plantas ajudam muito. Porque você tem que molhar. Nesse calorão tem que molhar todos os dias. Então ocupa seu tempo. Só que na época da pandemia eu não podia sair para comprar uma terra. Tinha que me virar com o que tinha aqui, né? Ia mexendo a terra, molhando e pronto. Porque de vez em quando você tem que colocar uma terra a mais, um adubo. E durante a pandemia, não. Mas só o fato de você molhar elas, podar na hora que precisar, já te ajuda bastante. Ajuda, passa o tempo.

- E a senhora tem bastante planta.

- Eu tenho. Lá em cima tem um monte de planta. Eu gosto. Só não tenho mais porque não tem mais espaço. Senão eu teria mais. Entendeu? Mas o que eu tenho já dá para me distrair. Eu tenho plantas aí que têm mais de 30 anos. Tem uma samambaia de metro aqui que, se eu não me engano, ela tá com 36 ou 37 anos. A S. era bebê. Tem uma outra que a S. tinha 5 anos quando eu plantei. A S. já fez 39.

O tempo (do) bordado

Dona Cora encerra nossa conversa com uma bonita história, impregnada de simbolismos referentes à reorganização da experiência temporal que se dá através de um trabalho - de cuidado - manual.

- (...) No início da pandemia, uns dias antes, uma amiga tinha trazido para mim umas toalhas, da filha dela, que ia casar, para eu bordar. Eu tive tanto medo de não dar tempo de eu terminar de bordar! Tive tanto medo de pegar COVID e não dar tempo de bordar! (...) Porque quando a minha S., foi casar essa minha amiga me ajudou muito no enxoval da S., com crochê, sabe? Me ajudou muito. Então quando a filha dela ia casar eu falei: "Eu vou bordar alguma coisa". Aí me mandaram as toalhas para bordar e ponto-cruz é uma coisa muito demorada. Tem que ser tudo com muito cuidado, porque se errar um ponto...se errar, dá mais trabalho

desmanchar do que refazer. Aí eu tinha medo. Fiquei apavorada. Tinha medo de não dar tempo de terminar. Aí eu bordava, bordava. Tinha medo: "E se eu estiver contaminada com a COVID e passar o vírus para essas toalhas aqui?" Mas terminei.

- Por que não daria tempo?

- Eu tive medo de pegar COVID e morrer. E ao mesmo tempo eu tinha medo: "E se eu tô com a COVID, contamina essas toalhas e depois vai para lá?" Então foram dias difíceis. Mas eu terminei e ela veio buscar. Falei: "Já taca ela na água lá, e tudo bem". Mas assim, não entrou aqui, ali do portão mesmo foi. Mas aí depois eu fui vendo que a coisa não era assim tão extraordinária. Se a gente tivesse os cuidados da gente, não ia se contaminar. Aí eu fui tendo mais esperança de que eu não ia me contaminar, né? No começo foi difícil.

-E deu tempo de entregar, né?

-Deu, deu tempo de entregar. Depois disso eu bordei mais e fiz crochê, um monte de coisa. Graças a Deus!

Bordando toalhas, Dona Cora teceu o tempo, aplacou o medo, estreitou laços.

Sr. Jorge

“A vida é feita de acontecimentos comuns e de milagres”

Jorge Amado

25 de agosto de 2022

Sr. Jorge conta que tem duas idades: a do documento, em que consta o ano de 1942; e a da “bandeira branca”, levantada no Brasil no dia em que de fato veio ao mundo: 08 de maio de 1945 - data também conhecida como Dia da Vitória, marcada pela rendição da Alemanha nazista e pelo conseqüente fim da Segunda Guerra Mundial.

-Foi o problema do senhor que foi levar nossas assinaturas, nossos nomes. Ele entendeu errado, porque o que era certo era o que estava na capa da Bíblia. Minha mãe pegou a Bíblia e deu pra um amigo e ele foi pra outro estado. Aí não deu pra gente se encontrar mais pra verificar o que estava. Então ficou assim, ele foi na cidade para registrar e quando ele voltou estava tudo errado.

Mais de sete décadas depois, Sr. Jorge, pedreiro aposentado, mora - após o falecimento da esposa há 1 ano e 6 meses - sozinho na casa que construiu com suas próprias mãos. Foi na sala dessa casa que sentamos para conversar, apresentados pela filha do entrevistado, com quem trabalhei em um serviço do SUS. No início do diálogo, o ritmo e o tom de seu relato parecem regidos pelo que o narrador nomeia como “desmotivo”. Aos poucos, sua linguagem verbal e não verbal se transformam: Sr. Jorge ri, canta, chora.

-Faz 1 ano e 6 meses. A minha esposa faleceu e eu vim aqui pra São Paulo.

-Antes o senhor morava com ela aqui?

-Eu morava com ela lá no sítio em Pilar do Sul. Nós viemos para cá para ela se tratar e ela faleceu aqui. E aí eu não voltei mais para lá e eu fiquei aqui só.

-Sinto muito, senhor Jorge, pela perda da sua esposa. Imagino que o senhor tenha ficado triste.

-Sim, muito! Eu fiquei depressivo com tudo isso, né? Tudo na minha vida era ela que fazia. Ela era inteligente. Depois que ela partiu eu fiquei dependendo do comprimido para dormir, fiquei depressivo. E graças a Deus, de 7 meses para cá eu deixei de tomar o comprimido. Durmo, demoro pra dormir, porque eu ligo o aparelho ali só para matar o tempo, né? Aí quando dá sono é que eu vou dormir. Mas o quadro da situação é esse, a solidão é essa. Estar pensando nela e não ter volta atrás. Tenho que me contentar com o que Deus faz. Então, é uma história penosa até. É triste. Quando ela veio, antes de vir para cá, ela disse para a irmã - a irmã estava lá com a gente -, ela falou para a irmã: "daqui eu só vou para a glória". Tanto que ela veio para São Paulo e não ficou aqui, ela faleceu aqui. E eu aguentei essa aí, tô aguentando até hoje.

Experimentando uma “solidão triste” em meio à pandemia, o narrador passa a perceber-se dependente, condição que não reconhecia anteriormente, na relação com a companheira. A idade, segundo ele, já não o autoriza a aguentar as “barras” que poderiam vir com uma nova união:

-Olha, depois da morte dela eu passei a ser dependente. Eu não dependia da família e de lá pra cá eu fiquei dependendo da família. Elas que cuidam de mim aqui, elas fazem tudo aqui. E eu me sinto desmotivado. Eu não tenho aquele ânimo que eu tinha. Acabou! Então é uma solidão triste. Às vezes eu canto. Eu tenho um instrumento para... de vez em quando. Mas aquilo não preenche todo o vazio, porque o vazio é esse, você perder ela e viver assim na solidão. Essa é a principal tristeza. No mais, eu não vejo motivo não. Já está com 1 e 6 meses e eu não procurei uma pessoa para estar do meu lado. Porque eu acho que esse desmotivo causa também mais tristeza. Eu tenho medo, eu tenho medo de botar uma pessoa aqui, não dar certo e ter de desmontar tudo de novo. Porque se eu fosse agir diferente do que eu penso e faço eu teria que botar uma pessoa aqui sem compromisso e eu não posso, porque eu tenho compromisso. E pra eu fazer isso eu tenho que levar a pessoa no cartório, a pessoa assinar e eu dar meu sobrenome para essa pessoa. E isso eu não faço, né? Eu não achei ainda um motivo para isso. Porque o medo que dá é de fazer isso de imediato, dar errado e eu ter que desmontar tudo de novo. E eu não quero entrar nessa, porque a minha idade já não dá mais pra isso, para estar aguentando essas barras. É assim. Então eu vou levando assim. A família, enquanto está do meu lado, está muito bem. Quando eles vão embora - pronto - a solidão bate.

A revelação: música, sonho e fé

Os tempos de vigília após a morte da companheira são, para Sr. Jorge, tempos de solidão, de “desmotivo”. Quando pergunto o que o ajuda a atravessar esses sentimentos, ele narra com cuidadoso detalhamento um sonho - revelação - cuja lembrança parece ressignificar os dias vindouros.

-Eu tenho uma história - não sei se você acredita -, mas quando eu vim do interior era ela⁶ que me cuidava, eu fui para a casa dela. Eu estava só, então não tinha como ninguém cuidar de mim. A mãe morreu e eu fui para a casa dela. Eu passava o dia aqui e eu ia para a

⁶ Sr. Jorge aponta para a filha, que está sentada conosco na sala à ocasião da entrevista.

casa dela. Era ela quem cuidava de mim. Em uma certa noite que eu estou deitado dormindo, parece que foi um sonho. Eu não chamo nem de sonho, eu chamo de revelação, porque eu não sei como foi que aconteceu, entrar uma música que eu nunca tinha ouvido antes. Entrou na minha mente e através daquela música, que eu não conhecia antes, tinha uma pessoa... Eu estava no sonho, eu estava na igreja em traje de praia, descalço, de short, sem camisa e meio deitado apoiado no braço. Mas eu estava dentro da igreja e na igreja era para estar de terno e gravata com o instrumento para tocar. E não foi isso que aconteceu. Quando eu, naquela posição, fui cantar sem saber que música eu ia cantar, como a letra e a música não tinha. Lá tem o grupo das irmãs. Senta lá, aquele grupo. E naquele grupo surgiu uma das irmãs, que eu não vi a face dela, e a voz dela estava acima um pouco da cabeça das demais do grupo. Quando eu fui abrir a boca para cantar, ela deu início. Aí eu fiquei ouvindo ela, porque eu não conhecia a música. Fiquei ouvindo ela e cantando com ela. Mas eu não estava vendo ela, não vi a cor dela, o cabelo, não vi nada. Só ouvia a voz dela. E eu fiquei encantado com ela até a última frase da música. Aí quando eu acordei, eu acordei perturbado: "que música é essa? É um sonho? É uma revelação?" Fiquei em dúvida. Aí levantei de manhã cedo, tomei café e vim para aqui. Aí aquilo ficou martelando na minha cabeça: "que eu vou fazer? Como eu vou saber que música foi essa? Onde está essa luz?" Eu tenho um hinário - né? - com partitura. E fui procurar. Mas procurar como? Eu não tinha nada na cabeça. Fui olhando a música, o livro, passando folha por folha e conferindo para ver se dava certo e tinha acontecido. Porque eu não gravei. Aí o que eu fiz? Eu peguei o hinário, peguei a caneta e fui escrevendo na contracapa, fazendo um rascunho. E esse rascunho não dava certo, eu não tinha nada na cabeça para botar ali. Aí eu parei, deixei de fazer o rascunho. E continuei procurando uma letra que ia dar certo, mas não tinha nada na cabeça. Estava tudo em branco. Até que eu cheguei em um número do hinário: "será que é isso aqui?" Aí eu não podia pegar o instrumento, porque o instrumento também tinha que dizer o que estava aqui. {ininteligível}. Aí com muito jeito, procurando, examinando direitinho a letra, conferindo, achei a letra e falei: "e agora? E música?" Aí fui tentando achar uma música para colocar na letra. Rapaz! Mas veio tudo de bandeja na minha cabeça. Toda hora que eu ia cantar uma lágrima descia. Eu falei: "isso foi coisa do Espírito Santo". Porque não tem outra maneira, outra explicação. Eu contei para um irmão e ele falou: "eu conheço essa música". Eu falei para ele: "nunca ouvi falar". Na próxima, no sonho ou na revelação, eu saí - aí já foi no sonho -, eu saí daqui, peguei essa rua aqui para descer a esquerda. Eu saí cantando essa mesma música baixinho para não chamar a atenção dos vizinhos, né? Quando eu virei à esquerda para descer, aí eu estou ouvindo uma mulher no primeiro andar cantando comigo: "o que é isso?" A mulher cantando. Eu não sabia quem era ela, mas ela estava lá pro lado de dentro da janela cantando comigo do jeitinho que eu cantava a pronúncia da letra. Ela dizia igualzinho, como se estivesse comigo cantando junto.

-Como é a música, senhor Jorge?

-"Meu Jesus, tu és bom, tu és tudo para mim. Foste morto, mas vive em mim. Tu merece louvor, oh cordeiro de Deus! Tu és tudo. Sim, tudo para mim" [cantando⁷]. Rapaz, tanta beleza! Toda vez que eu canto, toda hora que eu canto, a lágrima desce. Eu não posso cantar na igreja, porque eu vou chorar na igreja. Então fica só comigo esses momentos. E deu isso por duas vezes, na casa dela, no sonho - ou revelação - e aqui. Eu descí aqui cantando esse hino, essa música, e quando eu chego ali descendo tem uma mulher cantando o mesmo hino e me ajudando. Eu não vi a mulher, assim como eu não a vi na igreja. A mulher estava no grupo, mas a voz estava saindo acima da cabeça das irmãs do grupo. Eu falei: "rapaz, isso é um mistério." Aí eu tomei um café na casa dela e vim embora. Aí eu peguei, eu peguei o hinário e fui escrever

⁷ Infelizmente, a transcrição não apreende grande parte da força expressiva da música, que Sr. Jorge canta alteado, com muita emoção.

e fui fazer rascunho, mas não deu certo. Ainda tem o resto escrito lá, mas não funcionou. Aí eu tive que procurar de cabeça e achei. Coisa mandada de cima.

A fé, a música e o sonho fundam o “outro lado”, imaterial, que “tem motivo” e que - por vezes até misturando-se à solidão em sua materialidade - empresta motivo à vida “real”.

-(...) Então é desse jeito, desse jeito. E sempre está acontecendo. Eu canto, eu toco, mas é no sonho. E quando eu acordo: "cadê?" Não tem nada. Mas eu fico feliz da vida, porque eu cantei. Eu, às vezes, vou em alguma igreja, se convidado leva instrumento eu às vezes canto, tem outros lá que gostam de cantar em dupla - eu já cantei muito em dupla - e quando acordo não tem nada, está tudo vazio. Mas me preenche, é só para preencher o vazio dessas coisas. Isso me conforta muito, me conforta muito. Então, é isso que me preenche, porque do outro lado eu tô assim no isolamento, não tem motivo, eu estou desmotivado. Mas desses lados aí eu tenho motivo. Eu não posso dizer que eu estou no isolamento total não. Do lado material é assim, é só eu e eu. Quando eu não estou no portão, eu almoço e vou dormir; ou então fico na televisão até quase meia noite ou mais de meia noite para poder dar sono. É assim a vida. Agora, não sei. Do outro lado é isso. De um lado me conforta porque eu tenho esse dom da música e esse sonho ou revelação - eu não sei também - me preenche, porque me alegra. Mas quando eu acordo não tem, porque não é real. Aí a gente fica assim pensando: "Ah, mas não tem motivo. Mas do outro lado tem motivo." Porque Deus é real e Deus atua no impossível. Deus é Deus do impossível. Porque eu, você, todo mundo pode fazer. Mas o impossível é só ele que pode fazer. E ele entra com essa providência e a gente cai na real. Mesmo que seja um sonho ou uma revelação, mas conforta. É o que a gente precisa: de conforto.

“Uma ideia de desprezo”: ambivalências do morar só

-(...) Aí depois que ela partiu mudou tudo, mudou tudo. A gente tinha uma chácara no interior. Acabou com tudo e eu vim para cá só e aqui estou até hoje. Mas é assim, está faltando alguém e esse alguém eu não achei ainda para preencher o vazio. Então a solidão continua.

A solidão permeia todo o relato de Sr. Jorge, que lamenta o vazio que se estabelece na ausência da falecida companheira. Diante da proposta de ir morar junto às filhas, no entanto, nosso interlocutor se mostra relutante, ponderando as ambivalências que se estabelecem em meio a autonomia e solidão, cuidado e culpa.

-Senhor Jorge, a J. me contou que chegaram a falar pro senhor ir morar com a família. O senhor preferiu ficar aqui?

-Olha, eu fico indeciso, porque se eu for morar com a família eu vou depender, vou dar trabalho. E eu não quero dar trabalho. É que nem a minha esposa. Quando ela vinha lá do interior, ela não ia para a casa dos filhos, não. Ela ficava aqui. E eu aprendi muito com ela isso aí. É melhor mesmo você estar no seu cantinho, porque ali você manda. E na casa dos filhos você não manda não, você tem que pedir, né? Tem que pedir. Se você vai pôr a mão em um objeto, ela não sabe se ele vai gostar ou não. E na sua casa você faz o que você quer fazer, né? Só tem isso. Tem essa divisão aí de você querer morar com o filho - qualquer um desses aqui eu gostaria de morar com eles - mas eu não quero dar trabalho para eles, porque eu já tenho o suficiente. É assim. Então a gente fica indeciso também nessa parte.

-Aí o senhor optou por ficar aqui para ficar onde o senhor manda?

-Isso! É. Aqui, por exemplo, eu entro e saio, vou e volto, estou aqui. E lá não. Por causa de uma chave...Cadê a chave? perdeu a chave. Não sabe onde botou a chave. Então isso aí cria uma ideia de desprezo. Você mesmo bota dentro de você a situação do desprezo. Porque você está causando e não é para causar. E nisso aí a gente fica, como diz o ditado, em cima do muro, né? Mas eu gostaria de ficar com qualquer um deles, não tem escolha não. Eu fiquei com ela enquanto eu estava fazendo o tratamento lá na casa dela e eu vinha de dia e ficava aqui, mas até me adaptar nessa situação de solidão.

Mesmo quando os familiares não estão em casa, no entanto, Sr. Jorge não permanece absolutamente sozinho, e experimenta conforto e felicidade em uma relação de co-cuidado com outro ser:

-Ih, meu Deus! Aquilo lá é tudo. Ela só não fala. Nós brincamos lá em cima da laje, brincamos. Ela gosta de brincar. Ela fica em pé, deita aqui, bota a cabeça, vira a cabeça, me dá a mão. E eu fico feliz da vida. Ela se chama Princesa.

-Ela se chama Princesa?

-Chama. Mas eu trouxe ela do interior. Porque lá eu tinha 8. E nessa situação que a gente veio embora para cá eles ficaram lá. (...) Mas eu não esqueço em nenhum momento deles lá, porque eram todos meus amigos. Quando eu caí, eles estavam em cima, como quem fala: "vamos ajudar ele." Mas sei lá, aquilo mexe por dentro.

-Mas a Princesa faz companhia para o senhor, então?

-Faz muita companhia. Você precisa de ver. É uma criança, uma criança mimada mesmo. E o que me conforta é isso, essa cachorrinha. E a minha fica lá em cima, porque eu não deixo sair com ela na rua para não pegar pulga, carrapato, essas coisas.

-E quem cuida dela?

-Sou eu. De manhã cedo eu já faço a comida, de tarde também. Eu compro ração, eu compro aquelas latinhas de carne, misture para ela sentir o cheiro e ela come que é uma beleza. Come! Precisa de ver. E assim, o meu passatempo é ela. Porque está aqui, mas vai tudo embora. Aí eu subo para lá e vou brincar com ela. Fico lá. E ela gosta de brincar comigo. Faz parte da minha vida aquela bichinha lá. E eu fico muito sentido é de não poder estar com os outros irmãozinhos dela, a mãe dela.

Sr. Rubem

*“A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra
perdido numa tarde de domingo”*

Rubem Braga

15 de setembro de 2022

O condomínio onde mora Sr. Rubem, e que (re)visitei para entrevistá-lo, me é muito familiar. Um conjunto de incontáveis prédios simples, idênticos, com 3 andares e sem elevador, entremeados por passeios numerados e canteiros floridos. Em seu interior, há um imenso estacionamento, uma praça, uma quadra por onde há sempre crianças correndo, além de certo número de bancos de pedra, esparsos, onde frequentemente antigos moradores sentam para passar em prosa o tempo. São cerca de 1.000 apartamentos. Nesse lugar vivi desde que nasci - em 1989 - até meus vinte e poucos anos. Lá ainda vivem meu pai e minha mãe, em apartamentos separados.

Foi por meio de indicação de meu pai que cheguei ao Sr. Rubem, também habitante de longa data do local e que eu, até então, não conhecia. Ele me recebeu à porta de seu apartamento, térreo, me convidou sorrindo a entrar e fechou a porta atrás de nós empurrando-a com a ponta de uma de suas muletas.

-Se você quer saber como vive um velho sozinho, veio ao lugar certo.

Conversamos por pouco mais de uma hora em seu escritório, que tem uma de suas paredes inteiramente tomada por uma estante repleta de livros.

- (...) Mas a essa altura eu já morava só, porque eu já tinha me desquitado. Quando eu casei, eu morei aqui. Casei e comprei esse apartamento em 1968. Depois de uns seis, sete anos começaram as brigas com minha mulher. Briga normal de casal. Não vou entrar em detalhe, porque não precisa. Briga de casal. Eu era jornalista, ela também trabalhava comigo na editora Abril. Com as brigas, a gente separou. Eu fiquei com dois filhos aqui. Depois os dois filhos foram crescendo, casaram e foram embora. Aí eu fiquei sozinho.

- Desde quando?

- Ih! Já faz pelo menos 20 anos que eu moro sozinho. Vinte, trinta anos. Meu filho já tem 50 anos. Fiquei sozinho. Aí eu fui me acostumando aos poucos. Primeiro foi a mulher. Foi embora. Depois eles ficaram comigo aqui dos 7 ou 8 anos até uns 10 ou 12, 13. Depois arrumaram namorada, casaram e foram embora. Foi uma menina primeiro e depois o menino. Aí eu fui aos poucos ficando sozinho e fui me acostumando. De modo que quando veio a

pandemia eu já estava mais do que acostumado a viver sozinho. Eu já não trabalhava mais. Já vivia de aposentadoria. O apartamento é próprio, eu já tenho carro. Os filhos, casados. A mulher já tinha o seu salário, o seu emprego. O que facilitou também foi que ela não exigia mais nada de mim. Primeiro, porque eu fiquei com os filhos. Segundo, porque ela não queria. Ela era daquelas feministas, que diziam que não admitia que a mulher dependesse do homem, que não queria receber o salário de mim, entendeu? Então facilitou minha vida também nesse aspecto.

“Vivendo assim: de WhatsApp e de crônicas”

Na crônica do tempo, a narração dos tempos de crônica. Em meio aos vários livros que ocupam seu escritório, algumas edições são de autoria de Sr. Rubem:

-Então, de maneira que eu fui ficando sozinho e paralelamente, como eu não tinha o que fazer, fui fazendo um livro. Já fiz uns cinco livros. Livro sem grande profundidade, são livros mais de crônicas. Todo dia eu sento aqui e escrevo uma crônica sobre qualquer assunto e boto no Facebook ou no blog.

- Todos os dias?

- Quase todo dia. Ultimamente eu não tenho feito não, porque eu já cansei. Já enchi o saco. Mas eu fazia todo dia. Até que, quando eu tinha um monte, eu fazia um livro. Então, além desse eu tenho outros. Tem esse aqui, tá ai nesse bloco ai. Já é outro livro. Está aí nessas caixas, aí no chão... essa caixa de lá. É um novo livro de crônicas. Eu vou contando tudo, conto aqui, cachorro que late, mulher que passa ai na frente.

- Bem no estilo da crônica, né?

- Ah! Vinha vindo aqui e fico escrevendo, lendo, conversando com os amigos de Pernambuco, de todo lugar. Com facebook e - como é que chama esse negócio? - WhatsApp. Eu fico também conversando com meus amigos pelo WhatsApp.

- O senhor usa também o WhatsApp?

- O WhatsApp. [Com] minha filha, meus filhos. Então eu estou vivendo assim, de WhatsApp, de crônicas. Eu tenho uma sobrinha que está em Paris. Todo dia ela me manda foto de Paris. Aí eu converso com ela, falo: "oi, como vai?"

É justamente durante o período mais acirrado da pandemia que o mais recente de seus livros vem à luz⁸.

⁸ Uma das crônicas que compõem o livro é intitulada “Bendito isolamento”, e se encerra com a seguinte frase: “Nem a pandemia faz surgir novo Rubem Braga, o que não me impede de continuar escrevendo diariamente, mesmo que sobre abobrinhas” (As transcrições do nome da crônica e do trecho em questão foram autorizadas pelo autor).

-Da pandemia saiu esse livro. Como eu escrevo uma crônica quase todo dia, quando eu juntei uns 50 deu esse livro.

- Olha só! Que beleza, hein!

- O livro da pandemia. Aí teve uma decepção. Que foi o seguinte, na verdade eu ofereci a vários editores e, para variar, ninguém se interessou. Porque as editoras não vão se interessar por livros de crônicas. Crônica é um negócio meio difícil. Aí eu paguei e perdi dinheiro, estou perdendo dinheiro.

- O senhor pagou para publicar esse daqui?

- Exatamente. Paguei muitos livros e estou perdendo dinheiro. Mas tudo bem isso, foi pra me divertir.

Para além de possibilitar ao Sr. Rubem um contato diário com seus amigos e familiares - figurando ao lado das crônicas como um dos elementos fundamentais em sua rotina - o WhatsApp é, para o narrador, também um dispositivo de segurança. Quando questiono se tal ferramenta digital o ajudou a atravessar a pandemia, ele me responde:

- Muito, muito. Porque aí eu ligo, mas qualquer coisa eu mando mensagem. Tem meu filho, tem minha filha, tem minha nora e meu genro. Todos os quatro estão aqui. Qualquer coisa eu ligo pra ele: "olha, estou com dificuldade. Estou cansado". Uma vez eu estava me sentindo mal, 2 horas da manhã. Me deu uma dor aqui na barriga, era hérnia. Aí eles vieram aqui, me levaram para o Samaritano.

Distanciamento e reinvenção: o almoço na calçada

Ainda que já esteja “mais do que acostumado” a viver só quando emerge a pandemia, as medidas de distanciamento afetam significativamente a vida de Sr. Rubem, na dinâmica de suas relações.

- Antes da pandemia. Depois da pandemia acabou. Eu nem tinha isso mais. Não podia ir na casa dos netos. Para evitar a contaminação eu ficava em casa. Raramente ia ao cinema, com máscara e tudo. Fui umas vezes ao cinema. Uma vez fui passar uns tempos aqui em Atibaia. Ia em Atibaia, ia na praia. Mas saía muito pouco. O maior tempo que eu gastava era aqui no computador.

(...)

- Eu fiquei um ano, mais de um ano, dois anos, quase dois anos praticamente, sem sair com eles, sem ir lá, sem ver. Não via, não podia, porque teve uns que pegaram COVID. Eu não

peguei. Tomei todas as vacinas. Nunca tive. Porra nenhuma. Mas teve uns dois ou três - eu tenho seis netos -, teve uns três que pegaram COVID. Mas não tiveram, não tiveram nada grave. Meu filho também pegou, minha nora pegou. Não tiveram nada. Então por isso, porque a gente evitava ir lá, deixei de ir lá, deixei de levá-los na escola.

A família, nesse contexto, mobiliza-se de maneira interessante para possibilitar um encontro presencial, sem ignorar medidas que diminuam o risco de contaminação. Pensa-se uma saída para que possam se reunir em torno da antiga companheira de Sr. Rubem, que agora padece de uma síndrome demencial. É a história curiosa que o narrador me conta:

- Raramente via, só uma vez a gente foi ver a minha mulher - estava muito doente. A gente foi ver, almoçar com ela domingo. A gente fez um almoço na calçada, na rua da casa dela. Foi gozado.

- Como que foi isso?

- Fez o almoço na calçada com... botamos uma mesa na calçada, na frente do prédio, e na calçada mesmo a gente botou uma mesa, botou umas comidinhas e ficamos na calçada conversando com ela.

- E ela desceu até a calçada ou não?

- Desceu!

- Ou ela ficou na janela?

- Não, ela veio pra rua. Ninguém entrou na casa dela.

- E fizeram isso para ficar ao ar livre?

- Para ficar ao ar livre. Exatamente.

- Estava com medo da contaminação, né?

- Exatamente.

- Quem é que participou desse almoço?

- Os seis netos, meu filho, minha nora, minha filha e meu genro.

- E ela, como é que ficou?

- Ela ficou dando risada, sem entender nada. Entendeu? Dando risada sem entender nada. Eu vou mostrar. Eu filmei a cena, esse almoço. Esse almoço eu tenho o filme dele.

- Quem é que teve essa ideia, Sr. Rubem?

- Acho que foi a minha nora.

- *Ideia boa, não?*

- *Isso já foi já no fim da pandemia. Entendeu? Quando já estava mais ou menos livre a coisa. Vou ver se eu acho aqui [o filme], tenho aqui.*

“Meio amigo, meio irmão”: amizade e parentesco

Não são apenas os laços genealógicos que ofertam amparo e cuidado para nosso interlocutor. Uma longeva amizade se revela da maior importância ao longo de sua história, possibilitando estabelecer uma relação de irmãos, não através da consanguinidade, mas do afeto.

- *Tem uma solução meio maluca que eu adotava, que era a seguinte: eu tenho um amigo...é que eu sou pernambucano, eu sou pernambucano. E eu tenho um amigo pernambucano de infância. Eu tenho 85 anos, ele tem uns 75 anos. Tem 10 anos a menos que eu. Desde que a gente se conheceu em Caruaru, quando eu morava em Caruaru nos meus 15 anos, 16 anos. A gente era amigo lá. Esse rapaz, quando ele tinha 18 anos, por aí...15, 17 anos - era menor ainda - ele veio pra São Paulo. E quando eu vim pra São Paulo, em 1964, eu reencontrei ele aqui, encontrei ele aqui. Aí...é esse aqui! Está vendo? Meu amigo. Amigo de infância lá de Caruaru.*

- *Aí reencontrou ele aqui em São Paulo.*

- *Aí a gente conversava muito. No tempo em que eu era casado, eu saía muito com ele. Um pouco da origem do meu desquite foi essa também. Eu saía com esse cara, a gente saía para beber. Bebíamos muito - cachaça, cerveja. Saímos por aí bebendo. Então na pandemia ele já estava aqui. Ele tem filho, agora ele está viúvo. E eu sozinho, desquitado. Aí o que acontecia? A gente se encontrava muito, quase todo dia e continuou se encontrando. A gente já se encontrava quando era casado. Quando a gente era casado - ele era casado e eu também - às vezes ele vinha aqui, nessa casa mesmo, ele entrava, almoçava comigo, com a mulher dele. A mulher dele era amiga da minha mulher. Mas a gente bebia tanto que a minha mulher começou a encrencar: "você é cachaceiro!". E não sei o quê...Esse tipo de coisa. Brigava muito com ele. Depois, nessa fase da pandemia, tanto ele já estava viúvo quanto eu estava desquitado. Então a gente se encontrava muito para almoçar junto. Aliás, ainda hoje a gente faz isso. Quando eu tô sozinho aqui eu ligo pra ele e falo: "vamos almoçar?". "Vamos". E a gente vai almoçar em um boteco. Nessa época a gente andava pelos botecos todos da Bela Vista, Consolação. Conhecíamos todos os botecos de São Paulo. E nessa pandemia a gente continua fazendo isso, eu e ele. A gente conversava...sábado passado eu almocei com ele.*

- *E quando as coisas fecharam? Ou quando as pessoas falavam: "fica em casa, não encontra!"?*

- *Não, eu saía com ele.*

- *Saía?*

- Nós íamos nos botecos de máscara. Tanto é que ele não pegou nenhuma vez, nem eu. A gente tinha cuidado.

- Mesmo antes da vacina?

- Sim. Antes e depois também. Depois da vacina, ele vacinou, eu vacinei. A gente continua se encontrando. Quando eu quero sair aqui eu sei onde ele está. Ele está na cidade, na rua tal. Eu ligo pra ele aqui: "vamos jantar juntos?" "Vamos!" Só pra conversar.

- Esse amigo faz muita companhia.

- Sim, faz companhia. Às vezes... quando eu fui internado ele ia pra lá, dormia no hospital comigo, lá no HC. Fiz cirurgia no HC duas vezes. Fiz [cirurgia] da coluna, lombar e fiz de hérnia. Hérnia inguinal. Dois dias internado lá e ele dormia lá...

- Dormia lá com o senhor?

- Dormia. Ele ia pra lá dormir. Dormia ele em uma noite, na outra era minha mulher, na outra era meu filho, meu neto. Ele sempre me ajudou muito. Entendeu? Então é assim, meio amigo, meio irmão.

Sr. Fernando

“Mas a convivência é feita também de silêncio, e distância.”

Fernando Sabino

30 de novembro de 2022

- (...) E quando a J. falou que você vai fazer essa pesquisa, ela falou: "Ah, é muito raro homens sozinhos...mais velhos morarem sozinhos". Eu ainda brinquei com ela: "É que eles não sabem como é bom". Mas é isso. Eu gosto. Gosto. Acho o ideal de relacionamento. A essa altura da vida, ok? Acho que você tem que ter filhos, tem que viver com os filhos. Tem que passar pelas coisas. Até pra você poder apreciar o que tem depois. Se não...Eu acho que a velhice, desde que você tenha uma felicidade de ter certas... certas características favoráveis, é muito bom. Melhor fase da minha vida. É o melhor relacionamento da minha vida, que eu tenho. Você precisa ter saúde, né? Precisa ter uma certa situação financeira também, coisa que muitas vezes o velho não tem. Ter uma família muito presente, muito embora esteja distante. A gente... minhas filhas são as minhas melhores amigas. Então assim, é uma soma de coisas. Eu tenho saúde, não tenho grandes limitações. Isso é, com esse...com essa soma de coisas é muito bom ser velho. Muito bom. Você tem uma maturidade, você sofre menos por bobagem, que a gente quando é mais jovem se preocupa com muita coisa. Acho que você começa a olhar a vida um pouco mais de longe, sabe? Não tanto no detalhe, mas no todo. Você vê que as coisas são muito relativas, aquilo que você dava uma importância enorme, sofria, você passa a ver que não é tão importante. Você descobre que você é menos potente que você imagina quando é jovem. Você influencia menos as coisas. Você não tem a prepotência dos jovens, isso te facilita muito a vida.

Foi buscando ativamente interlocutores homens que cheguei ao Sr. Fernando, a ele apresentado por uma amiga. Em São Paulo - como ocorre em muitas outras cidades e regiões - há menos homens idosos do que mulheres idosas em arranjo domiciliar unipessoal, e a diferença estatística não pode ser explicada por fatores exclusivamente demográficos, como disparidades de expectativa de vida entre os gêneros. Por isso, pareceu-nos, desde o início, fundamental analisar como as construções discursivas de gênero - atravessadas, evidentemente, por raça, classe e outras estruturas - poderiam afetar a experiência de nossos interlocutores e interlocutoras.

Sentamos, Sr. Fernando e eu, em poltronas na sua espaçosa sala, separada de um agradável jardim por portas de vidro. O conforto do espaço emergirá na perspectiva positiva que o nosso interlocutor tem da velhice e do “morar só”, sem deixar de reconhecer as condições materiais que tornam possível esse “privilégio”.

“Morar sozinho, sem se sentir solitário, não é pra todo mundo”

- (...) E... como que eu posso te falar? Não foi ruim. Eu não deixei de fazer as coisas que eu gosto, então não foi ruim. Não tive problema, não. Não foi horrível como pra muita gente foi, pra mim não foi. Eu tava nessa casa. Eu tenho um jardim que eu gosto muito. Então eu usei bastante esse jardim, tanto pra...plantei, resolvi plantar tomate, comecei a plantar umas coisas aí. Tem uma horta, eu gosto muito de cozinhar, então eu uso as minhas coisas aí pra cozinhar. Eu gosto muito da atividade física, e o clube fechou. Um dos motivos de eu morar aqui é que é próximo do clube Pinheiros, e eu uso bastante o fitness deles. Mas eu faço atividade física desde moleque, então eu não preciso de professor nem nada, eu sei o que tem que fazer. E eu fazia no jardim. Normalmente eu... eu tenho um pouco de equipamento aqui em casa. Fazia a minha atividade física no jardim e a minha companheira muitas vezes vinha e fazia comigo. E a vida seguiu. Não tive aborrecimentos maiores, não. Aqui eu comecei a ver muito filme. Eu acabei comprando um aparelhinho que tem ali, que chama BTV, não sei se você conhece. É um aparelho de streaming que te dá, vamos dizer, praticamente todos os filmes que você imaginar. Todos. Então tem, vamos dizer...você pode fazer procura por vários segmentos, um deles é diretores. Então você põe "diretor tal", aí aparece todos os filmes desse diretor. Aí tem...se você gosta de algum artista, bota "artista tal", aí tem todos os filmes que aquele artista participa. Aí tem por gênero, tem ... têm série, e... então a noite a gente via muito filme. Eu fazia jantar, porque eu gosto de cozinhar, então a gente comia bem, bebia bem. A gente gosta de um bom vinho. Eu não tive assim, preocupação maior. Muita gente ficou muito preocupado, eu não. Nunca achei que fosse acontecer nada de grave pra mim ou pra alguém ao redor. E efetivamente não tive perda nenhuma...ninguém do meu círculo próximo teve problema maior. Embora vários tiveram covid. Eu tive recentemente. Eu não tinha tido até então.

Quando a pandemia eclode, portanto, Sr. Fernando já reside só há aproximadamente sete anos, e já parece afeito às dinâmicas que compõem sua rotina. Morar só não implica, para ele, experiência de solidão. Gozando de segurança material - algo que, em suas palavras “muitas vezes o velho não tem” - esse arranjo domiciliar configura muito mais uma escolha pessoal, atrelada a um desejo de liberdade, do que uma imposição decorrente de contingências da vida.

- Eu acho que a maioria das pessoas se enviúva ou se divorcia, e aí mora sozinho. Não que isso não...de uma certa maneira, não tenha acontecido comigo. Quer dizer, eu só tive a oportunidade de morar sozinho depois que eu separei da minha segunda mulher. Eu acho que foi bem uma escolha assim, morar sozinho, bem uma escolha. E por sorte a minha companheira pensa igual a mim. A gente, nesse aspecto... nem ela quer morar comigo, então isso é ótimo. Agora é muito difícil os dois estarem na mesma página nesse aspecto, assim, porque um... um geralmente quer morar junto, o outro não quer. Sempre cria uma situação mais difícil. Alguém fica frustrado num relacionamento. E não é o nosso caso. Então isso ajuda muito.

A relação de companheirismo de que nosso interlocutor trata, sempre orientada por uma pretensão de autonomia, se faz mais próxima, mais diária, na imposição do distanciamento social.

- E com a pandemia, restou eu e ela, ela e eu. Então muitas vezes eu ia almoçar na casa dela, porque ela tem empregada todo dia, e eu... e ela vinha jantar aqui comigo porque eu sempre faço um jantar gostoso. Então a gente praticamente começou a se ver todo dia.

- Vocês usavam as duas casas, então?

- Usamos as duas casas. Eu acho o ideal de uma vida, na nossa situação, na nossa idade, que já tivemos relacionamentos longos, já temos filhos criados, já temos um monte de, vamos dizer, manias mesmo. Então ele fica com as coisas dela, eu fico com as minhas, e quando a gente se junta é muito bom. A gente pega momentos que a gente tá afim de ficar um com o outro. Não por obrigação, porque às vezes você não tá afim, mas mora junto, né? Então, nesse aspecto, eu acho ótimo. Eu acho que a gente tem que passar por todas as experiências, mas se você puder chegar nessa, é muito bom. Tem que ter situação financeira que permita manter duas casas. Ela trabalha, tem a vida financeira dela independente. Eu também. Então isso foi... a gente se aproximou mais. A pandemia aproximou mais a gente.

A proximidade que se consegue preservar nas relações - com a companheira ou com amigos e amigas - nem sempre é da ordem física e, nesse sentido, a utilização das ferramentas digitais foi decisiva para que as pessoas se fizessem presentes, tornando viáveis formas de cuidado. Sobre o uso do WhatsApp, Sr. Fernando diz:

- Ajuda! Ajuda! Ajuda muito. É engraçado, assim, você não se sente...cê sente a presença da pessoa. A gente fez muita reunião via... essas, essas reuniões que cê faz virtuais né? Aniversário que a gente fez aniversário de cada um no seu computador, conversando todo mundo. Enfim, ajuda muito. Nossa, essa é uma...uma ferramenta espetacular! Eu tenho amigos fora de São Paulo que parece que eu falo com eles todos os dias. Amigos assim, de muitos anos que a gente pode manter essa amizade com maior proximidade do que se fosse liberado pessoalmente, que eu ia vê-los uma vez a cada seis meses. E são pessoas assim, que cê tem, cê conhece bem a pessoa, sabe? É muito íntimo o relacionamento. Eu volto a dizer, essas brincadeiras que um faz com o outro, que a gente goza um ao outro, é...cê sabe qual é o ponto da pessoa. É um relacionamento. É um relacionamento. Eu... o meu primeiro casamento não foi bom. Então eu posso dizer que eu era muito mais sozinho morando com minha mulher do que eu sou hoje que eu não moro com ninguém. Então foram muitos anos de relacionamento ruim, então isso não aconteceu mais na minha vida. Eu digo relacionamento ruim, relacionamento afastado. Não que a gente brigasse ou... mas não...da parte dela comigo, diga-se de passagem. Eu até queria proximidade. Ela não queria. Então eu fui muito só sendo casado junto. E hoje eu sou muito, muito não só morando sozinho. E também tem o seguinte: ela é velha, eu sou velho. A gente mora sozinho. A gente conta um com o outro. Claro que a gente tem filhos, tudo, mas cada filho tem a sua vida própria, tem os filhos deles, a vida deles. A gente é um pedacinho da vida deles. Eles são um pedaço da vida da gente. Mas a gente sabe que conta um com o outro. Então isso aproxima muito, assim. Então vamos dar um exemplo

bobo, assim: eu acordo, olho o WhatsApp pra ver se ela já acordou. Se ela não acordou eu fico quieto. Ela acorda, olha o WhatsApp, viu que eu já acordei, me manda uma mensagem. Aí eu ligo pra ela. Aí a gente fala. Depois a gente se fala durante o dia. Normalmente ela janta aqui. Quando ela vai embora, quando ela chega em casa, ela me liga que chegou em casa. Sabe? Esse tipo de cuidado?

“O cara fica perdido”: gênero, casa e cuidado

No curso de nossa conversa, interessou-me escutar, da perspectiva de Sr. Fernando - em sua posição de homem que mora só e diz apreciar sua condição - quais seriam possíveis razões para que menos homens idosos vivessem em arranjo domiciliar unipessoal, se comparados às mulheres.

- Cê já viu uma expressão que é muito pejorativa para as mulheres, mas eu acho ao contrário? É “dona de casa”. “Qual sua profissão?”, “Ah, eu sou dona de casa”. “Ah, dona de casa”. É dona de casa, a mulher é dona da casa. O homem não sabe fazer bosta nenhuma. O homem se sente absolutamente perdido quando não tem uma mulher pra fazer as coisas todas que se faz numa casa. Eu...eu tive a felicidade de ter, primeiro, esse casamento primeiro...a minha primeira mulher era muito folgada, assim... Muito folgada! E eu fui tapando os buracos, eu fui aprendendo a fazer as coisas. Então eu...quando eu separei dela, eu fui morar sozinho, eu fiquei uns quatro anos sozinho, até conhecer essa outra que quis juntar...Eu me virei muito bem. Eu não tive problema. O cara normalmente vai para um flat, que tem serviço de empregada. Ele não sabe nem cuidar de empregada, ele não sabe porra nenhuma dentro de uma casa. O cara fica perdido. E não é o meu caso. Aí depois, no meu segundo casamento, minha ex-mulher, ela era o contrário da outra, ela era perfeita. Ela era uma dona de casa perfeita. Ela...minha casa era perfeita. E eu aprendi com ela as coisas que ela fazia. Eu sempre gostei de ser independente. Então eu gostei de aprender as coisas. E quando eu separei dela, ela me deixou uma herança maravilhosa, que é uma empregada que eu tenho que... perfeita. Ela que formou a empregada. A empregada é espetacular. Eu sou um patrão legal, assim. Porque eu gosto da minha empregada, eu ajudo ela em tudo que eu posso. Ela torna a minha vida uma beleza, ela faz tudo, tudo que eu imagino gostar, ela faz. Aliás é uma característica de empregada de homem sozinho. Elas viram mãe de você, assim, elas cuidam de você. É muito interessante! Então eu sei, eu sei mexer numa casa, eu sei lidar com empregada, eu sei cozinhar, gosto de cozinhar. Não vou lavar coisa, mas sei, a minha louça eu lavo. Não tenho o menor problema com isso. E recebo muito aqui em casa, eu cozinho. Então assim, é, pra mim foi fácil morar sozinho. Acho que pra maioria dos homens não é por causa disso. O cara não sabe porra nenhuma. Eu tenho um irmão casado há mil anos [risos]. É o primeiro casamento dele. E ele nunca...encostou uma barriga numa pia! Ele não sabe, ele não sabe! Eu imagino um cara desse sozinho, ele não sabe mexer numa casa, ele não sabe nada. É tudo muito simples, na realidade, é isso que tem que ter noção, né? Então eu acho que a maior dificuldade do homem é essa. O cara larga pra mulher a casa, e ele vai cuidar do trabalho na rua. Mais ou menos esse é o padrão. Mais ou menos. Essa geração parece que tá um pouco diferente, os

homens parece que participam mais. Até da criação de filho. Eu nunca troquei uma fralda na minha vida. Nunca. Sim, era uma coisa que minha mulher fazia. Não sei trocar uma fralda, não sei dar uma mamadeira, nunca fiz, nunca. Então, assim, eu poderia morar como eu moro depois de certa idade, depois que meus filhos tavam criados. Depois de maiorzinho eu saberia lidar com ele, mas neném, essas coisas assim, eu não sei. Eu não aprendi.

“Não tenho medo da morte, tenho medo de morrer”

Se, de uma maneira ou de outra, os tempos de pandemia foram tempos de luto para a maior parte da população humana do planeta, para as pessoas idosas os discursos circulantes carregaram efeitos específicos. A maior proximidade com a morte - que estrutura parte significativa das representações simbólicas da mais avançada fase da vida - parece ter sido trazida à tona pelos discursos do “risco”, de que esses indivíduos foram os principais destinatários.

Quando nossa conversa se debruça sobre o medo instalado entre “os velhos e velhas”, Sr. Fernando recorre a uma bela construção poética de Gilberto Gil, que lança olhares distintos sobre a “morte” - como “não existência” - e o “morrer” - como processo, “ato derradeiro”:

- (...) É, todos tomaram cuidado. E dentro das diferenças de cada um, teve gente muito apavorada... Bem apavorada! Eu tenho uma característica: nunca acho que vai acontecer nada ruim. É um tanto de otimismo e um tanto de irresponsabilidade. Mas eu sou assim. Então... eu não tive o sofrimento que muita gente teve, assim, de medo. Não tive isso. Eu não sei se eu me engano, mas eu não tenho medo de morrer. Vivi bem, vivi legal, uma vida boa. Passei pela vida sem grandes porradas. Muito pequenas. Então, tá ótimo. Tá ótimo! Claro que... como é? O Gil tem uma música boa em que ele fala "Eu não tenho medo de morrer, eu tenho medo da morte"⁹. Como. Do como sim.

- Do processo, né?

- É, do processo eu tenho muito. Isso me preocupa, porque a gente tá na idade que cê não sabe de que lado que vem a bomba, né? Que eu tô numa idade em que meus amigos, cada um da sua maneira, tá morrendo...

- Sim, é uma bela música essa!

- É boa, né? Eu acho fantástica. Define, pra mim, muito do meu sentimento, assim...

⁹ O interlocutor inverte o uso que Gilberto Gil faz dos termos, mas sem prejuízo de sentido em nossa conversa.

A música de Gil, em sua força poética, permite ao narrador *explicar-se*, ao mesmo tempo em que atravessa o processo de *compreender-se melhor*.

Não Tenho Medo da Morte
(Gilberto Gil)

*Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer
Qual seria a diferença
Você há de perguntar
É que a morte já é depois
Que eu deixar de respirar
Morrer ainda é aqui
Na vida, no Sol, no ar
Ainda pode haver dor
Ou vontade de mijar*

*A morte já é depois
Já não haverá ninguém
Como eu aqui agora
Pensando sobre o além
Já não haverá o além
O além já será então
Não terei pé nem cabeça
Nem fígado, nem pulmão
Como poderei ter medo
Se não terei coração?*

*Não tenho medo da morte
Mas medo de morrer, sim
A morte é depois de mim
Mas quem vai morrer sou eu
O derradeiro ato meu
E eu terei de estar presente
Assim como um presidente
Dando posse ao sucessor
Terei de morrer vivendo
Sabendo que já me vou*

*Aí nesse instante sim
Sentirei quem sabe um choque
Um piripaque, um baque
Um calafrio ou um toque
Coisas naturais da vida
Como comer, caminhar
Morrer de morte matada
Morrer de morte morrida
Quem sabe eu sinta saudade
Como em qualquer despedida*

Dona Rachel

*“A gente nasce e morre só.
E talvez por isso mesmo é que se precisa tanto de viver acompanhado.”*

Rachel de Queiroz

07 de dezembro de 2022

- Você acha que eu vou viver muito tempo pra mim ver o meu bisneto?

- Ué... Quanto que a senhora acha?

- Que eu vou viver?

- É.

- Olha, meu filho, se eu puxar a minha mãe, minha mãe faleceu com 91 anos. Cabecinha boa. O meu pai faleceu com 63 anos. Agora, se eu puxar pra minha mãe, eu vou viver muito. Se eu puxar pro meu pai eu já tô fazendo hora extra. Num sei, num sei, num sei.

- Então a senhora vai puxar a mãe, né? Porque do pai já passou.

- Só que tem uma coisa. A minha mãe faleceu com essa idade e o cabelo dela tinha mais preto do que branco. Olha o meu, eu já vou pra 75. Eu não tinjo o cabelo.

- E como que a senhora quer envelhecer?

- Eu não quero envelhecer. É que a gente envelhece, mesmo. Se você vê uma foto minha com 20 anos e vê agora... Não, a fisionomia, a feição da pessoa, como fala? É feição? Não sei. Se tiver errado, também, me perdoa. Os traços meus... é a mesma coisa de mocinha, quando eu era mocinha. Os traços não mudou. É sim. As minhas irmãs, todas tingem o cabelo. Se não tingir a cabeça fica branca. A minha eu não tinjo.

- É?

- Agora você me fez lembrar de uma coisa.

- Hm?

- Eu peguei o ônibus Santana. Naquela época eu não tinha tirado a carteirinha do idoso ainda. Aí eu fui descer aqui - quando ele vai, ele vai como Santana, quando ele volta, ele volta como Ceasa, né? Então, eu ia descer na Chile, e o motorista falou pra mim assim: "A senhora tem que descer atrás". Eu falei: "Por que é que eu tenho que descer atrás? Eu não te mostrei agora mesmo a minha identidade?". "A senhora não tem 60 anos". "Tenho. Mas eu não lhe mostrei a identidade? Olha o ano que eu nasci, você vai ver que eu tenho mais de 60 anos". "Mas a senhora não tem... a senhora não tem cabelo branco". "Mas pra ter 60 anos eu tenho que ter cabelo branco?", falei pra ele. Você sabe, ele abriu a porta pra mim descer, mas ele ficou resmungando.

- E a senhora tava com quantos anos?

- Naquela época eu acho que eu tinha uns 65 anos, mais ou menos.

- Não acreditou.

- Ele não acreditou. Não acreditou. E eu mostro a identidade, mostro a identidade! Eu dei risada...

Dona Rachel me recebeu no salão de entrada de seu prédio, na Vila Leopoldina. Por ali ficamos para nossa conversa, sem subir ao seu apartamento, que naquele momento estava “sem condições”, pois bagunçado e ocupado por dois cachorros.

No início do diálogo, nossa interlocutora afirma não ter “muito o que dizer”, aparentando alguma reserva. Aos poucos, no entanto, seu relato flui, percorrendo suas dificuldades e reinvenções, as perspectivas sobre o envelhecimento e a importância da companhia dos animais.

- (...) Mas esse tempo de pandemia foi muito difícil, viu, foi muito difícil. Pra você ver, uma pessoa que mora sozinha é difícil. Então, eu não tenho o que dizer muito, porque graças a Deus eu sobrevivi, né? Procurei tomar cuidado, fiz o que precisava fazer e assim...Pra te falar a verdade nem em médico eu ia, porque você ia sair, podia acontecer alguma coisa. Então quando eu precisava de médico eu ligava pra eles e a gente conversava com médico por telefone, né, e dava orientação pra gente. Num tem muito o que falar. Ou você gostaria de saber mais alguma coisa?

- O que é que foi o mais difícil?

- O difícil é você não poder sair, né? Eu gosto muito de sair, gosto de ir nos meus bailes. O difícil foi você não poder sair. Graças a Deus não me faltou nada. É... É só isso que eu posso falar, porque o difícil foi ficar presa dentro de casa sem poder sair, né, sem poder sair. Esse foi o difícil.

- A senhora não saía mesmo?

- Não podia. Graças a Deus, quanto a doença - assim, eu mesma ficar doente -, eu não tive. Passei bem, não peguei vírus, não peguei nada. Graças a Deus.

- A senhora mora só há quanto tempo?

- Ah, já faz tempo. Já faz muito tempo. Uns 10 anos, 10 anos mais ou menos.

- E como é para a senhora isso?

- Como é viver sozinha? É horrível, meu filho, é horrível. Eu sinto muita solidão, pra mim é muito difícil, sabe? Eu acredito que eu nasci pra não viver sozinha. Porque tem pessoas que

fala que gostam de viver sozinhas, mas eu acredito que essas pessoas mente, viu? Porque é duro viver sozinha, viu? É muito difícil.

- O que é o mais difícil?

- O difícil é você tá em casa você não tem com quem conversar. Você ficar em frente a uma televisão o dia inteiro, isso eu não gosto. Não gosto de ficar na frente da televisão. É por esse motivo que eu gosto de sair, eu gosto de... como você, você me conheceu no baile. Lá naquele baile eu ajudo minha amiga na lanchonetinha que ela tem lá, passo aquelas horas gostosa e depois venho pra cá, entro na minha casa e fico sozinha. Meu filho tem a família dela, o casal trabalha, os neto estuda. Que atenção que pode dar pra gente? Não dá pra dar atenção, né? A gente tá... num dá pra dar muita atenção. Agora, o que me distrai um pouquinho é o cachorro, né? A Luna e o Alvi. Eles me distrai.

No baile citado, em que fomos apresentados um ao outro, Dona Rachel “passa um pouquinho a sua vida”, com alegria. Lá, espaço de socialização e de estabelecimento de laços, ninguém atribuiria à nossa interlocutora sua idade cronológica, como ela nos conta. Não é de surpreender que a suspensão desses encontros tenha sido uma das perdas mais significativas durante o período da pandemia.

- Simplesmente fechou, meu filho. Não teve baile. Porque o baile ali onde nós se encontramos era terça, quinta e sábado. Agora é só terça e sexta. Eles tiraram um dia. Então a gente vai lá... você vê, ali é tudo pessoas simples, pessoas que... mas pra mim é uma alegria! Tem outros bailes. Tem no MOPI. Ali na Lapa tem o Roma. Tem outros bailes, mas ali, ali, por eu ter pegado amizade com a moça que tem a lanchonete e como eu trabalhei muito nesse ramo - eu tive bar, restaurante, essas coisas - eu entendo...Então eu quis ajudar ela. Ontem mesmo eu fui lá, a funcionária dela não tinha vindo. Eu fiquei lá, eu fiquei no caixa e ela ficou me atendendo.

- A senhora dança também?

- Sim, danço. Mas ontem eu não pude. Ontem a funcionária não tava lá. Quando a funcionária tá, na hora do movimento eu corro lá e ajudo. Mas até dar aquele movimento eu fico dançando.

- Gosta de dançar?

- Adoro.

- E dança em outros bailes também ou só lá?

- Sim, como eu te citei pra você. Tinha no MOPI, eu vou no MOPI, vou no Roma. E ali eu passo um pouquinho a minha vida. Não é fácil, filho. Pensa que é fácil? Hm! Graças a Deus eu não posso reclamar. Porque eu, com a idade que eu tô - num sei se o pessoal fala pra me agradar ou se é verdade - ninguém me dá 75 anos...o que eu vou fazer? Todos dão bem menos.

Como passar com alegria o tempo de vida que transcorria nos bailes, quando todos esses têm, forçosamente, suas portas fechadas? Frente a novas necessidades de cuidado em saúde, consigo e com seu entorno, Dona Rachel tece novas relações de alteridade.

- Não, não tinha nada. Não tinha nada que me distraía. Porque logo que aconteceu isso, passou pouco tempo, meu filho teve o AVC. E depois que ele teve o AVC, graças a Deus, a minha neta comprou esse casazinho de cachorro. Isso daí que me ajudou e ajudou meu filho. Esse dia foi a ajuda que eu tive. Porque aí você, você tinha os cachorros, eram pequenininho, engraçadinhos. E eu subia e descia, porque eu moro no terceiro andar e o meu filho mora no primeiro. Eu ficava subindo e descendo, subindo e descendo. Porque, lógico, eu queria ver o meu filho, queria ver como é que tá, né? Foi logo que começou a pandemia que aconteceu esse AVC.

- Então um pedaço da pandemia a senhora já conseguiu aproveitar os cachorros, já?

- É, um pedaço. Praticamente eu posso dizer quase tudo, né? Porque logo ela comprou.

- Então os cachorros ajudaram bastante...

- Ajudaram bastante. Tanto a mim quanto ao meu filho. Ajudaram bastante. Eles são danados os bichinhos, viu? Depois eu te mostro a foto deles.

“Pra você, que é jovem, não foi difícil?” - Acirramento de vulnerabilidades

Quando conversamos sobre o impacto das medidas de distanciamento social sobre a vida cotidiana, Dona Rachel traz à cena as dificuldades de ordem material que atravessam a condição das pessoas idosas. Falando do “velho”, lança luz não só sobre sua realidade, mas sobre as realidades de grande parte dos indivíduos situados na mesma fase da vida - marcadas por vulnerabilidades de ordem social e programática.

- (...) Filho, filho, eu te falo... eu chamo os outros de filho. Filho, pra você que é jovem, não foi difícil? Agora, imagina pra um velho! Foi difícil pra todo mundo. E além de ser difícil, quanta gente perdeu emprego, quantos comércios que fecharam! Meu filho foi um deles...que

perdeu o emprego. Porque onde ele trabalhava faliu. Fazer o que, né? Isso foi.. Essa pandemia mexeu com todo mundo, todo mundo.

- A senhora acha que pros idosos foi mais difícil?

- Nu! Pros idosos é pior, filho.

- Por quê?

- Porque o idoso que ganha 1200 reais... me fala pra mim, o que o idoso faz com 1200 reais? Se vai na farmácia, os remédios tá um absurdo. O mantimento tá um absurdo. O SUS... você vai no posto pegar um remédio, não tem. Como que uma pessoa pode sobreviver com 1200 reais? Não dá, não dá! Eu sou aposentada, mas a minha aposentadoria foi defasando, defasando. Fazer o quê? Eu tenho a pensão do meu marido. Como a gente trabalhava por conta, ele não quis pagar a mais de INSS. Ele falou: "Daqui a alguns anos eu começo a aumentar...". Mas infelizmente Deus tirou ele com 47 anos.

- Jovem, né?

- O que eu recebo dele? 1200 reais. O que eu faço com esses 1200 reais? Eu pago meu convênio. E ainda dou graças a Deus que dá pra pagar o meu convênio. É. É o tal negócio, né: você tem que saber administrar aquilo que você ganha. Eu, graças a Deus, não tô trabalhando mais, mas eu aprendi a administrar o dinheiro que eu ganho. Eu sei até onde eu posso gastar, eu sei o que eu posso comprar. Porque a minha despesa pior é o convênio e o condomínio. Filho, infelizmente, eu não posso contar com filho, porque ele tem a família dele. E agora, que aconteceu isso, ele arrumou um serviço provisório, né? Tá ganhando, mas ganha muito pouco. Mas Jesus há de abençoar que o ano que vem ele consiga uma coisa melhor. É desse jeito, meu filho. A vida da gente é essa.

Não são só as limitações de ordem material - como renda na aposentadoria, acesso à atenção em saúde - que constroem a vida prática das pessoas idosas, mas também um conjunto de representações simbólicas etaristas, veiculadas por discursos carregados de estigma, sob uma justificativa de "cuidado" ou "proteção".

- Sinceramente, eu ficava com raiva, né? Eu falava: "Pô, só porque a gente tem idade a gente é culpado de tudo? Qualquer coisa? Os idosos têm que tomar cuidado, os idosos...". Eu falei: "Pô, não era só idosos que morria, morreu tanta gente nova!". Mas eles jogavam tudo em cima do idoso. Não é verdade? Tudo eles jogavam em cima do idoso!

Parece-me que narrar os afetos, enquanto conversamos, é para Dona Rachel uma via de ressignificá-los, integrando-os à sua biografia e fazendo emergir - da vivência - a experiência, como valor e privilégio da forma narrativa própria:

- O negócio é rir, porque chorar não adianta. É isso, filho, é... Olha: não sei se eu vou passar na entrevista... Não sei se eu vou passar na entrevista. Se servir...

- Claro!

- Se servir pra você pra alguma coisa eu vou ficar muito contente.

Sr. Vinícius

*“Com as lágrimas do tempo e a cal do meu dia
eu fiz o cimento da minha poesia.”*

Vinícius de Moraes

12 de dezembro de 2022

- O senhor falou que se não for no baile fica mais doente?

- Se eu não for no baile, fico mais doente.

- Como é que é isso?

- *Aí me volta aquela...aquela solidão, e eu tenho medo de pegar aquele negócio lá que as pessoas pega. Uns falam que é frescura, mas não é frescura não, é verdade. A pessoa fica sozinha, como é que chama aquilo? É... não é estresse. É, tem o nome pra isso...Pessoa que fica muito sozinha, começa a fazer besteira. Alguns faz uma besteira muito grande! Mas agora quando voltar o baile, vou tá melhor. Enquanto eu tiver perna pra dançar, eu vou dançar. Eu... eu fui operado do primeiro tumor, já tá... parece que vem vindo outro. Não doeu tanto quando perder o baile.*

Segurando-se firmemente no corrimão, Sr. Vinícius desce vagarosamente as escadas que levam da porta de sua casa ao portão da rua, onde me recebe. Subo e entro no pequeno espaço, que o morador trata como “cubículo”. Sua narrativa ilumina a importância do baile, as relações de amizade no bairro e os aprendizados do “morar só”.

“Cê é novo ainda!”: Luto, amizades e reinvenções

- *E como foi pro senhor quando começou a morar sozinho?*

- *Comecei a morar?*

- *Como que foi quando começou a morar sozinho? Como é que o senhor se sentiu?*

- *Saudoso, só. Saudoso da minha mulher. Mesmo ela tando doente, ela era tudo pra mim. Naquela época, mesmo doente, ela não me deixava faltar nada. Somente o marido e mulher que não tinha condição. Ela tinha dois problemas, um na bexiga e outro... esse que eu*

te falei, que faltava ar nela. Qualquer coisa que ela fazia pesado...depois que descobriram que era falta de ar. E ficou...quando eu vim morar...quando ela morreu, eu morava lá com a...na prima dela. Quando eu mudei pra cá, ficou um mês assim, pra mim acostumar. Andava a casa inteira... a casa inteira! Essa coisinha aqui, esse cubículo aqui. Andava pra lá e pra cá. Aí eu parei de andar, começava a ficar na janela. Foi aonde as pessoas começou falar pra mim... que eu era novo, essa mania de falar 'Não, cê é novo ainda'. Que novo! Eu já tinha 73 anos. Novo nada! Né, agora... Esses dias eu tava pra lá, a mulher falou 'Cê não vai mais no baile? Cê é novo'. 'Que novo, dona, tenho 78 anos. Que novo! Novo é quando eu tinha 50'. Quando eu era... mulher era viva, fazia nada. Não dançava, não saía de casa. A única coisa que eu fazia extra é que eu ia pagar conta e ia pro cinema. Eu pagava as contas...ela fazia as compras, eu pagava. Só que eu ia de sábado de manhã pra pegar um cineminha de sábado. Mas falava pra ela, né? Ela fazia os bolos dela, os doce, os salgados. Tinha uma sobrinha e uma irmã que ajudava. Isso aí eu não ajudava, não. Pôr a mão na massa não era comigo. Agora...entregar, ajudar a fritar, aí sim. Depois que eu comprei o carro, entregava de carro. Pegava aí...comida mais grande e mais longe. Mas foi uns dois meses de solidão, mais ou menos.

- E hoje, como é que é?

- Não me sinto mais solitário. Já tenho mais amizades com as pessoas da minha idade. Então as pessoas, do meu...Tem uma mulher aqui que era...De sexta-feira tem feira na rua de cima ali, ela vende muita...muita coisa. Tudo que cê pensar que tem em casa ela vende, roupa, sapato, e alguns utensílios. E eu sento lá, fico... É o filho dela que me dá as camisas. Eu fico lá sentado conversando até dá meio-dia. Aí eu venho pra cá. Depois começou o baile, eu comecei a vir embora 11 horas. Tomava banho, almoçava e ia pro baile. Quer dizer, já não tô mais solitário. Passam muitos aí, me chamam pra descer lá. Eles só não entram aqui em casa. Ninguém entra aqui em casa. Faz seis anos que eu tô aqui, não recebi uma visita.

As relações de amizade parecem ter sido determinantes na reinvenção da vida de Sr. Vinícius após a perda da mulher. São os amigos e amigas do bairro que o “tiram da janela”, convocando-o para fora de casa, para o baile. Anos depois, durante a pandemia, são esses amigos e amigas, de longa data, que o amparam em suas necessidades, como, em suas palavras, “muletas vivas”:

- (...) Quando eu não podia sair, teve uma época que eu não podia sair, eles passava aí, pegava o dinheiro na janela pra comprar pão e leite pra mim.

- Quem é que fazia isso? Quem que fazia isso?

- Os vizinhos, amigos. Vizinho nem tanto. Nessa virada aí tem dois. Descendo essa rua aí, tem mais dois. São assim, amigos de anos. Amigos de 50, 60 anos.

- É? Daqui do bairro?

- Daqui do bairro. Eu moro aqui há setenta e... e dois anos e só nesse bairro aqui, mudei de casa alguma vez, mas só nesse bairro, há 72 anos. Deu pra conhecer muita gente. A minha vida foi assim...Quando na pandemia, não saía de casa. Telefone não toca, ninguém liga pra mim, eu também não faço questão. Eu tenho meu telefone só pra quando eu tenho muita necessidade. Eu tô aguardando o meu filho agora me ligar e tá pra...ele trabalha com Uber, não é todo dia que ele tá livre. Ele fica de dia em casa, ele vem vindo, um passageiro pede solicitação, ele tem que pegar, né, porque tá ruim a praça. (...) Então é o único que liga aqui pra mim. E a C., uma vez ou outra. Principalmente se eu saio do baile com...se ela vê que eu saio meio ruim, no outro dia ela já liga pra ver se eu tô bão, se...

- Quem que é a C.?

- O senhor vai lá depois, um dia desses o senhor vai lá. Aquela que o senhor con... conversou com ela lá no baile também. O senhor não conversou com a C.?

- A C...mas ela é o que do senhor?

- Nada, amiga de baile só.

- Amiga de baile. E liga pro senhor pra saber como o senhor tá?

- Nós tem uma amizade há muitos, muitos anos. Dez anos por aí. Mas as minhas amizades mesmo, consta mais de 50 anos. (...) Mas a minha vida aqui na... na pandemia, foi simples. Não saí de casa. Conversar, muito pouco, pela janela, aí. Não podia andar muito. E quando eu tinha necessidade, eu precisava chamar alguém pra mim ter apoio, sabe? Tipo muleta ambu...muleta viva. Tinha que pegar no braço de...andar, eu ando, mas se eu segurar no braço eu ando mais melhor.

- E quem que o senhor chamava?

- Às vezes uma vizinha aí, e quando... quando a minha nora era a minha nora, que agora eles dizem que não são mais meu parente, que eu descobri umas coisas dela aí, então ela fez a cabeça do meu filho, das irmã, tudo, então essa parte minha foi dispensada da família...Então eu chamava essas pessoas assim...Tinha um que me levava de carro lá no...no SUEL, que é clínica de vista, uma das maiores de São Paulo, quem sabe do Brasil, que vem gente de todo lugar. Eu fiz as duas cirurgias de catarata lá. Então ele me levava de carro. Tinha um vizinho aqui de cima também que me leva às vezes no banco, quando eu preciso de ir no banco. Só o fato de subir aqui e depois descer, porque eu subo e desço do outro lado...e quando eu volto é o contrário. A descida que atrapalha. A subida não é ruim. A subida eu tenho que forçar, e a descida se eu vacilar, der um tropico, caio e rolo.

Livros, escritos e aprendizagens

O fechamento dos bailes, durante a pandemia, obriga Sr. Vinícius a rearranjar sua rotina. Como passar o tempo quando se está sozinho, em casa?

- *O senhor falou que sentiu muita falta dos bailes na pandemia, né?*

- *Senti, muita, muita.*

- *Que que mais ajudou o senhor?*

- *Eu acho que foi os livros. Eu lia muito. Lia muito livro. Ultimamente eu li um livro aí. “Por que que os homens fazem sexo, a mulher faz amor”. E não é um livro pornográfico. Apesar do título, é um livro médico, científico. É um casal de médico que faz a pesquisa da vida... a vida normal da pessoal, a vivência da pessoa. Viajaram pelo mundo, cada lugar tinha um sistema de vida, e eles fizeram esse livro. Muito, muito interessante. Eu nunca vi um livro tão interessante quanto esse.*

(...)

- *Que mais o senhor leu na pandemia?*

- *Eu, por exemplo, nunca gostei de livro sexual. Eu lia muito Agatha Christie. Ela escreve livros policiais. Até eu tenho um aí, eu tava lendo. Agatha Christie, Sidney Sheldon, esses caras que escreve conto pequeno, sabe? Livro grande eu li poucos. Que nem Moby Dick. Moby Dick eu fiquei três meses lendo. Ele é dessa grossura. Mas esses livros de história assim, de contos, de crime... tudo fictício, né? Não é nada real. A única coisa real é esse livro desses dois, desse casal aí. Eles escrevia as coisas pela ciência. Tudo científico, tudo comprovado pela ciência, por exames. Nada que...de pornografia. Não tinha uma pornografia no livro.*

Para além do que aprecia como leitor, nosso interlocutor produz seus próprios textos, diariamente:

- *(...) E eu escrevo, viu? Procê ter uma ideia... cê não vai ler não, vou só te mostrar, viu? Ó, folheia isso aí. Cê vai ler, cê vai perder o dia aí! (...) A maior parte que tá aí foi na pandemia. Na pandemia eu escrevia todo dia. Eu via um acontecimento, já bolava alguma coisa. Escrevo muito, já escrevi música. Quando eu tinha 18 anos eu escrevi uma música. Eu vendi... vendi a letra por 5 cruzeiros, na época, e acho que o cara ganhou 5 milhão [risos].*

Em meio a bailes e textos, lidos e escritos, Sr. Vinícius reinventa continuamente suas formas de andar a vida, aprendendo a viver - também - sozinho:

- *Aprendeu muita coisa na pandemia, né?*

-Eu aprendi. Eu aprendi!

- E que que foi o mais difícil?

- O mais difícil foi o... aprender o jeito de viver sozinho. A não entrar em depressão. O meu maior medo era entrar em depressão. Que eu tive três colegas meu que suicidou por causa de depressão. Três. Da minha idade. Então eu tinha o maior medo de entrar em depressão. Ficar sozinho e vir pensamento...mas quando começava a vir pensamento besta, eu ia...eu ia lá embaixo na livraria e comprava um livro novo e lia. A minha leitura tirava tudo isso da minha cabeça. (...) eu acho que o mais importante foi como viver sozinho sem entrar em depressão. Isso pra mim foi a coisa mais importante que eu aprendi. É muito importante a maturidade da pessoa. E a minha vida não foi uma vida fácil.

Dona Adélia

*“Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.
Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento.”*

Adélia Prado

15 de dezembro de 2022

- Atrapalhou muito, muito, muito. Fechou, as igreja fechou! Não podia! Quando a pandemia acalmou bastante, aí nós tinha que ir com poucas pessoas, tudo de máscara. Até chegar o nível que tá agora.

- A senhora sentiu falta?

- Eu senti muito, muito. O pastor ainda veio aí com umas irmãs. Leu lá na rua, do lado de lá e eu do lado de cá, de dentro de casa. Não podia sair. Foi difícil.

- Porque é algo importante pra senhora.

- Mas eu chorava, misericórdia. E eles gravaram tudo. Mas eu fazia um desespero, porque eu queria sair. Eles: "Não!". Eu digo: "Pelo menos aqui no quintal". "Não! Não pode". Aí vieram aqui, visitaram, leram, cantaram, oraram lá mesmo da rua. Foram-se embora. E eu fiquei aqui, ele disse: "Não, a senhora é de idade, não pode". Digo: "Mas Jesus, que sacrifício". Aí quando eu vejo uma pessoa jovem assim, eu digo: "Olha, você faça de tudo para você não envelhecer, seja jovem, porque a coisa mais bonita que tem na vida é jovem. Por que o velho já teve o que fazer, não pode mais voltar atrás. Então, aí, eles dá risada. Eu digo: "É isso mesmo". Deus ama a juventude, sabia?

Dona Adélia mora em uma espaçosa casa de fachada rosa, em um bairro periférico da Zona Oeste. No portão, estão anúncios de venda do imóvel, que ela diz ser “grande demais para alguém que mora sozinha”.

Quando seu companheiro morreu, há aproximadamente 10 anos, filha e genro convidaram-na para morar junto aos dois, alternativa prontamente recusada por nossa interlocutora:

- É. Dez anos. Foi quando meu marido faleceu. Eles queriam levar eu pra casa deles. Digo: "Não. Eu vou ficar na minha casa". Né? Depois, quando o carro veio...Quando eles

vieram, ele já tinha mais vida não. Mas aí ele encostou assim no sofá e queria falar, não teve jeito, no que eu fui olhar, já tinha ido. Deitei ele, pus um travesseiro pequenininho, que era da minha neta quando era neném, pus na cabeça dela, cruzei as mãos dele, amarrei com uma faixinha, amarrei os pezinhos dele também, fechei os olhinhos dele - foi - tampei todos os buraquinho que tinha direito. Aí o moço veio: "Como? A senhora trabalhou em hospital?". Eu digo: "Não. Nunca, nunca. Eu vou ao hospital quando preciso, para passar numa consulta ou operação. Só isso". "E como a senhora fez tudo isso?". Eu digo: "Porque eu vi os outros fazerem". Não precisa eu aprender, eu vi.

(...)

- Porque - olha, doutor! Minha filha tem a casa dela com o marido dela e com a filha dela. Eu tenho a minha. Então eu falei pra ele: "Eu vou tirar a liberdade de vocês e vocês vão tirar a minha". Num é? Isso aí. Você se casa, vai pra sua casa. Agora você tem uma família. É. Você tem pai, tem mãe, mas você casou, está na sua casa. Aí você tem uma família. Agora a sua responsabilidade é com sua família. Você, dentro da sua casa, com a sua companheira, vocês querem viver assim, vamos supor, à vontade. Né? Se quiser ficar com shortinho, fica! Como quiser. Mas comigo dentro de casa, já, vocês não podem. Num é? Já eu, como sou uma senhora de idade e sempre me vesti de outra maneira, como tá aqui...então pra mim eu não vejo essas coisas. Pode andar do jeito que quiser...pra mim, eu não encaro nada disso. Só que eu tiro a liberdade deles, como eles tiram a minha. Então não.

- Aí a senhora optou por ficar.

- Aí eu falei: "Não, eu tiro liberdade e você tira a minha. Então você fica na sua casa e eu fico na minha. Não tem problema".

Passados dez anos da decisão, Dona Adélia não esconde as ambivalências do arranjo, e a falta que sente de uma companhia, em sua cumplicidade:

- E hoje, como é que é morar sozinha?

- É ruim.

- Continua ruim?

- Ruim. Não tô dizendo para você? De dia tudo é bom, mas de noite não tem com quem conversar? Não tem com quem falar. Porque você tem sua companheira, você tem sua mulher, você tem uma pessoa, como se diz, assim, que você confia. Tem coisas que você pode falar só com a sua companheira, não pode falar com outro. Não! Não pode falar com sua mãe, não pode falar com seu pai. É um segredo seu e da sua companheira. Como era meu e do meu companheiro e agora eu não tenho mais. É difícil, moço. É complicado. Porque a Bíblia diz assim: "Deixa o filho o pai e a mãe e se une a uma mulher e serão dois numa só carne". Dali pra frente. Por isso que quando você for casar, você procure uma pessoa honesta, uma pessoa de boa índole, uma pessoa de família boa, como eu fiz.

“Pra entreter o tempo, para tomar o meu tempo, para encurtar mais o tempo”

Com o fechamento das igrejas e a impossibilidade de ir presencialmente aos cultos ou de receber familiares e amigos em casa, Dona Adélia depara-se com a necessidade de rearranjar sua rotina e as dinâmicas específicas de suas relações. O tempo, em casa, é outro, e é desse tempo que a narradora precisa se (re)apropriar.

- Alguma coisa nova que a senhora passou a fazer? Algo que a senhora tenha inventado e que ajudou?

- Não. O que eu ajudei, de novo, era assim... na pandemia era assim...é que eu ficava em casa entretida fazendo, fazendo bolo, fazendo salgadinho pra gente comer. Aquilo me entretia bastante. Aí depois eu chamava meu genro pra ele vir buscar, ele vinha lá na porta buscar. Aí eu pegava e dava ali pra ele. Porque eles aqui não tiveram medo da pandemia não, nem um pingo. Eles queriam sempre que eu tivesse por ali. Então, eu fazia e dizia: "M., eu fiz umas esfihas, você quer um pouco?". "Quero, tia". Aí eu dava pra ele e voltava pra cá, né? Essas coisas assim, eu arrumava, como se diz, assim, minhas roupas mesmo pra arrumar, eu fazia almofadinha para meus bichinhos. Pra entreter o tempo, para tomar o meu tempo, pra encurtar mais o tempo.

Se algumas pessoas do entorno não tiveram medo da infecção pelo vírus, Dona Adélia, do seu lado, tomou o cuidado consigo de maneira bastante assertiva, encontrando formas de alegrar a mente enquanto tinha mantinha distância segura dos demais:

- O que me segurou dentro de casa? Foi eu lendo a palavra de Deus, orando, cantando, passando os discos. Aquilo me alegrava minha mente, me fortalecia também. Era isso. Nem no terraço eu tinha vontade de ir, porque o povo chegava no portão e queria...eu digo: "Não posso atender". Olha! Difícil, doutor, muito difícil! Aí depois que passou essa pandemia eu sempre andei de máscara. Lá vem o povo todo me abraçando. Aí foi preciso pôr máscara, passar álcool em gel. Sabe o que eu fiz? Passei álcool em gel até no trinco do portão pro lado de fora, porque eu não sei quem pôs a mão do lado de lá. Do lado de dentro tá eu, que tô sadia. Mas do lado de fora eu não sei quem passou, quem pôs a mão lá! Aí passei para poder pegar no trinco para fechar o portão. Aí quando eu cheguei lá, a filha de uma vizinha minha, já vem me abraçando... Eu falei: "Vai pra lá, jacaré!". "Você não sabe que estamos numa pandemia? E você vem me abraçar? E você anda por aí fuxicando em tudo quanto é lugar! Não pode, menina! Se liga você também! Ela não só pega velho não, ela pega jovem, pega adulto, ela pega quem ela acha que deve pegar".

Enquanto os seres, humanos, “do lado de fora” representam risco, há alguns, “do lado de dentro”, com quem Dona Adélia pôde manter um contato festivo e despreocupado, em relações de companheirismo e amizade:

- E a senhora tem o Lupi e tem mais bichos?

- Eu tinha mais três, todos os três morreram. Eu tinha uma rottweiler. Eu tinha um grandão chamado Sheik. Eu tinha um outro, grande também, chamado Faraó. Era o Sheik, o Faraó e a Nick, que era a rottweiler.

- No tempo da pandemia tava com os quatro?

- Tava com os quatro.

- E ajudavam?

- Me ajudava bastante.

- É? E como que era isso?

-Porque eles eram muito amigo, então eles queria tá comigo. Eu ia pro quintal, eles me abraçavam, me lambia e pulava em cima de mim...e fazia aquela festa! Aquilo ali era um amigo pra mim.

- Amigo?

- Amigo.

Sr. Mário

*“Cheio de cama quente, corpo ardente
e perfumado recendente”*

Mário de Andrade

21 de dezembro de 2022

Após um contato inicial no baile da “melhor idade”, fui até o endereço onde mora o senhor Mário, aos seus 86 anos. Localizado no Brás, seu edifício compõe - junto a outros prédios residenciais e estabelecimentos comerciais - uma galeria, em cujo centro se pode circular livremente. Quando toco o interfone de seu apartamento no 9º andar, Mário prontamente responde estar descendo ao meu encontro. Reapresento-me e digo novamente as motivações de minha pesquisa. Mário explica que acabou de receber, inesperadamente, uma visita de sua filha, e que por essa razão não poderemos conduzir a conversa no interior de seu domicílio.

No início, Mário aparenta certa impaciência com relação à entrevista, sobretudo quando informado que a mesma, em geral, tem duração de 40 minutos a 1 hora. Sentamos em duas cadeiras de plástico dispostas em frente a um bar, no interior da galeria. Em pouco mais de 1 minuto, Mário parece concluir seu relato, afirmando não ter mais “nada a dizer”. À medida que o convido a falar mais de sua vida e sobre “morar só”, no entanto, o diálogo parece desobstruir-se, e o relato de sua experiência emerge com força.

- Desde a pandemia, eu... eu tenho duas filhas, uma é psicóloga e a outra é auxiliar de enfermagem. Então elas me cobriram muitos dos meus problemas que eu tinha que fazer. E naturalmente me obrigaram a, parcialmente, fazer todas as vacinas que tinha direito de fazer. E todas as vacinas foram feitas nos tempos hábeis. Então eu tô perfeitamente coberto por vacinas. Eu não tive nenhum transtorno com essa doença. Continuo usando máscara, onde é necessário. Então eu tô tranquilo quanto a isso. Não tenho problema nenhum. Porque minhas filhas muito me cobram também, sabe? "Tomou vacina? Não tomou? Vai tomar! Precisa tomar". Eu tenho duas, duas... trabalham na área da medicina. Então eu tô coberto em referência a essa doença que tivemos aí. Tô coberto até hoje. Eu tô...totalmente tranquilo com referência a essa doença. Isso que eu podia dizer a respeito disso. Não tenho mais nada que dizer a respeito disso.

- O senhor mora sozinho aqui há quanto tempo?

- Há dois anos e meio. Há dois anos e meio. A minha esposa faleceu aqui nessa casa, há dois anos e meio. E eu tô me adaptando à vida de solteiro. Eu ainda não me adaptei, não me adaptei. Eu fico treinando viver como solteiro, é difícil.

- Como que é isso?

- É difícil. Viver sozinho é difícil. Cê não tem com quem conversar, cê não tem com quem falar. Cê fica apavorado dentro de um apartamento. Às vezes me dá um sufoco, porque cê não tem com quem falar. Então eu saio pra rua, vou dar uma volta no quarteirão, encontro os amigos. Fico na porta de bar, batendo papo. E... é uma pinguinha aqui, uma cerveja ali. A gente passa o tempo mais ou menos assim. Porque ficar sozinho dentro de casa é horrível... é horrível! Sozinho é demais. Então...eu ainda sou novo, viu...sou novo! Dois anos e meio: sou novo!

- Sim.

- Não me adaptei à velh...a morar sozinho, ainda. E sempre procuro companhia de mulher, principalmente. Certo? Eu tenho uma companhia que...que vinha fim de semana. Passava dois, três dias aqui, pra mim era o suficiente. Essa companhia, infelizmente, mudou, foi pra outra cidade do interior, e voltei a ficar sozinho novamente. E agora eu estou...eu gosto muito é de dançar. Não sei se interessa. E nos bailes da minha vida, o que eu faço é sempre propor de tomar conhecimento de outras pessoas. E naturalmente tô já em contato com outra pessoa que vai me ajudar nesse aspecto de não viver sozinho. Eu quero uma companhia feminina dentro de casa. Seria muito melhor.

“Não posso viver sem mulher dentro de casa”: gênero e cuidado

O discurso de senhor Mário, à medida em que relata a experiência de morar só após a morte da esposa, descortina representações simbólicas de gênero muito arraigadas, evidentemente assimétricas com relação aos trabalhos de cuidado que a vida cotidiana requer.

Se o desejo por encontros sexuais é prontamente mencionado como uma das razões pela “procura” por uma presença feminina, é certo que esse não constitui a motivação única. Quando pergunto em que sentido ter uma companhia feminina seria melhor, Sr. Mário responde:

- Sexualmente, principalmente. Não é? Porque na minha idade, ainda adoro sexo. Eu adoro sexo e preciso de uma companhia feminina, entendeu? E eu sempre procuro nos bailes da vida que eu vou...sempre trago alguém pra minha casa. Mas não pra morar em definitivo!

Não quero morar em definitivo, porque tive uma experiência desagradável há pouco tempo. Tava com uma fulana aí, que depois de três meses...não morava aqui, mas vinha fim de semana só, né? Me ajudava em tudo que era possível, fazia limpeza do apartamento, me ajudava sexualmente, também. Beleza pura. Só que depois de três meses ela começou a pedir união estável, pra garantia de vida dela. Todas elas fazem isso. Eu neguei, que eu não sou idiota. "Ah, não, porque seus amigos lá no baile todos fizeram!" Fizeram porque são idiotas! Eu não vou fazer união estável com você se eu conheci você há três meses. (...) As mulheres por aqui...todas elas vão entrar no mesmo esquema. Depois de uns dias já querem alguma vantagem. E eu não vou dar vantagem pra ninguém, que eu não sou idiota. Não sou isso, por enquanto. Então, tá difícil. Mas eu não posso viver mais assim sozinho. Dá um desespero, chega um momento que dá um desespero na gente. Não vou me suicidar, não vou fazer nada...mas eu saio pra rua, pra procurar sempre os bares da vida pra procurar mais mulheres pro meu contato físico.

O uso do verbo "ajudar" dá ao relato das relações um viés marcadamente utilitário, reforçado mais adiante pelo emprego de "servir":

- (...) Então a gente fica louco dentro de um apartamento sozinho. A gente pode brigar com mulher dentro de casa, mas é preferível mulher dentro de casa do que ficar sozinho dentro de casa [risos]. Eu sempre discordo da mulher. Eu discutia com a minha esposa, mas a gente vivia junto. Então, é assim, a gente tem essa falta de viver...do elemento feminino, dentro de casa. Não somente pra limpeza, pra servir como uma faxineira, ou cozinha, ou lava-roupa. Isso tudo eu faço em casa. Eu não cozinho, mas eu lavo a minha roupa e eu limpo o meu apartamento. Eu faço sozinho isso. É fácil. Lavar roupa é fácil, eu lavo no tanque, não tenho máquina, mas lavo no tanque e tá tudo bem. Penduro e tá tudo certinho. Comida eu não quero fazer, porque é muito sacrifício, às vezes, fazer comida sozinho. Então eu saio, como fora, excelente. Nos bares da vida, como sem apetite. Eu me trato bem, desde manhã. Dois ovos, uma gemada. Banana com aveia. Me trato bem. Eu almoço duas horas, não preciso jantar. A gente vai levando assim.

- Então mais difícil é a comida?

- O mais difícil é a comida, porque eu não vou fazer comida. As minhas filhas até fala pra mim "Sabe, pai, não fica ligando o fogão, é perigoso, fogão à gás". Elas acham que a gente tá meio idoso, pode esquecer o fogão aberto. "Não liga esse fogão, de jeito nenhum!". Mas eu tô comendo fora. Por isso eu tô comendo fora, também. Mas não é por causa disso... eu tô lúcido ainda, posso ligar um fogão e desligar. Mas elas têm medo. Minhas filhas têm medo. Eu tenho 86 anos de idade. "Pai, pra que ligar o fogão? O senhor tem dinheiro". Meu dinheiro é relativamente bom, dá pra comer fora, então eu tô comendo fora. Pra não fazer comida em casa. Agora, quando eu tô com alguém em casa, a gente, como aconteceu...a pessoa fazia assim, uma bela macarronada pra mim, uma boa lasanha, deixava dois, três dias na geladeira. Ela fazia isso, também. Pra mim facilitava, também. Então ela fazia e deixava na geladeira. Agora eu tô sozinho novamente. Tendeu? Se eu quero macarrão, eu vou... eu vou no shopping, no restaurante ali comer um macarrão, que eu gosto de comer. Eu vou no Tatuapé comer o meu nhoque [risos].

Nosso interlocutor, portanto, afirma que segue procurando por uma mulher, mas visando uma relação que se enquadre na formatação que esse considera ideal: de convivência por curtos períodos, em que ele possa gozar dos “benefícios” da presença feminina com tudo o que a atribui em suas estereotipadas representações, sem precisar, no entanto, se co-implicar na relação de cuidado e nem por ela se responsabilizar materialmente:

- Eu preciso de mulher. E eu procuro sempre... eu sempre acho mulher pra viver comigo, mas não eternamente. Assim: dois, três dias e vai embora; dois, três dias e vai embora. Porque eu não quero morar com ninguém. Que morar com alguém eu aprendi também que vai ser um sacrifício eterno, morar com alguém na minha idade. Porque ela vai depender de mim...a vida dela inteirinha! Ela vai querer roupa, vai querer passear, vai querer remédio. Eu preciso ter três salários pra sustentar uma mulher dentro de casa, eu não tenho condições. Então isso é difícil, estar com alguém dentro do apartamento.

“Bailes da vida”: pandemia, sexo e vulnerabilidades

O fechamento dos bailes no período de maior rigor nas medidas para contenção da pandemia afeta de maneira contundente a rotina e as dinâmicas das relações de Sr. Mário. Se, o entrevistado via nesses encontros de dança, anteriormente, espaços de socialização e vivência de sua sexualidade, a imposição do distanciamento o levará a “partir para outros campos”, redesenhando de maneira significativa a dinâmica de suas vulnerabilidades.

- Com esse tempo não, não tinha ninguém.

- Não?

- Não tinha ninguém mesmo.

- Ficou sozinho mesmo?

- Fiquei sozinho mesmo. Aí que eu comecei a ficar chateado comigo mesmo. Ficar sozinho é horrível, ficar sozinho dentro de casa. É horrível, mesmo. Tanto é que daqui a uma hora eu vou sair, que eu fiquei o dia inteiro em casa hoje. Só sai pro almoço e voltei. Daqui a uma hora eu vou dar uma volta por aí.

- E nesse tempo que tava só o senhor, como é que fez?

- Olha, nesse tempo que eu tava sozinho, sexualmente, pelo menos, eu não fazia nada. Fazia nada mesmo. Eu tinha esporadicamente, assim...era mulher da vida. Isso acontecia comigo, mulher da vida. Acontecia uma vez ou outra, mas muito raramente. Mas eu...a gente tinha necessidade de ter alguém. Por que aqui... nós moramos no bairro, aqui, tá cheio de prostituição aqui. Tá cheio de casa de prostituição aqui. Aqui atrás, na frente, tá cheio de casa de prostituição. Eu não venho frequentar essas casas. Eu não quero. Não quero mesmo, eu evito, claro. Eu não... cuidar da minha pele, eu não quero frequentar essas casas. A gente só procura nos bailes uma amiga sempre pra vir aqui comigo, pra conversar comigo, pra passar uma noite comigo. É sempre muito agradável que eu faço isso.

- Mas aí na pandemia não tinha como encontrar essas pessoas?

- Não tinha, não tinha, não tinha como encontrar. A gente saía por aí...eu...eu me lembro de ter...até de sexo eu me abster. Até de sexo eu fiquei parado!

- Não teve esses encontros? Nesse tempos com a...

- Não teve, não tive encontro. De vez em quando, raramente, eu ia numa boitezinha aí, fazia minha necessidade...

- Entendi...

- De vez em quando, muito raramente. Mas eu evito essas casas pra não pegar doença. Eu evito. Eu evito. Sempre evito. Como hoje eu evito também, aqui tá cheio de casa, cheio de... passa na porta, uma te chama pra entrar, tomar uma cervejinha lá em cima, mas eu não entro. Que eu prefiro passar a semana sem...Essa semana não teve ninguém. (...) Mas...mas eu posso parar também durante um tempo, não tem problema nenhum. Se houver necessidade eu posso...eu me masturbo, como é a lógica. Todo mundo sabe o que é isso, a masturbação. A mulher faz muita masturbação também, eu posso fazer isso também, se tiver necessidade. Isso é lógico, todo mundo sabe que existe, né? Isso é até normal. Até é considerável que se faça. Pra ficar muito tempo sem sexo, melhor se masturbar. Que não pode ficar sem sexo a vida inteira. Que nem a mulher não fica sem sexo a vida inteira. A mulher se masturba muito, a gente...o homem também. Tem que partir pra esse campo. Mas eu prefiro sempre...eu prefiro ir nos bailinhos, conversar com alguém, conquistar uma pessoa aqui...

Sr. Luiz

*“Gentes pobres, nobres gentes,
em todos há meus parentes.”*

Luiz Gama

08 de março de 2023

- Sem saber ler, nem nada, mas eu tô muito satisfeito, viu? Porque conta eu mexo muito, cubar eu cubo bastante, sabe? Eu sei cubar, sei...sei tudo, mas o problema é ler e escrever, porque eu não sei. Eu criei quatro filhos, eu falei "não vou criar que nem eu me criei não, vocês vão estudar até os 22 anos." E tão tudo aí. Hoje é mecânico, é torneiro, trabalha tudo por conta deles. Trabalha tudo por conta. Começaram a trabalhar tudo com 22 anos de idade, só no estudo. Terminaram os estudos: "Aí agora vocês se viram". Completaram 21 anos, eu falei: "Agora vocês se cuidem, hein!"

- E nesses tempos que o senhor ficou mais em casa, por causa da pandemia, os filhos vinham visitar o senhor?

- Meus filhos? Vêm.

- Vinham? Mesmo nesse tempo ruim?

- É! Vinham. Eles traziam dinheiro, traziam comida, cesta básica, tudo. Eu falei "não, pode ficar sossegado para lá, que eu tô ok!". Dia de sábado eles vêm almoçar aqui. Tem um restaurante aqui perto que tem uma feijoada boa. E eles gostam de feijoada, sabe? Aí eu vou e encomendo umas três feijoadas que eles vendem lá e eles passam o dia inteiro aí, comendo. Eles são muito bons para mim.

- São? Os quatro?

- Os quatro...em consideração é quatro, sabe? Porque para mim para mim ele tá vivo, sabe? Eu tive um, que era encostado no mais velho, ele foi para Santos tomar um banho e lá ele pulou numa laje, numa coisa...e quebrou o pescoço, sabe? Com 33 anos. Vivo mesmo tem 3, mas eu considero como se fossem 4, sabe?

Senhor Luiz mora sozinho em uma pequena casa do Jardim Vera Cruz, no extremo sul da cidade. A ele cheguei através do contato - facilitado por um amigo - com a equipe do Programa de Acompanhante de Idosos (PAI) da região. O PAI é uma modalidade de atenção domiciliar, multiprofissional, que tem por objetivo oferecer suporte e cuidado às pessoas idosas em situação de fragilidade.

Sentamos - eu e duas trabalhadoras do PAI - na sala que fica logo à entrada de seu singelo domicílio. Nas paredes, emaranham-se redes de pesca. Senhor Luiz é um homem de baixa estatura e, nessa ocasião, vestia um chapéu. Fala de maneira

tranquila, resignada, ainda que se emocione, visivelmente, quando se refere a seu falecido filho e à esposa, que o deixou.

- A falta faz, né, filho? A falta faz, a mulher. Pode ser na pandemia, pode ser fora da pandemia. Mas a mulher faz falta toda hora, todo tempo. Mulher faz falta todo tempo, toda hora. Uma vez, eu tava sentado na sala lá e ela cuidando da cozinha, cuidando de almoço e eu ficava só olhando. Depois ajeitava a cozinha e perguntava: "Quer almoçar, Luiz?" Faz falta, num faz? Chamar assim, na hora do almoço, e ter aquela coisa, ter quem lhe ofereça. Café, ela cansou de trazer na cama para mim. Eu não vou dizer que ela é ruim. Eu vou falar o quê? Eu fui...fui eu que fui o culpado, porque eu saí de casa. A mulher quando casa quer marido, né? Mas dinheiro para ela nunca faltou. Desde que eu me casei com ela em 1970 - eu me casei em 1970 - até o dia em que ela me deixou, nunca faltou dinheiro na conta dela, nunca dei trabalho a ela por doença e nem tomei dinheiro dela pra mim. Ela teve quatro filhos, foi tudo com saúde, com a força de Jesus. Foi tudo criado com a força de nosso senhor Jesus! Então...alguma coisa ela errou, mas ela não falou para mim. Porque você sair de casa, deixar tudo legal...e, quando chega de noite, achar tudo bagunçado, tudo sem nada! Aconteceu alguma coisa, mas ela nunca falou, e eu também nunca perguntei. Nem para os meus filhos eu pergunto.

Passados mais de 10 anos da separação, o narrador não esconde o seu incômodo com a solidão que experimenta morando só. A partir de sua concepção do que seria uma companheira ideal - "uma mulher caseira" - e da falta que essa faz nas dinâmicas de sua vida prática, Sr. Luiz repassa em memória momentos da vida passada, em que sequer dispunha de uma casa para dormir:

- É muito ruim. Não é bom não. Tudo o que você vai fazer tem que fazer, tudo o que você quer tem que fazer. Ai você acorda de madrugada, caça uma pessoa e não acha. É ruim, né? É ruim! Não é bom, não! Eu não boto culpa na minha ex mulher, eu não digo que ela é ruim, sabe? Eu não boto culpa nela.

- Do que o senhor sente mais falta morando sozinho?

- É falta, né? Mulher faz falta. Eu...tudo que eu como eu falo com Jesus, eu agradeço muito a Ele, sabe? Tudo o que eu faço. Eu me lembro mais de Jesus do que mesmo da minha ex-mulher. Com certeza. Tudo o que eu for fazer, tudo o que eu faço, eu lembro de Jesus. Se eu erro, eu peço perdão. Mas dizer que uma mulher faz falta...faz!

- Faz mais falta do quê?

- Faz falta de tudo, viu? Uma mulher caseira, sabe? Uma mulher que sabe o que é um homem, sabe o que é um marido. Mas vagabunda não sabe o que é um marido. Não sabe o que tem, não sabe o que faz. Porque tem mulher vagabunda aí, num tem? Mas assim, não sou contra ela, porque às vezes é a sina da pessoa. Aquela vida triste que vive. Eu já dormi no meio da rua, já dormi em calçada no meio de rua. A polícia chegava, trazia uma coberta para mim: "O que é que tá precisando?" "Eu tô precisando de uma casa para morar. Não tem." "Quer ir morar na delegacia, não?" "Não, eu fico aqui na calçada." E todo dia, toda hora, do dia e da noite.

Dava de noite e eu tava deitado lá. Eles passavam e - eles chamavam eu de Paraibinha: "Paraibinha, e aí?" "Tô legal, tô bem". "Já comeu?" "Já". "Quer dinheiro?" Eu digo: "Não."

“A agente dos idoso, sabe?” - tecendo redes

Ainda que morar sozinho seja “muito ruim” e que as coisas se façam mais difíceis pelo problema “da vista”, Sr. Luiz avalia que atravessou bem o período da pandemia.

- Eu passei bem. Graças a Deus, eu passei muito bem, sabe? Só que o problema que eu senti mais foi a vista, porque eu não estava enxergando nada. E agora, graças a Deus, eu estou enxergando bem. Não estou enxergando, assim...esses números aqui, de pertinho, não tô enxergando quase nada...mas se eu olhar direitinho e caçar a posição eu enxergo, né? Mas eu estou esperando o rapaz pra eu fazer o óculos. Essa semana talvez ele vai passar. (...) Mas para mim foi muito bom, eu passei bem. Não tenho o que falar.

Quando pergunto a respeito das relações ou estratégias que o ajudaram a superar dessa maneira as dificuldades da lida diária, Sr. Luiz aponta, de maneira interessante, a importância que a atenção prestada pelo PAI assumiu:

- (...) mas quem me ajudou mais foi essa menina, a agente dos idoso, sabe? Quem me ajudou mais foi essa menina que tá ali! Foi quem me ajudou muito, foi quem veio aqui e tá lutando comigo até hoje. Ela me ajudou muito!

- E no tempo lá da pandemia, quando ficou tudo fechado, ela continuou vindo ou parou de vir?

- Ela sempre vinha.

- Mesmo na pandemia?

- Segunda-feira e terça ela sempre vinha. Até agora, mesmo. É porque ela tá de férias, se não toda segunda ou terça ela tava aqui. Quando tinha médico, ela ligava pra mim: "Sr. Luiz, tem médico tal dia, para nós ir. O senhor acorda, se não puder ir de carro nós vamos de ônibus. Mas nós temos que chegar lá." Ela fazia isso. Num era só comigo não, tem muitos velhos que ela passava neles, lá.

Ainda que fundamentais, a atenção da equipe PAI e o cuidado prestado pelos filhos não se faz presente em todos os momentos de sua rotina. Naqueles em que se via de fato só, no interior da sua casa, Sr. Luiz recorreu a saberes manuais aprendidos há muito: passou seu tempo tecendo redes.

- *Eu saía muito pouco, muito pouco. Eu só andava pouco. Andava mais para médico, né? Mas para ficar na rua que nem agora não. Eu ficava o dia inteiro dentro de casa, assistindo televisão. Às vezes tecendo minha rede e era isso.*

- *Tecendo rede? Tecer rede ajudou a passar o tempo?*

- *É. Me ajudou. Porque não ficava tão parado, né? Não ficava só dentro de casa sentado, andando pra lá e pra cá. Ai eu teci quase cem redes. Tem linha ai, tem tudo. E ainda hoje eu teco. Eu começo muito cedo, sabe? Eu começo duas e meia, três horas da manhã. Aí vou até quatro horas, quatro e meia. Ai da vontade de deitar, eu deito, agarro no sono, durmo um soninho, quando é 6h eu tô de pé de novo. Aí fico andando pra lá e pra cá. Fico passando uma vassoura aí, lavando uma roupa.*

- *Desde quando que o senhor tece essas redes aqui?*

- *Ah! Isso aí tem um mês mais ou menos. Tem um mês.*

- *Mas desde quando que o senhor faz redes que nem essas?*

- *Ah! Faz muito tempo, muito tempo. Nem sei. Eu tinha 12 anos de idade e eu já tecia.*

Satisfeito com o cuidado que prestou aos 4 filhos, Sr. Mário não se vê hoje à frente da criação de outras crianças, ainda que revele seu apreço por elas. Na idade em que se encontra, com seu atual “poder”, revela que está engajado é no cuidado de si, cujas marcas emergem sobretudo dos atos de vida diária, na forma como se alimenta, no reconhecimento das necessidades de seu corpo:

- *Eu cuidei de quatro, não quero cuidar mais de nenhum. Já estou com 75 anos...vou fazer, né? Então...eu não quero mais me preocupar. Eu gosto muito de criança. O povo aqui sabe que eu gosto. Dou dinheiro para as crianças, dou bolacha, dou sorvete, dou tudo. Mas para eu cuidar, com o meu poder, não quero mais.*

- *Agora, esses dias, o senhor tá cuidando de quem, então? Hoje em dia...*

- *Eu tô cuidando de mim. Tô cuidando de ninguém. Mas se eu puder ajudar eu ajudo, sabe?*

- *E como é que o senhor cuida de si?*

- *Eu cuido é na hora de eu comer, na hora de eu andar, na hora de eu pegar meu dinheiro, na hora de eu gastar o meu dinheiro. Entendeu? O que é que eu vou comprar. Eu tô precisando de um remédio, eu vou comprar o meu remédio. É assim que eu cuido de mim. Eu sinto uma dor, eu digo: "Opa, o que é isso?" Eu vou ao médico, falo a verdade e eu quero que o senhor me cure. Pronto, né?*

Dona Conceição

*“Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.”*

Conceição Evaristo

08 de março de 2023

No mesmo bairro em que mora o senhor Luiz fica a casa de Dona Conceição, senhora de 98 anos. A frente de seu terreno é ampla, tomada por um quintal onde crescem pés de boldo, acerola, mamão e antúrios. Quando vem à porta para nos receber, Dona Conceição está acompanhada de uma grande e intimidadora pastora-alemã.

- (...) a minha vida é essa. Moro sozinha, não dou trabalho pra ninguém. Estamos sempre aqui. “Vamos pra casa, vamos ficar uma semana lá?” Vou nada! Daí eles falam assim: “porque a senhora não quer ir?”. Minha filha fala assim: “qualquer dia a senhora morre!”. Ninguém morre acompanhado. Alguém morre acompanhado? Se você morre, cê tem que morrer sozinho, porque ninguém vai querer acompanhar você. Então não tenho medo de morrer sozinha, né? Porque a gente perdeu cunhado, irmão dessa menina que é minha filha adotiva, e eles morreram dormindo, né? A gente falou com eles. O meu cunhado...na tarde eu tinha falado com ele. Disse pra passar, ele disse que não vinha. No dia seguinte, no dia do Natal, a minha filha passou lá e chamou ele. Ele não respondeu. Ela tinha a chave da casa, a minha irmã já tinha falecido. Ela entrou e ele tinha morrido dormindo. E o irmão dela também...morreu dormindo. Então eu falo, se tiver que morrer cê pode morrer que se chamar alguém pra morrer junto, ninguém quer. Cê tem que morrer sozinho.

“Homem é bom, mas não pra morar”

Desde os 35 anos, à época trabalhando como doméstica - ofício que executou “a vida toda” - Dona Conceição reside sozinha. Mais de 60 anos depois, relata que nunca desejou alguém pra morar.

- E eu trabalhava a semana toda e no sábado eu ia pro meu quarto-cozinha. Ficava sábado, domingo...na segunda de manhã eu ia e voltava pro serviço, né? (...) E assim eu vivi a vida inteira. Nunca quis morar com ninguém.

- Nunca quis?

- Não! Eu acho que companheiro, assim, encontrava fim de semana, a gente passava junto... Na segunda-feira, ele tinha carro, me deixava no serviço, ele ia pro serviço dele. Dia de semana não, a gente não se encontrava. Eu tinha que tá cedo no serviço. Ele nunca me...nunca me exigiu, e eu também nunca... a gente ficou oito anos juntos e depois a gente se separou, cada um pro seu lado.

- Um namorado?

- Era só um namorado. Mas morar, morar com alguém eu nunca quis. Eu acho que homem, ele é bom, mas não pra morar. E quando eu namorava eu já falava: "Olha, vamos deixar uma coisa bem clara. Nunca toque um dedo em mim!". Porque eu só apanhei do meu pai. Eu falei: "Então eu não admito que ninguém relar a mão em mim!". Falei: "Porque eu sou muito boa, sem relar a mão em mim. Se você relar a mão em mim, eu viro um bicho!". Então a gente sempre se deu bem. E eu sempre falo com a minha filha: "Olha, união é assim, quando está dando certo, tudo bem. Quando não der, é cada um pro seu lado. Mas não faz escândalo não! Ninguém é dono de ninguém...Cê é...o senhor é dono da sua vida, a pessoa, a outra pessoa, é dona da vida dela. Né, assim vocês vivem bem. Não tem que ter discussão. Nem briga, porque eu acho muito feio essas brigas. Daí acaba matando a mulher. "Ai, mas mata porque elas não sabem viver sozinha". E aquela história, acha que ter um monte de filho... também eu acho errado! Porque aquela história, hoje em dia é muito bom. Eu sempre falava assim pras minhas amigas: "Olha, ter filho, em um dia você faz um filho.. E criar é que são elas."

A decisão por não ter filhos, no entanto, não parece de todo livre de constrangimentos, sendo atravessada também por inseguranças com relação à posição de trabalho:

- E eu como trabalhava em casa de família, eu falo: "Eu nunca vou querer filho", porque se você arrumar uma barriga, a patroa não quer. Se você tiver filho, você tem que carregar filho pros outros, que a patroa também não quer.

- É?

- Então é melhor você viver a tua vida. O dia que cê resolver que: "Ah, eu vou querer ter filho", então sai do serviço. Porque a patroa não quer mesmo. Se falar que a patroa aceita. é mentira.

- É?

- Não, não aceita, não. Aceita assim, você tem, mas não leva lá pro serviço que atrapalha o seu serviço, né? Então eu acho assim: eu vivi minha vida. Nunca aborreci ninguém. Nunca! Quando eu resolvi comprar isso aqui, esse terreno aí do lado era meu. Esse que tem esse sobrado aí. Mas como eu comprei aqui, eu queria construir, eu tive que vender metade do terreno pra mim acabar isso aqui. Mas eu sempre falo: "Não tem um tostão de homem aqui! Aqui só tem de mulher!"

Vizinhança e relações de cuidado

Há longos anos no bairro, Dona Conceição estabeleceu importantes laços de amizade na vizinhança, que contribuem para sua “vida boa”. Na pandemia, sobretudo, é a dinâmica das relações com as pessoas do entorno, marcada por atos de solidariedade e respeito, que estrutura uma rede de proteção à idosa.

- *E o que a senhora gosta de fazer? Falou que a vidinha sozinha aqui é boa, né? O que que a senhora gosta de fazer?*

- *Ah, meu filho, geralmente eu não faço nada. Eu só cuido assim...dou uma limpadinha, lavo louça, lavo roupa, ponho no varal, tiro do varal. Tem uma vizinha minha aqui que gosta de bater papo. Ela mora, quase ali...onde tem aquela árvore na calçada.*

- *Sei.*

- *Daí ela me chama: "Vem aqui pra gente bater um papo". Daí a gente senta lá fora, bate um papo. Depois eu venho pra dentro. Não sou muito de ficar fazendo, procurando encrenca.*

- *E na pandemia, naquela época que não podia sair de casa, que o povo falou pras pessoas com mais de 60 anos ficarem em casa, como é que foi para a senhora isso?*

- *Ah, eu ficava numa boa. Não tenho muito esse tipo de problema. Que sair daqui até o mercado...o mercado é aí mesmo. Cê vê que é depois do ponto do ônibus, o mercado. A mulher do mercado gosta muito de mim, então eu vou lá, escolho tudo o que eu quero, ponho a sacola lá, ela chama um dos funcionário: "Vai levar a dona Conce em casa". Daí eles vêm aqui, traz as sacolas, bota lá na cozinha, daí eles vão embora.*

- *Ah é? Então ajudam a senhora?*

- *Às vezes eu vou com a bengala e esqueço a bengala, porque eu não costumo andar muito com a bengala. Aí às vezes eu tô quieta aqui dentro e escuto bater no portão. Daí: "Conce! Conce!"...“O que é?”. "Ah, a senhora esqueceu a sua bengala" [risos] Aonde eu vou, eu esqueço a bengala!*

- *Então a senhora voltou andando e nem percebeu que estava sem bengala?*

- *Não! Porque daí eles falam assim: "Segura aqui no meu braço". Vêm com as sacolas, daí deixa eu aqui dentro direitinho e depois eles voltam.*

- *E na pandemia faziam isso também?*

- *Tudo. E engraçado...na pandemia ainda era pior, porque eles tinham que andar de máscara. Às vezes eu ia, ela dizia: "Procura tudo que a senhora quer, depois o menino vai..." até os próprios filhos dela.: "Vai levar a dona Conce em casa!". Então eles vinham aqui e depois voltavam pra casa deles.*

Sendo, provavelmente, a moradora mais velha da rua, Dona Conce teve tempo de fazer amizade com todos:

- *Dona Conce, a senhora mora nessa casa há quanto tempo?*

- *30 anos. Já fez.*

- *E tem muitos amigos e amigas aqui na região?*

- *Tenho, eu tenho uma que é minha amiga desde quando ela tinha 16 anos. Ela tá com 77. Nós somos amigas. Nós trabalhamos juntos. Até ela veio passar o dia comigo...no dia do meu aniversário. Ela veio, o filho trouxe ela, ela ficou o dia todo aqui e no final ela foi embora. Cê sabe que toda essa amizade...a gente nunca discutiu, a gente trabalhou junta e ela continua sendo. Às vezes, pensando, eu nem falo que ela é minha amiga. Às vezes, tem uma menina que frequenta muito a casa dela, ela fala: "Ó, eu vi a sua irmã lá em cima, ela mora lá em frente do supermercado lá em cima". Então eu acho assim, é aquela amizade que às vezes a pessoa até acha que ela é minha irmã, de tanto que a gente se dá bem. (...) Então essas pessoas que moram aqui na rua todos são meus amigos. Porque quando eu vim, eles já moravam, né, aqui...Então eu acho assim: a gente tem uma boa amizade, graças a Deus. Uma boa amizade com os vizinhos.*

- *Isso é uma ajuda à senhora também, né?*

- *É. Tem um...que ele é eletricitista. Tudo que ele faz aqui, ele não cobra nada. Ele vem aqui, olha, vê se a televisão tá em dia. Às vezes eu tô com um problema de luz. Às vezes eu quero uma tomada a mais. Eu ligo pra ele, ele vem aqui, olha e fala: "Ah, eu vou por uma tomada pra senhora". Aí eu falo: "Ah, quanto que é?". "Ah, pra senhora não é nada!".*

- *É mesmo?*

- *Ele mora aqui embaixo. Então eu acho assim, todos aqui da rua é meus amigos. Às vezes eu tô no portão: "Oi, dona Conce". Ou às vezes vem no portão falar. Então eu falo: olha eu não tenho inimigos, graças a Deus!*

- *A senhora é a mais velha daqui, será?*

- *Na rua eu acho que sim, né? Tem pessoa com 80 pra baixo. Tem um casal aí embaixo que tem 80. Sr. O., que tem 80 e pouco. Mas com a minha idade eu acho que não! [risos]*

- *E além de ser a mais velha, tá aqui há muito tempo, né? 30 anos é muito tempo pra conhecer as pessoas.*

- *30 anos que eu moro aqui!*

“Minhas histórias são sempre de trabalho”: memória e reinvenção

Dona Conce fala de maneira serena a respeito do horizonte da finitude. Reconhece que sua disposição não é a mesma de outrora, mas reinventa a relação com os dois netos, de quem tanto gosta e que marcam presença em sua casa.

Com serenidade e humor, é narrando que Dona Conce reconhece o “tanto de vida” que tem, e que agradece pela chance de contar a sua história:

- Minhas histórias são sempre de trabalho e agradecer a Deus todo esse tanto de vida que eu tenho. De nem nunca ter ficado numa cama, nem nunca precisar de um médico. Então essas coisas você tem que agradecer a Deus. Porque cê vê pessoas doentes aí, qualquer coisa tá na cama. Qualquer coisa, tá... eu falei, graças a Deus eu não posso me queixar, não. Às vezes eu tenho até medo porque diz que quando você tem muita...nunca ficou doente, quando ficar, cê vai! Quando eu falo isso, a A. fala assim pra mim...ela ligou pra mim antes de ontem falando assim pra mim: "o que tanto que a senhora falou pro I.?" I. é o mais velho dela. Eu falei: "Nada, por quê?". "Porque daí eu cheguei do serviço ele ficou aqui e coisa, três dias...Eu cheguei do serviço, daí ele veio falar comigo, ele tava chorando lá na cozinha". Eu falei: "Não, não falei nada." Ele falou que eu tinha que ir passar uma semana lá. Eu falei: "Não, se eu tiver que morrer, eu morro aqui mesmo, cê vai ficar sabendo!". Daí eu falo pra ele assim: "Olha, tudo esses anos que eu tenho, a morte não vai avisar". Só que você sente, que você não...eu não tenho a energia que eu tinha, eu não tenho aquela, aquele...aquela coisa que eu tinha! Porque eles gostam muito...de vez em quando eles vinha aqui...é bolo, eles gostam de bolo de chocolate, aquelas coisa de doce, pudim. E ultimamente eu não tô fazendo muito. Sabe quando cê não tem ânimo? Então eu acho que ele fica preocupado. E ele dormiu comigo na minha cama até os...acho que até os 14 anos. Porque eu falo que eles moravam aqui, o mais novo dormia com a A. e o marido, e ele dormia comigo lá na cama. Então de vez em quando, no meio do dia, ele tem mania de dormir, botar o travesseiro lá, pega um lençol, se cobre, deita lá e dorme. Daí eu falo pra A.: "Acho que ele tem saudade da cama".

- Da cama e da vó!

- Não, da vó eu sei que ele tem, porque ele é assim. Se eu não tiver bem e tiver deitada aqui no sofá, tudo que ele entra, ele tem mania...tem uma casa de salgadinho aqui que ele tem mania de chegar e já pedir salgadinho. Vai lá, pega um monte de salgadinho, senta aqui, traz um refrigerante junto, daí ele fala: "A senhora quer um?". Eu falo: "Não, não quero nada". "A senhora quer um copo de refrigerante?". Eu falo: "Não, brigada, não quero nada". Daí ele fica assim...acho que ele fala: "Tá vendo? Ela não tá bem, porque ela não tá querendo comer comigo, né?". Ou então ele pede pizza. Daí eu falo: "Eu não quero". "Como assim?". Eu falo:

"Não, eu não quero. De jeito nenhum". Daí ele fica sem graça, fala: "Puxa, será que eu vou ter que comer essa pizza inteira?". [risos]

- Dona Conce, o carro chegou¹⁰, a gente vai ter que ir. Muito obrigado, viu?

- Brigada vocês!

- Adorei ouvir a história da senhora.

- E eu adorei você ficar aí, que nem um menino, né, curioso...

¹⁰ O transporte da equipe do PAI, que precisaria seguir para outras visitas domiciliares.

5. VULNERABILIDADES

As doze narrativas tecidas na seção anterior lançam luz sobre as experiências de nossos interlocutores e interlocutoras durante a pandemia de COVID-19. Em conformidade com a pretensão deste trabalho, faz-se necessário, agora, analisar e discutir essas experiências a partir do quadro teórico da vulnerabilidade, em suas múltiplas dimensões. Antes disso, dada a multiplicidade de usos com que o termo “vulnerabilidade” vem sendo empregado nos últimos anos, julgamos indispensável recolocar os pressupostos teóricos que sustentam o nosso entendimento desse quadro e que, portanto, orientam nossas interpretações.

No contexto da literatura multidisciplinar a respeito de envelhecimento e “vulnerabilidades”, os significados atrelados a esse quadro conceitual são variados. (Sanchini et al., 2022), em uma revisão sistemática de 38 artigos publicados entre 1984 e 2020, apontam que, enquanto alguns estudos do campo privilegiam o sentido ontológico da vulnerabilidade - no sentido de que os seres humanos não escapam à finitude e estão enredados em relações sociais de dependência - outros destacam o seu caráter situacional - pelo qual as dinâmicas de vulnerabilidade respondem a fatores contingentes, como os de ordem social. A reflexão crítica a respeito desse tema tem importantes implicações práticas, posto que as estratégias para identificar vulnerabilidades com o intuito de mitigá-las podem culminar em efeitos distintos - benéficos ou não - sobre a autonomia e agência dos sujeitos e populações.

De nossa perspectiva, entendemos que a matriz conceitual da vulnerabilidade se revela dinâmica e deve permanecer permeável a novos aportes teóricos e práticos, como quadro “mediador de saberes” (Ayres et al., 2018). Alguns fundamentos, no entanto, devem ser expressamente reforçados a fim de evitar a rarefação teórica do conceito. A vulnerabilidade de que tratamos neste estudo, sob o norte epistemológico da hermenêutica filosófica, apresenta os seguintes atributos: *é condição multidimensional*, pois apreende fatores de ordem individual, social e programática; *emerge sempre de maneira relacional*, das interações intersubjetivas no mundo, que produzem, mais propriamente, “relações de vulnerabilização”; *é situada no tempo*, não configurando atributo estanque de sujeitos e populações, mas variando conforme

fenômenos contingentes; e, por fim, *revela-se sempre em uma dialética* entre vulnerabilidades e resistências, entre obstáculos aos modos de andar a vida e a instauração de poéticas do cuidado (Ayres et al., 2018).

Esse último atributo - concernente à dialética das vulnerabilidades e resistências - nos parece de suma importância para os compromissos dessa investigação. Como aponta (Butler, 2021) - em uma reflexão crítica sobre vulnerabilidade, violência e resistências - há que se levar em consideração que os sujeitos, ainda que em relações de vulnerabilização, continuam a deter e exercer poder, para que possamos assim recusar investidas que mais se aproximam da tutela do que do cuidado. Segundo a filósofa:

A vulnerabilidade não precisa ser identificada exclusivamente como passividade; ela só faz sentido à luz de um conjunto concreto de relações sociais, incluindo práticas de resistência. Uma visão da vulnerabilidade como parte das relações e das ações sociais concretas pode nos ajudar a compreender como e por que as formas de resistência surgem da maneira que surgem. Embora a dominação não seja sempre seguida de resistência, se nossos quadros referenciais de poder não conseguirem entender que vulnerabilidade e resistência podem funcionar juntas, corremos o risco de não identificarmos os pontos de resistência criados pela vulnerabilidade.
(Butler, 2021, p.148)

Ainda nessa perspectiva, entendemos que se, do ponto de vista existencial, todos os seres humanos *estão* vulneráveis, não cabendo categorizar - segundo uma lógica binária - determinados indivíduos ou grupos sociais como vulneráveis ou não, tal reconhecimento não apaga a importância dos efeitos que contingências individuais, relacionais e políticas exercem - de maneira marcadamente desigual - sobre nossas vulnerabilidades e potências. Se debruçamo-nos criticamente sobre o fenômeno do envelhecimento, esse “duplo caráter” da vulnerabilidade nos afigura de maneira emblemática. O processo de envelhecer aproxima inexoravelmente o ser humano da morte e está - se não obrigatoriamente, com muita frequência - associado à diminuição de nossas reservas fisiológicas e a uma maior dependência de relações de cuidado - o que ressignifica o caráter ontológico de nossa vulnerabilidade. Como diz o Sr. Fernando

em nossa conversa: *“Isso me preocupa, porque a gente tá na idade que cê não sabe de que lado que vem a bomba, né? Que eu tô numa idade em que meus amigos, cada um da sua maneira, tá morrendo...”*

Por outro lado, dinâmicas contingentes como desigualdades materiais, representações simbólicas etaristas e estigmatizantes, raça e gênero atravessam a velhice de maneira interseccional, condicionando o campo de possibilidades das pessoas idosas. O mesmo Sr. Fernando aponta: *“Eu acho que a velhice, desde que cê tenha uma felicidade de ter certas...certas características favoráveis, é muito bom. (...) Você precisa ter saúde, né? Precisa ter uma certa situação financeira também, coisa que muitas vezes o velho não tem.”*

Portanto, é de nossa responsabilidade coletiva trazer à luz esses componentes situacionais de vulnerabilização, a fim de engendrar, também coletivamente, respostas com o intuito de mitigá-los, construindo uma vida comum em que velhos e velhas possam ter o que é preciso para uma “boa velhice”. Entre o universal do humano em sua finitude e o particular e desigual das contingências é que reside o nosso percurso ético.

5.1 Gênero, sexualidade e cuidado¹¹

Que configurações de poder constroem o sujeito e o outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos? Que restrições estariam operando aqui? Seriam esses termos não problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual de conceituação de sexo e do desejo? Como questionar um sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gênero que sustenta a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória?

(Butler, 2018)

Desde que - ao rejeitar a concepção originária de uma velhice “homogênea” - o discurso e a literatura gerontológicos passaram a reconhecer a multiplicidade das velhices como experiências atravessadas por clivagens materiais e simbólicas, a categoria de gênero constituiu foco de grande interesse acadêmico. É por volta da década de 70, portanto, que esse campo de estudos passa a formular questões à maneira de: “Quem envelhece melhor: o homem ou a mulher?”; “Como diferem as representações simbólicas da velhice se comparamos homens e mulheres?”; “Como as experiências de homens e mulheres velhos são mediadas por papéis sociais discursivamente constituídos?”. O complexo repertório empírico que emergiu das aproximações etnográficas engajadas nessas questões novamente colocou em xeque alguns dos pressupostos teóricos da Gerontologia. À guisa de exemplo, se para algumas mulheres idosas o envelhecimento representava uma “dupla vulnerabilidade” e a depreciação no espaço público do valor simbólico atrelado a seu potencial reprodutivo - no sentido em que apontava grande parte dos teóricos e teóricas - para outras, a velhice se abria como tempo para “cuidar de si”, “fazer o que gosta”, agora não mais constrangidas por relações desiguais de cuidado com filhos e companheiros (Debert, 1999).

Assim, do debate centrado na oposição entre as condições do homem e da mulher idosos, inicialmente interessado em comparar os efeitos distintos do envelhecimento sobre os gêneros, ganhou corpo a noção de que as experiências - mesmo no interior dessas categorias - são diversas, e sempre atravessadas por outros

¹¹ A escolha por estruturar separadamente as categorias e marcadores sociais de diferença decorre de uma intenção de organização textual, tendo em vista que, sob nossa percepção, esses fatores interagem e se atravessam mutuamente nas dinâmicas interseccionais das vulnerabilidades.

marcadores sociais de diferença - como raça e classe - bem como por singularidades de ordem subjetiva (Henning and Debert, 2015).

Ao mesmo tempo, se nenhum modelo explicativo anterior à experiência narrada dos sujeitos dá conta de apreender essa em sua complexidade, também entendemos que os discursos produzidos pelas disciplinas que escrutinizam o envelhecimento - juntamente às representações do senso comum e aquelas veiculadas pelos meios de comunicação - participam, por si, da produção de subjetividades e formas de viver a velhice. Como apontam Silva e Pocahy (2022):

Somos signatários da ideia de que nos processos de produção discursiva em torno de determinados temas engendram-se processos de subjetivação – práticas que nos movimentam em relação à constituição de modos de vida, modos de nos conduzirmos diante do mundo, efeitos que nos mobilizam a determinadas posições de sujeito, modos como afetamos e somos afetados(as) por isso tudo, incluindo-se o conhecimento – que se produz e que nos produz. As pesquisas desenvolvidas irão compor, inevitavelmente, o corpo de discursos que integram e agenciarão os significados sobre o que é velhice, o que é gênero, o que a articulação desses representa e os sentidos que se organizam em torno deles (Silva e Pocahy, 2022, p. 40)

Nesse sentido, se, como aponta (Butler, 2018)), a realidade de gênero só existe “na medida em que é performada”, há que se evitar o emprego deste conceito como mero instrumento de análise estatística - que fundamenta associações entre gênero e determinados comportamentos ou condições - ignorando os atos e discursos que sustentam essa performatividade. Parte da literatura científica acerca de gênero e envelhecimento, na produção de aproximações quantitativas acríticas, incorre no desvio de apresentar o contingente como natural, tomando aquilo que é mediado por representações simbólicas coletivamente compartilhadas por algo que se originaria essencialmente de diferenças biológicas (Silva e Pocahy, 2022). Como exemplo, e de especial interesse para esta investigação, o fato de que há mais mulheres idosas do que homens idosos residindo em arranjo domiciliar unipessoal constitui um desses fenômenos que deve ser analisado com cautela - em busca dos regimes discursivos que concorrem para sua produção - e sem reduzi-lo a uma associação estatística pretensamente explicável pelo fato de que as mulheres vivem, em média, mais anos se comparadas aos homens.

Nesse sentido, sem reivindicar representatividade estatística, as narrativas aqui reunidas nos convocam à reflexão crítica acerca de como as construções de gênero atravessam a experiência das pessoas idosas e a coprodução do cuidado nessa fase da vida. No diálogo com nossos interlocutores, de variados recortes sociodemográficos, emergiu de maneira significativa a assimetria de gêneros no que concerne à divisão do trabalho reprodutivo - caracteristicamente doméstico, não remunerado; e cuja carga é delegada desproporcionalmente às mulheres.

A respeito das dificuldades que se estabelecem quando passa a residir sozinho, após o falecimento da esposa, o senhor Jorge nos diz: *“depois da morte dela eu passei a ser dependente”*. O narrador, portanto, se dá conta de suas necessidades quando a mulher, que *“tomava conta do portão pra dentro”* se faz ausente, como se anteriormente essa relação de dependência já não se encontrasse constituída.

Ocupando uma posição socioeconômica privilegiada, o senhor Fernando reconhece expressamente que formas de socialização radicalmente diversas operam na relação entre gênero e cuidados domésticos. Segundo ele, *“o homem se sente absolutamente perdido quando não tem uma mulher pra fazer as coisas todas que se faz numa casa.”* Afirmando ter aprendido, após a separação, a cuidar das coisas como precisa para *“ser independente”*, nosso interlocutor não deixa, no entanto, de recorrer ao trabalho doméstico feminino - ainda que, nesse caso, remunerado. A respeito da trabalhadora doméstica por ele contratada, diz: *“Ela torna a minha vida uma beleza, ela faz tudo. (...) Aliás é uma característica de empregada de homem sozinho: elas viram mãe de você, assim, elas cuidam de você.”*. Nesse sentido, a marcada assimetria de gêneros que opera sobre o trabalho reprodutivo incide, como se nota, também no trabalho produtivo, isto é, na divisão sexual desse trabalho, com um evidente predomínio de mulheres nas profissões estreitamente relacionadas ao cuidado - ocupações frequentemente subvalorizadas no regime de valores capitalista.

É fundamental considerar que as assimetrias de gênero que afetam a vida das mulheres idosas não se restringem àquelas que ocorrem cronologicamente na velhice, mas devem ser entendidas como um conjunto de dinâmicas que incidem sobre toda a trajetória de vida, afetando formação escolar, ocupação laboral e, conseqüentemente, condições de renda e seguridade social na idade avançada. Dona Rachel conta que

não conseguiu se aposentar, e hoje vive da pensão do falecido marido: “(...) *quando eu casei ele não deixou mais eu ir trabalhar em lugar nenhum. Então eu fiquei sempre em casa. (...) Mas não deixei nunca faltar nada*”.

Em nossa conversa, senhor Mário pontua reiteradamente que sente falta de uma “*presença feminina*” em casa, com a qual sua vida ‘*seria muito melhor*’; não só “*sexualmente*”, segundo ele, mas no sentido de dispor de alguém que execute as tarefas de trabalho doméstico, como limpar a casa e preparar as refeições. Diz ele: “(...) *é preferível mulher dentro de casa do que ficar sozinho dentro de casa*”. Em sentido similar vai a fala do senhor Luiz: “*Pode ser na pandemia, pode ser fora da pandemia...Mulher faz falta todo tempo, toda hora.*”

Dona Conce, que “*nunca quis morar junto*”, sintetiza sua impressão sobre dividir o espaço com um companheiro; impressão que é imediatamente seguida - de maneira significativa - pela descrição de sua postura em situações de potencial violência: “*Eu acho que homem...ele é bom, mas não pra morar. E quando eu namorava, eu já falava: olha, vamos deixar uma coisa bem clara: nunca toque um dedo em mim!*”. Sobre o espaço que habita, por ela construído, diz orgulhosamente: “*Mas eu sempre falo: não tem um tostão de homem aqui. Aqui só tem de mulher!*”

As representações performativas acima reunidas, emergindo das narrativas singulares de nossos interlocutores e interlocutoras, vão ao encontro da literatura teórica - fundamentada sobretudo pela perspectiva crítica feminista - que se debruça sobre os atravessamentos de gênero nas dinâmicas de cuidado no envelhecimento (Debert e Pulhez, 2019; Silva e Pocahy, 2022). Conforme apontam Silva e Pocahy (2022), parte expressiva dessa literatura destaca a arraigada centralidade simbólica que ocupam a vivência doméstica e o cuidado - da casa e da família - na construção coletiva do papel social das mulheres, com implicações que vão da renda e assistência social às vivências afetivas e sexuais. Nesse mesmo sentido, Fernandes (2009), explorando a percepção de homens e mulheres idosas a respeito dos papéis sociais de gênero na velhice, destacou como, nessas representações, o universo masculino inscreve-se no domínio público, enquanto o feminino é instaurado no domínio privado.

Tais modelos de performatividade - longe de representarem um sistema discursivo inócuo - constituem, nas palavras de Butler (2018) “*sistemas epistemológicos*

e *ontológicos*”, imprescindíveis para o “funcionamento” do regime capitalista nas divisões do trabalho - produtivo e reprodutivo - que o sustentam. Revelar a contingência dessas estruturas - que não raramente são representadas como naturais - possibilita, no nosso entendimento, a abertura para a possibilidade de instaurar novos regimes discursivos e novas formas de relação com as alteridades.

Sob essa orientação ética, parece-nos fundamental reconhecer, aqui, as limitações de nossa investigação no que concerne à diversidade de gêneros e de orientações e práticas sexuais que concorreram para nossa composição narrativa. Os doze interlocutores e interlocutoras que conosco dialogaram são homens e mulheres cisgênero, com orientações sexuais assumidas tacitamente como heterossexuais. É imprescindível reconhecer que outras vivências e práticas - não hegemônicas - de gênero e sexualidade podem incidir sobre as vulnerabilidades de pessoas idosas. Como aponta Henning e Debert (2015), por exemplo:

os velhos LGBT necessitariam do desenvolvimento urgente de políticas públicas específicas, uma vez que eles tenderiam a viver mais sozinhos que a média populacional, considerando que somente um quarto deles teriam filhos e muitos teriam rompido relações com suas famílias de origem” (Henning e Debert, 2015, p.24)

No que concerne às práticas sexuais, especificamente, foram escassas as experiências que emergiram dos diálogos tecidos, para além do que nos contou o Sr. Mário a respeito de como lidou, no sentido prático, com o desejo sexual frente às limitações impostas pelo distanciamento social na pandemia - relato, é claro, repleto de significados, mas situado a partir da perspectiva de um homem heterossexual.

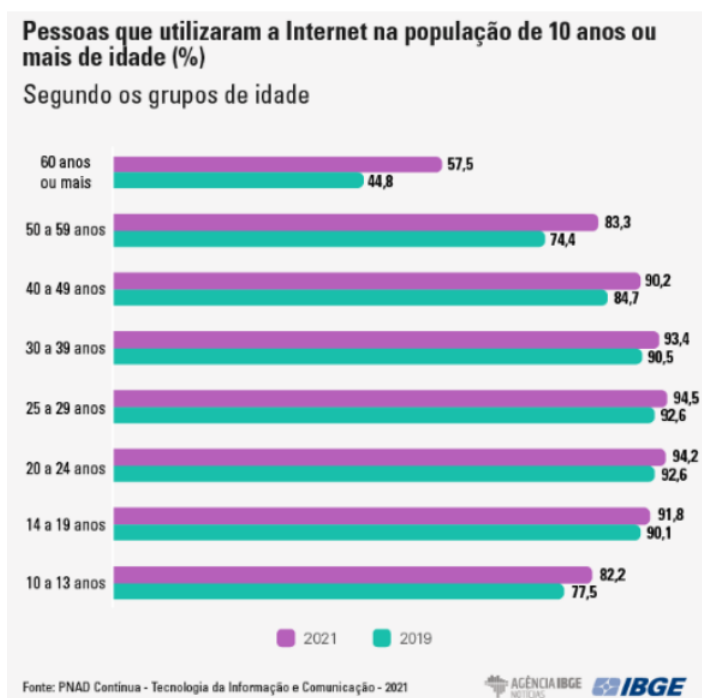
Ir ao encontro de outras narrativas, dissidentes, que iluminem a pluralidade das formas de se relacionar, amar e vivenciar sexualidades nas fases mais avançadas da vida é mais do que denunciar a precariedade dos direitos da população idosa LGBTQIA+, alicerçando a luta coletiva pelo combate às violências que incidem sobre essas pessoas. Se, como apontam Silva e Pochay (2022), formas de pesquisar são formas de subjetivar - e portanto formas de (re)produzir a velhice e a vida - então rejeitar a aderência a uma única matriz narrativa - de normatividade binária, cisgênera e heterossexual - é um imperativo ético em busca da instauração de outras poéticas do cuidado, que pavimentem o percurso de uma vida comum menos desigual e violenta.

5.2 Tecnologias da informação e comunicação: entre o acesso e a exclusão

Dos mais simples aos de maior complexidade, os atos da vida diária foram intensamente reconfigurados pela pandemia de COVID-19 e as medidas de distanciamento social dela decorrentes. Uma das principais marcas dessa profunda transformação foi, sem dúvidas, a intensificação na utilização cotidiana das tecnologias da informação e comunicação (TIC), essas definidas como o conjunto de instrumentos e técnicas “que permitem a produção, o acesso e a propagação de informações, assim como tecnologias que permitem a comunicação entre pessoas” (Rodrigues, 2016). Do ponto de vista prático, são exemplos de emprego das TIC o acesso à internet e o uso de aplicativos de celular.

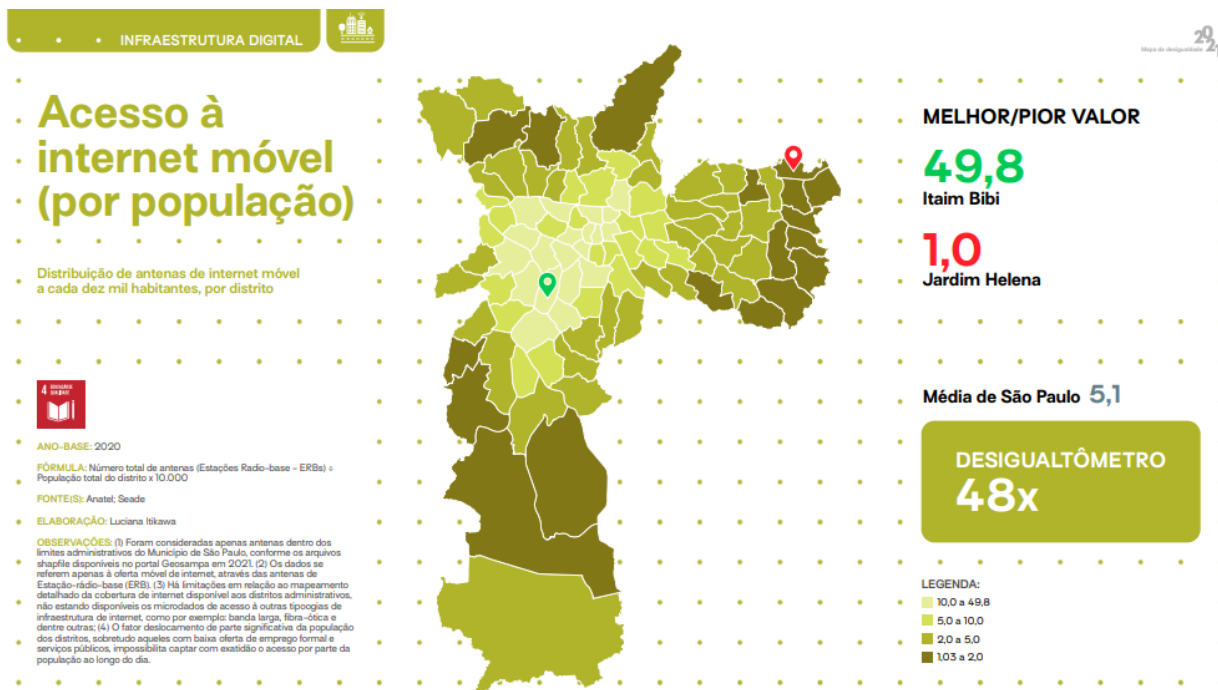
A ubiquidade das TIC na vida cotidiana é certamente anterior à emergência da pandemia e está relacionada a seu amplo emprego nos processos de socialização, obtenção de alimentos e produtos essenciais, gestão de finanças e informações em saúde, entre outros. Os idosos e idosas certamente fazem, também, uso dessas tecnologias, mas a literatura sugere que essas pessoas apresentam maior dificuldade de adaptação à essa utilização e menor grau de letramento digital, quando comparadas a pessoas de outros recortes etários. Há de se considerar que as pessoas que hoje, em 2023, são consideradas idosas nasceram décadas antes da popularização do uso da internet, por exemplo, e portanto não conviveram com a incorporação desses recursos em fases mais precoces de suas vidas, como é o caso das mais recentes gerações (Nandi, 2023). Conforme evidenciado por pesquisa do IBGE, tomando como base os anos de 2019 e 2021, as pessoas idosas são as que, proporcionalmente, menos utilizam a internet, quando são contrastados diferentes grupos etários. Porém, de maneira significativa, também foi no interior desse grupo que houve o maior aumento relativo no período entre os anos analisados. O gráfico a seguir ilustra essas diferenças:

Gráfico 2



Para além da relação com as diferentes gerações ou faixas etárias, cabe ressaltar que o acesso às TIC está, como outros direitos sociais, distribuído de maneira absolutamente desigual em nossa população, sendo atravessado por clivagens de território e de raça, por exemplo. Como aponta relatório recente do CEBRAP, pessoas negras apresentam índices de inclusão digital significativamente inferiores quando comparados a pessoas brancas (Vieira et al., 2023). Quanto às diferenças territoriais, a infraestrutura de que dependem as TIC também se caracteriza por marcada desigualdade, como podemos visualizar no mapa a seguir:

Figura 6



De maneira consoante, os relatos que testemunhamos apontam para uma ampla heterogeneidade na relação das pessoas idosas entrevistadas com as TIC. Dona Cecília, antes de seu desligamento, trabalhou à distância fazendo intenso uso de aplicativos e plataformas digitais: em sua entrevista, menciona o *WhatsApp*, o *Teams* e o *Google Meet*. Para Dona Lygia, Dona Rachel, Sr. Rubem e Sr. Fernando, o *WhatsApp* desempenha papel crucial na manutenção do contato com família, amigos e amigas. Sobre o uso desse aplicativo, diz o Sr. Fernando:

-Ajuda muito. É engraçado, assim, você não se sente... cê sente a presença da pessoa. A gente fez muita reunião, essas reuniões que cê faz virtuais, né? Aniversário que a gente fez, aniversário de cada um no seu computador, conversando todo mundo. Enfim, ajuda muito! Nossa, essa é uma... uma ferramenta espetacular! Eu tenho amigos fora de São Paulo que parece que eu falo com eles todos os dias. (...) Amigos assim, de muitos anos que a gente pode manter essa amizade com maior proximidade do que se fosse liberado pessoalmente, que eu ia vê-los uma vez a cada seis meses.

Por outro lado, há quem estabeleça relações distintas com as TIC. Aqui, marcas de desigualdades que incidiram ao longo das trajetórias de vida emergem nas velhices, condicionando tais interações. O Sr. Luiz, pra quem os filhos ligam todo dia, evoca a

sua infância e a ausência de educação formal quando pergunto a respeito das formas empregadas para a comunicação:

- E na pandemia todos ligavam?

- É, ligava. Todo dia eles ligavam.

- O Whatsapp, essas outras coisas, o senhor não usa?

- Ahn?

- Não usa as coisas de digitar, né?

- Não. (...) Eu não uso, porque é complicado, né? Se for para usar, eu uso, mas até aprender, né? Eu sou um cara que a memória minha é boa, sabe? O problema é que foi naquela época...a gente morava em pé de serra, sabe? Só cuidava de foice, machado, roçadeira, gado. E aí não tinha grupo...chamava grupo, de escola, sabe? Não tinha, se tinha era muito longe! Aí tinha que pegar um jegue para andar a cavalo para vir para a escola de noite, porque de dia a gente trabalhava. Aí quem que ia? Ninguém ia.

Dona Adélia e Sr. Vinícius também se mostram pouco afeitos ao uso dos recursos digitais. Diz o segundo:

-Não uso. Tenho nada de zap, nada de pix e esse... essas coisas, essas coisaiadas todas, tenho nada disso. É internet, de jeito nenhum! Eu só uso o telefone que tem a minha, a... uma página que cê marca os nomes, tudo. Agenda, sabe?

O arrefecimento da crise sanitária não anulará a intensificação do uso das TIC que se estabeleceu nesse período, nos mais variados domínios da vida prática. Várias dessas mudanças permanecem arraigadas em nosso cotidiano, permeando das conversas em WhatsApp a atividades essenciais para exercício de direitos, como cadastrar-se no sistema oficial da seguridade social ou agendar a renovação de documentos pessoais, entre outros. É portanto nosso dever como sociedade atuar em várias frentes, incluindo a educação e a distribuição equitativa de recursos, para que as TIC operem efetivamente como instrumentos de proteção da cidadania, e não como novos meios de segregação das pessoas idosas.

5.3 A juventude de Lélia é a velhice de hoje

Em um ensaio de 1979, intitulado “A juventude negra brasileira e a questão do desemprego”, Lélia Gonzalez denuncia os mecanismos através dos quais o racismo opera, historicamente, na estrutura da sociedade brasileira, condicionando a divisão social do trabalho e fazendo de parte expressiva da população uma “massa marginalizada”, alienada de seus direitos sociais. Diz a referência do feminismo negro:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. Quando se trata de competir no preenchimento de posições que implicam recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isso ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc (Gonzalez, 1979, p. 2).

A divisão do trabalho apontada por Lélia torna evidente as questões raciais que ainda hoje atravessam as desigualdades sociais existentes no Brasil, em suas múltiplas dimensões. Por essa razão, entendemos que qualquer análise crítica que se pretenda norteadas pelo referencial das vulnerabilidades não pode prescindir de tratar - do ponto de vista teórico e prático - das questões relacionadas à raça.

Os “menores de 21 anos” de quem trata Lélia em seu ensaio - à época constituindo mais da metade da população brasileira - fazem parte hoje, mais de 40 anos depois, do crescente contingente de pessoas com idade superior a 60 anos e por isso classificadas como idosas. E, como revela o recente relatório “Envelhecimento e desigualdades”, produzido pelo CEBRAP, as inúmeras - e acumuladas - formas de

opressão a que a população negra é submetida ao longo da vida têm consequências nefastas sobre a maneira como essas pessoas podem experimentar a velhice.

É importante salientar que as desigualdades raciais se iniciam na infância, acumulam-se ao longo de toda vida e, ao chegar na velhice, assumem formas específicas e singulares de vulnerabilidade. A ausência de políticas públicas, a dificuldade de acessar serviços e direitos sociais ao longo da vida exercem uma pressão negativa que geram consequências nos corpos e nas condições de vida da população idosa negra. A trajetória de negligências e as demandas reprimidas de serviços sociais básicos voltados para essa parcela da população produzem precariedades que se acentuam na velhice da população pobre e negra. A noção de acumulação de desigualdades ao longo do tempo é fundamental para a compreensão das necessidades de cuidado do envelhecimento desse grupo social (Vieira et al., 2023, p.11).

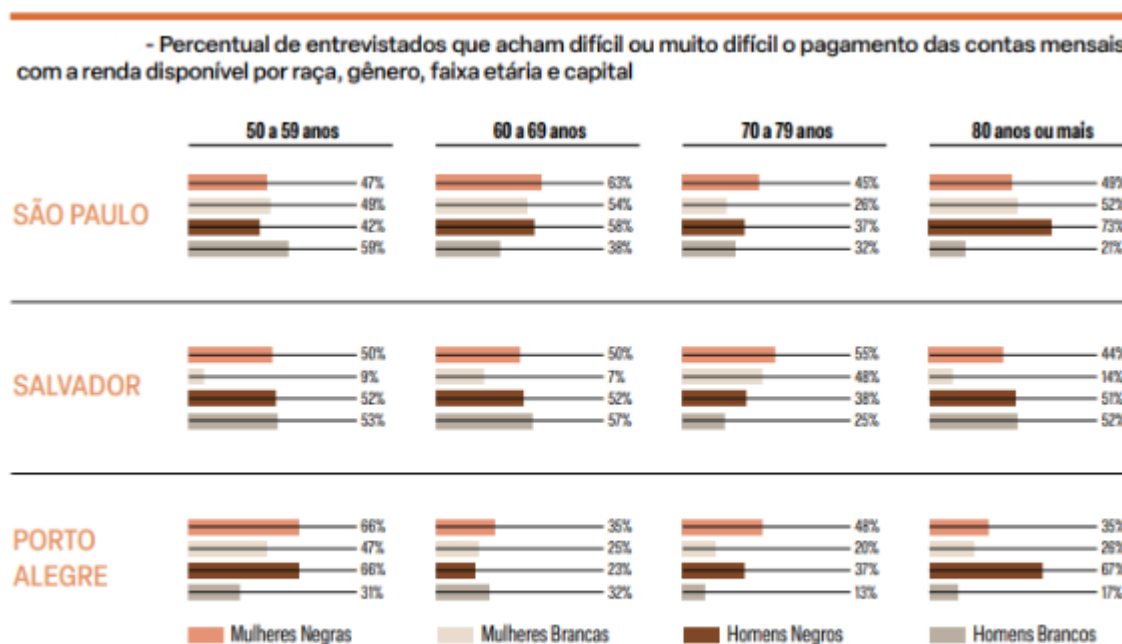
Dentre as 11 dimensões investigadas pelo referido relatório - que incluem indicadores de saúde, renda, educação e outros - vale ressaltar, primeiramente, os achados diretamente relacionados à saúde das populações envolvidas. Nas três capitais envolvidas no estudo, idosos e idosas negras apresentaram piores indicadores de saúde se comparados a idosos e idosas brancas, com diferenças no padrão de mortalidade e no acesso a serviços privados de saúde, por exemplo (Vieira et al., 2023). Em um período de crise sanitária e escassez de recursos como foi a pandemia de COVID-19, é provável que essas desigualdades tenham contribuído significativamente para um maior risco de morte pela doença infecciosa.

No entanto, uma perspectiva intersetorial da saúde não pode restringir-se às medidas mais diretamente relacionadas a esse domínio, devendo considerar outros componentes estruturantes do bem-estar das populações, como acesso à educação, renda e outros direitos. Para o foco de nossa investigação, por exemplo, é relevante questionar se o acesso de que dispõem as pessoas idosas a recursos digitais se apresenta desigual em função de clivagens raciais. Tais recursos, em um momento marcado por medidas de distanciamento social, assumiram ainda maior importância como ferramenta para assegurar a comunicação desses indivíduos, contribuindo, inclusive, para sua segurança alimentar. Nesse sentido, mais uma vez, os dados do CEBRAP denunciam a iniquidade racial:

De modo geral, homens e mulheres negras possuem, em todas as capitais analisadas, os piores indicadores de inclusão digital quando comparados aos homens e mulheres brancos. Como é de se esperar, conforme avança a análise das faixas etárias, a inclusão digital diminui para todos; entretanto, as desigualdades raciais persistem, sendo que homens e mulheres negras possuem os menores pontos de inclusão digital (Vieira et al., 2023, p. 36)

Quanto à dimensão que expressa indicadores de segurança financeira, os achados do relatório também apontam para significativas diferenças - conforme a raça - entre os percentuais de idosos e idosas que têm dificuldade de pagar suas contas. Tal desigualdade está presente de maneira consistente entre variados recortes etários e nas 3 capitais incluídas no estudo, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico. 3



Fonte: *Impactos Sociais do Envelhecimento Ativo* (Cebap, 2021). Elaboração própria.

Ainda que as desigualdades raciais não tenham sido referidas de maneira literal por nossos interlocutores e interlocutoras, julgamos possível depreender que suas experiências de envelhecimento e do “morar só” - na vigência da pandemia ou fora dela - são francamente afetadas por essas dinâmicas de iniquidade, com implicações sobre vários aspectos da vida cotidiana.

Uma análise mais cuidadosa das narrativas, portanto, acaba por revelar a “acumulação de desigualdades” que incide sobre as trajetórias de vidas das pessoas negras, conforme a noção trazida pelo relatório do CEBRAP (Vieira et al., 2023). Dona Conceição, que é uma mulher preta, associa sua decisão de não ter filhos ao fato de que “se você arrumar uma barriga, a patroa não quer”. Nessa dinâmica, operam claramente clivagens de gênero e de raça, que estruturam a divisão do trabalho em seus mecanismos de opressão, com consequências para outros domínios da vida prática. Na rua onde nossa narradora mora, a maior parte das casas é atendida por fossas sépticas, não dispondo de rede de esgoto.

A narrativa de Sr. Luiz, homem pardo, também é emblemática nesse sentido. A infância na zona rural, “puxando enxada” e sem dispor de recursos para a educação formal, certamente condiciona as possibilidades de ocupação laboral ao longo da vida e, na velhice, afeta a maneira como pode interagir com recursos de comunicação: sem saber ler ou escrever, evidentemente não pode fazer uso de ferramentas digitais. Em um período de sua vida, como nos conta, dormiu “dia e noite” na calçada, sem uma casa em que se abrigar. À abordagem policial, respondia: “Eu tô precisando de uma casa pra morar. Não tem”.

O Sr. Vinicius, que se reconhece pardo, nos confidencia a insegurança financeira e habitacional em que se encontra, a despeito da aposentadoria:

-Eu tenho até medo que o dono da casa entra aqui e vê isso aí. Ele vai querer que eu mudo, pra reformar. Ele tem seis casinhas aqui. Essa construção, que seria uma casa só, ele dividiu em seis casas. Tudo dele. Cada um que muda, ele reforma todinho. Eu tenho medo que ele manda, porque eu não tenho pra onde ir. O que eu ganho não dá pra alugar uma casa boa. A minha aposentadoria, a previdência, paga o aluguel, água, luz, telefone...Sobra um pouco pra fazer umas compras. Não compro roupa. A vizinha aqui de cima, que tem um tipo de brechó, me dá muita coisa.

Ficam evidentes nesses testemunhos, portanto, as marcas da desigualdade racial no acesso a direitos sociais - as mesmas que aparecem sob a forma de gráficos e tabelas nos estudos demográficos. Tristemente, não é difícil notar que os recursos de que se dispõe para uma boa velhice variam - no Brasil do século XXI - conforme a cor

da pele. Assim como o país, em seus processos históricos, padece ainda hoje de marcas decorrentes do seu perverso passado escravocrata, sobre as velhices experimentadas pela população negra também incidem violências acumuladas ao longo de toda a vida.

6. POÉTICAS

“As paisagens globais de hoje estão repletas desse tipo de ruína. Ainda assim, esses lugares podem ser animados apesar dos anúncios de sua morte; campos de ativos abandonados às vezes geram novas vidas multiespécies e multiculturais. Em um estado global de precariedade, não temos outras opções além de procurar vida nessa ruína”

Anna Tsing, em Viver nas Ruínas

Como adverte Judith Butler (2022), um olhar para a vulnerabilidade “só *faz sentido à luz de um conjunto concreto de relações sociais, incluindo práticas de resistência*”. Nesse sentido, vulnerabilidades e resistências operam juntas, em dinâmicas sempre reinventadas que os indivíduos tramam uns com os outros, produzindo novos mundos¹². Movimentando-nos, enfim, em direção ao terceiro objetivo deste trabalho - o de “reconhecer - em meio à construção dialógica e intersubjetiva das narrativas e significações - poéticas de produção do Cuidado” - empreenderemos, nesta seção, uma reflexão a respeito das co-produções engendradas por nossos interlocutores em meio à pandemia, com os obstáculos por ela impostos aos “modos de andar a vida” habituais. Nesse sentido, reproduzindo as potentes palavras de Anna Tsing (2019), perguntamo-nos: em um estado global de precariedade, quais foram as “novas vidas multiespécies e multiculturais” instauradas?

6.1 Parceiros estranhos, parentes não humanos

Adentrar as casas de nossos narradores e escutar, por alguns minutos, seus testemunhos foi suficiente para perceber que residir em arranjo domiciliar unipessoal não se equipara a morar absolutamente a sós. O fato é que enquadramentos censitários não apreendem a dinâmica dos seres em relação, e grande parte das pessoas idosas com quem conversei não se diria desacompanhada em seus domicílios. Ao longo dos diálogos - na fala dos narradores ou nos movimentos presenciados em

¹² Tal como a opção anteriormente explicada de separar, no texto, a análise das diferentes dimensões da vulnerabilidade, aqui também a decisão de dar às poéticas uma seção apartada das vulnerabilidades é de ordem didática, não devendo apagar o caráter marcadamente dialético da produção dessas condições.

seus lares - fiquei encantado com a potência dos laços tecidos entre seres humanos e não humanos naqueles espaços. Laços estabelecidos em meio à morte e ao luto, como os de que trata a antropóloga Vinciane Despret:

“(...) a vida nos torna inventivos e, mais particularmente, de uma forma que eu diria privilegiada: ela não para de fabricar laços e de nos fazer fabricá-los. A vida, sob todas as suas formas, inclusive a vida em período de morte e de luto, ou, como em nossos dias, em período de graves perigos e de extinções maciças, leva os seres a criarem laços”
(Despret, 2016, p. 2)

Voltemos, portanto, a alguns dos relatos de nossos interlocutores e interlocutoras para ilustrar a concretude das relações de co-cuidado instauradas nesses tempos de “graves perigos”. Sobre suas companhias, diz dona Cora:

-Ah! Eu converso muito com eles. Eles me fazem companhia mesmo agora que eu posso sair. Mas eu tenho o meu horário, o nosso horário. Eu e meus gatos. Eu sou muito apaixonada pelos meus gatos. Demais da conta. Agora eu tenho três, esse que passou por aqui não é meu não. É dos vizinhos e veio comer aqui. Mas é assim, tem pessoas que tem um cachorrinho. Eu tenho uma amiga aí que a companhia dela o tempo todo foi o cachorrinho. E graças a Deus passou, né?

Os cães do senhor Jorge, quando nosso narrador sofre uma queda, “estavam todos em cima, como quem fala ‘vamos ajudar ele’”. São chamados de “meus amigos”. Dona Rachel, referindo-se a Luna e Alvi, conta:

-Os cachorros foram uma alegria, mesmo pro meu filho. O meu filho tinha acabado de ter um AVC, pro meu filho ajudou muito esses cachorros. Ajudou muito. (...) É desse jeito, mas tudo bem, o trabalho que eles dá é a recompensa pra gente, porque pelo menos a gente fica brincando com eles ali, eles ficam brincando, a gente se distrai. Eu converso com os cachorros.

Sheik, Faraó, Nick e Lupe, do outro lado da cidade, fazem companhia à Dona Adélia:

-Porque eles eram muito amigo, então eles queria tá comigo. Eu ia pro quintal eles me abraçavam, me lambia e pulava em cima de mim, fazia aquela festa! Aquilo era um amigo pra mim!

Assim como a pastora-alemã de Dona Conceição:

-Ela é muito minha amiga. Ela é assim: se eu estiver sentada aqui, às vezes eu ponho o travesseiro aí...deito aqui, ela deita aqui, no tapete pegado comigo.

(...) - Ela protege um pouco a senhora também, né?

-Ninguém chega no portão. Eu falei...a vantagem: ninguém vai pular aqui nunca...

Não são apenas animais os seres que compõem esses arranjos multiespécies. Deles participam, também, integrantes de outro Reino, em relações longevas, que marcam a passagem do tempo com suas reconfigurações familiares. É o que nos conta Dona Cora:

-Lá em cima tem um monte de planta. Eu gosto. Só não tenho mais porque não tem mais espaço. Senão eu teria mais. Entendeu? Mas o que eu tenho já dá para me distrair. Eu tenho plantas aí que têm mais de 30 anos. Tem uma samambaia de metro aqui que, se eu não me engano, ela tá com 36 ou 37 anos. A S. era bebê. Tem uma outra...que a S. tinha 5 anos quando eu plantei. A S. já fez 39.

Os impactos benéficos que a interação com animais traz à saúde das pessoas idosas estão muito bem estabelecidos na literatura científica. De maneira geral, os estudos enfatizam efeitos diretamente relacionados a indicadores de saúde, como menores índices de depressão ou maiores níveis de atividade física (Fernandes, 2018). Sem ignorar esses desejáveis efeitos, entendemos - sob a perspectiva teórica que nos orienta - que estaríamos minando a potência inventiva desses arranjos “multiespécies” se deles nos aproximássemos com o interesse restrito a ganhos tecnicamente mensuráveis em saúde - ganhos acumulados pelas pessoas idosas que “possuem animais”. Muito mais que isso, esses relatos alimentam, como aponta Despret, uma “matriz narrativa”, que pode instruir a (re)invenção de formas menos violentas de viver com os outros seres:

“Um amigo meu, Raphaël Larrère, um sociólogo dos humanos que cuidam dos animais, propõe retomar, do filósofo François Lyotard, uma expressão muito bonita: temos que considerar os animais, diz ele, como “parceiros estranhos”. Imagine que você está jogando tênis com um desconhecido, e que este último comece, por exemplo, a tentar jogar a bola sistematicamente por baixo da rede. Você terá duas opções: deixar a quadra se perguntando quem colocou aquele imbecil ali, ou, pelo contrário, continuar a jogar com curiosidade, tentando entender que jogo ele está jogando, porque joga daquela maneira e como o jogo pode se tornar interessante, surpreendente, quando se joga dessa forma. Pode-se fazer o mesmo com os animais. Ou consideramos, quando eles fizerem coisas estranhas, que são seres um pouco limitados e dizemos que, de fato, não são humanos; ou, pelo contrário, nos interessamos por essa estranheza e procuramos a forma de inteligência que ela traduz. Podemos criar laços por baixo das redes.” (Despret, 2016, p.14-15)

Reconhecer os animais como “parceiros estranhos” exige, portanto, recusar uma perspectiva instrumental e antropocêntrica dessas interações, iluminando a reciprocidade e as dinâmicas de co-cuidado que nelas se estabelecem. No mesmo sentido, visando reconstituir refúgios e “resgatar os refugiados, humanos e não-humanos, da terra”, propõe a filósofa Donna Haraway:

Meu propósito é fazer com que “parente” signifique algo diferente, mais do que entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia. O movimento suave de desfamiliarização pode parecer, por um momento, um erro, mas depois (com sorte) aparecerá sempre como correto. Fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos. Na Universidade, fui movida pelos trocadilhos de Shakespeare, *kin* e *kind* (parente e gentil em português) – os mais gentis não eram necessariamente parentes de uma mesma família; tornar-se parente e tornar-se gentil (como categoria, cuidado, parente sem laços de nascimento, parentes paralelos, e vários outros ecos) expande a imaginação e pode mudar a história.
(Haraway, 2016, p.142)

Foge ao alcance deste estudo - que se detém sobre variadas poéticas de Cuidado - uma análise mais aprofundada das dinâmicas de intersubjetividade¹³ que se estabelecem entre seres não humanos e humanos. Ainda assim, entendemos que a narrativa de tais laços - derivados da inventividade de pessoas idosas e outros seres; e instaurados em meio a tempos de ameaça às existências - opera na tessitura de uma

¹³ A escolha pelo termo “intersubjetividade”, aqui, é intencional e consoante com a perspectiva teórica das epistemologias convocadas à essa discussão.

“ecologia afetiva”, cuja marca é a potência do “tornar-se com” as alteridades (Despret, 2016). Mais do que explicar tecnicamente os ganhos unilaterais derivados de relações entre homem e animais domésticos, optamos por questionar: jogar com parceiros estranhos e fazer parentes não humanos não configuram percursos mais criativos e menos solitários para atravessarmos nossas (co)existências?

6.2 Arte e cultura como (re)invenções do Cuidado

-Eu tenho me apegado muito...além dessa minha rede de amigos, eu tenho uma rede que me sustenta...me sustenta, são meu alimento! E eu tive a felicidade de ver essa época...É uma felicidade, na música, no teatro, no cinema, na literatura. E eu descobri que eu tenho todos os livros dessa época, os com texto de teatro, com biografias...eu nem sabia que eu tinha esse arcabouço! E eu tô falando tudo isso porque foi isso que me sustentou na pandemia. E eu consegui arrumar meus livros, né...os que são de teatro, textos de teatro, programa, livro infantil, tudo, enfim...Então é fácil de pegar, né? Eu tenho lido muitos livros que estão absolutamente atuais. O que prova a qualidade da cultura.

A fala de dona Lygia, à qual voltamos agora, nos parece uma emblemática síntese daquilo que se revelou uma das mais importantes re(invenções) nas vidas de nossos interlocutores e interlocutoras em tempos de pandemia: o estabelecimento de novas interações com a arte e a cultura. O arcabouço redescoberto de que nossa narradora fala representou, na concretude de suas palavras: “sustento”, “alimento”. Enquanto formas específicas de interação com a produção artística foram obstruídas nos tempos de COVID-19 (como ir presencialmente ao cinema, por ex), outras foram (re)descobertas ou inventadas, constituindo novas poéticas de Cuidado.

Visando iluminar o “lugar da cultura” nas reinvenções da vida e da saúde em tempos pandêmicos, Teixeira et. al (2023), com o apoio do Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP, investigaram os impactos da referida crise sanitária e as estratégias desenvolvidas para o enfrentamento desses, com foco nas práticas culturais¹⁴. Para nossa perspectiva, merecem especial destaque os achados relativos às mudanças implementadas no “tempo livre” das pessoas participantes. Quando examinadas as atividades que mais deixaram de ser realizadas durante a pandemia,

¹⁴ A partir de um instrumento interativo, on-line, que combina questões estruturadas com outras, dissertativas. Responderam a esse questionário 1.118 participantes, compondo uma amostra com predomínio de pessoas brancas, mulheres, cis, e de alta escolaridade.

ocuparam o topo da lista duas atividades essencialmente artísticas ou culturais: “ir ao cinema” e “frequentar shows, peças de teatro, espetáculos de dança, galerias de arte, museus.” O interessante, no entanto, é que mesmo diante de tais impedimentos, a arte ainda figurou em lugar de destaque entre as “atividades que mais contribuíram para a produção de saúde e bem-estar durante a pandemia”, também entre as pessoas idosas que residem sozinhas. Na tabela a seguir, podemos visualizar as 10 atividades produtoras de bem-estar elencadas com maior frequência entre as 111 pessoas idosas que participaram da pesquisa, e conforme arranjo domiciliar uni ou multipessoal:

Tabela 1: Atividades que mais contribuíram para a saúde e bem-estar durante a pandemia

	Com uma ou mais pessoas	Sozinho
Assistir ou acessar filmes, documentários, noticiários, programas de auditório, shows de música, programas de variedades, Reality Show etc. (TV, rádio, computador, celular, tablet)	68.4% (52)	57.1% (20)
Ler	64.5% (49)	51.4% (18)
Navegar na internet e/ou interagir nas redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter, Whatsapp, outras)	48.7% (37)	45.7% (16)
Conversar com familiares e amigos	48.7% (37)	42.9% (15)
Ouvir música	44.7% (34)	48.6% (17)
Fazer as tarefas domésticas (cozinhar, limpar etc.)	38.2% (29)	45.7% (16)
Participar de atividades de ensino, cursos, palestras, lives	40.8% (31)	31.4% (11)
Trabalhar/colocar as tarefas em dia	30.3% (23)	40% (14)
Cozinhar (arte culinária)	34.2% (26)	25.7% (9)
Cuidar de jardins, horta, canteiros, vasos (jardinagem/horticultura)	31.6% (24)	25.7% (9)

Fonte: tabela gerada através do painel de dados da pesquisa, disponível em painel.pesqsesc.net

Como podemos notar, as 3 atividades que lideraram a lista entre pessoas idosas que moram sós¹⁵ foram “assistir ou acessar filmes, documentários, noticiários etc”, “ler” e “ouvir música”; práticas que em sua importância foram mais frequentemente mencionadas, inclusive, do que o ato de “conversar com familiares e amigos”.

¹⁵ Um grupo de 35 pessoas, na amostra em questão.

Ora, é evidente que recortes sociodemográficos específicos podem influenciar o acesso e a relação dos indivíduos com as produções artísticas e com as próprias pesquisas interessadas nessa relação. Como exemplo, as dinâmicas estabelecidas por mulheres, de alta renda e escolaridade e adaptadas ao uso de recursos digitais podem representar um recorte bastante restrito em meio à grande heterogeneidade das velhices. O que nos parece potente, no entanto, é que se nos debruçarmos sobre as narrativas em profundidade que testemunhamos, perceberemos que formas de fruição e produção de arte, sob as mais diferentes formas e expressões, emergem consistentemente no relato de nossos interlocutores, mesmo a partir de contextos sociais significativamente distintos.

Enquanto dona Lygia redescobre seu arcabouço de discos e textos do teatro, o senhor Rubem vive das crônicas que produz, diariamente, contando de tudo, “de cachorro que late” a “mulher que passa aí na frente”. Através do que chama de “dom da música” o senhor Jorge experimenta conforto e alegria ao entrar em contato com sua “revelação”. Dona Rachel, senhor Mario e senhor Vinicius lamentam a interrupção e comemoram o retorno dos bailes, onde passam dançando parte significativa de suas vidas. Esse último diz, a respeito das potências e limites de seu corpo:

-Enquanto eu tiver perna, eu vou dançar. Eu fui operado do primeiro tumor, parece que vem vindo outro...Não doeu tanto quanto perder o baile!

São as diversidades de “vidas multiculturais”, nas palavras de Ana Tsing (2019): novas formas que os seres, em relação, estabelecem para andar - ou dançar - suas vidas, na dialética das vulnerabilidades e resistências. Poéticas de Cuidado que constituem, por si, novas saúdes possíveis, novos mundos possíveis. Tal como anunciado por Teixeira (2020), no “post-script pandêmico” de um ensaio acerca de produções de saúdes e de novos mundos, é nessa força disruptiva - e não em um caráter instrumental subordinado a indicadores técnicos de saúde - que reside a potência da arte enquanto exercício imaginativo da vida:

Enfrentar esses tempos exigirá, e muito, o exercício irrequieto da arte e da cultura, em sua função de abrir o campo de possibilidades, de excitar a

imaginação de outros mundos possíveis e de nos permitir esperar a sobrevivência de formas de vida que digam sim à vida! Trata-se do reconhecimento da arte e da cultura como produtoras de saúde enquanto potência de vida, mas também como produtoras de uma “cultura da saúde” em que a saúde não se reduza à mera sobrevivência de “vidas nuas” (Teixeira, 2020, p. 60-61)

6.3 “Omwana ni wa bhone”: é preciso uma aldeia...

Como é possível para homens estarem juntos? Viver juntos, compartilhar seus tempos, suas refeições, seus quartos, seus lazeres, suas aflições, seus saberes, suas confidências? O que é isso de estar entre homens, "despidos", fora das relações institucionais, de família, de profissão, de companheirismo obrigatório?

Da amizade como modo de vida - Michel Foucault

“Idosos morrem sozinhos no centro de SP”: eis o título de uma matéria do jornal Folha de São Paulo, publicada já há 25 anos, e que explora o aumento do número observado, à época, de idosos que residiam e morriam sozinhos em suas casas (Toledo e Oliveira, 1998). Relatos similares, envolvendo pessoas idosas que são encontradas em suas residências vários dias após falecerem, são a cada ano mais comuns, no Sul e no Norte globais. Se fatores como o envelhecimento populacional e índices crescentes de arranjo domiciliar unipessoal sabidamente contribuem para o fenômeno, esse foi consideravelmente acirrado no contexto da pandemia de COVID-19, com as recomendações de distanciamento social e de procura por um serviço de saúde apenas em casos de extrema necessidade.

De uma perspectiva pessoal, a da minha atuação como médico, foram inúmeras as ocasiões em que me senti consternado ao presenciar pessoas idosas internadas por longos períodos em um hospital, sem receberem uma visita sequer, de amigos ou familiares. Nos hospitais da rede pública de saúde, há incontáveis casos de pacientes idosos que recebem alta clínica e não podem deixar o hospital em função do grau de dependência de cuidados que apresentam, aliada à indisponibilidade de alguém que os possa prestar.

É evidente que, assim como ocorre com a decisão de residir a sós, é possível que alguns indivíduos optem pela solidão e por viverem de tal forma seus últimos dias, incluindo o processo da morte. Por outro lado, não nos parece ser essa a explicação

para a maioria dos casos, e é inegável que vivemos uma crise dos cuidados quando analisamos as condições das pessoas idosas ao redor do planeta (Dann, 2014). Os regimes de cuidado predominantes, marcados pelo desmantelamento dos serviços de seguridade social, delegam majoritariamente às famílias esse exaustivo e não remunerado trabalho. Ocorre que a maior parte dessas famílias não apresenta, isoladamente, os recursos necessários para cuidar de uma pessoa idosa com necessidades de cuidado - recursos que envolvem tempo, dinheiro, esforço físico, entre outros.

Nesse sentido, interessou-nos nas narrativas aqui reunidas a descrição de relações de afeto e cuidado não atreladas a um vínculo familiar, mas estruturadas e mantidas por amizades, atividades em comum ou vizinhança. Para além da família, diante de uma necessidade, com quem podem nossos narradores e narradoras contar?

Para Dona Lygia, as amizades são “fonte de vida”. O amigo médico se disponibiliza de antemão a assisti-la, caso ela fique doente. O Sr. Rubem, aos seus 85 anos, ainda mantém estreito contato com o amigo da infância em Caruaru. Esse o faz companhia, inclusive, em eventuais situações de internação hospitalar:

-Ele ia pra lá dormir. Dormia ele em uma noite, na outra era minha mulher, na outra era meu filho, meu neto. Ele sempre me ajudou muito. Entendeu? Então é assim, meio amigo, meio irmão.

Dona Rachel, quando precisa da “ajuda de uma palavra”, recorre à amiga que conheceu no baile das pessoas idosas. As trocas estabelecidas valem muito mais do que bens precificáveis:

-(...) o dinheiro a gente precisa pra sobreviver, mas acho que uma palavra amiga vale muito mais, na minha opinião.

Relações de cuidado e solidariedade também são tecidas com vizinhos e vizinhas. São esses que ajudam o Sr. Vinicius, por exemplo, quando esse precisa de “muletas vivas”:

-E quando eu tinha necessidade, eu precisava chamar alguém pra mim ter apoio, sabe? Tipo muleta ambu...muleta viva. Tinha que pegar no braço...Andar, eu ando, mas se eu segurar no braço, eu ando mais melhor.

Tais interações, no espaço da rua, permitem a Sr. Vinicius morar só sem se sentir solitário:

- Não me sinto mais solitário. Já tenho mais amizades com as pessoas da minha idade. (...) Eu fico lá sentado conversando até dar meio-dia. Aí eu venho pra cá. Depois, começou o baile, eu comecei a vir embora 11 horas. Tomava banho, almoçava e ia pro baile. Quer dizer, já não tô mais solitário. Passam muitos aí, me chamam pra descer lá.

Dos relatos de Dona Conceição, nossa interlocutora mais velha, também emergem relações longevas de cuidado, como aquela que cultivava ainda com uma amiga de mais de 60 anos; e também aquelas com vizinhos e vizinhas: “Então eu acho assim: todos aqui da rua é meus amigos!”.

O que se vê, portanto, é que as pessoas idosas que moram sós - ao contrário do que uma concepção descuidada e vitimizante poderia levar a crer - tecem relações de afeto e cuidado de maneira significativa, sob uma multiplicidade de formas. Nesse sentido, vale ressaltar a importância de espaços públicos e democráticos que se mostrem férteis para o florescimento desses encontros: o baile dos idosos, no contexto desta investigação, é um feliz exemplo.

“*Omwana ni wa bhone*” é um provérbio em idioma *kijita*, de origem africana, cuja tradução mais amplamente empregada é: “É preciso uma aldeia para criar uma criança”. Com variações de sentido similar em outras culturas africanas, o ditado sintetiza poeticamente a ideia de que, independentemente da ascendência biológica de uma criança, educá-la e dela cuidar são tarefas para toda a comunidade (Eze, 2012). Em harmonia com esse ensinamento ancestral, entendemos que uma sociedade que tenha por horizonte o bem estar comum assumirá, necessariamente, o cuidado com as pessoas idosas como responsabilidade de todos: “é preciso uma aldeia para cuidar de um velho”. Como - em tempos de primazia da individualidade como valor - proteger e erigir aldeias?

7. CONCLUSÃO

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?

Walter Benjamin

Doze vozes narrativas, em sua miríade de afetos, deram vida a este trabalho, permitindo que nos debruçássemos sobre a dialética de vulnerabilidades e poéticas na complexidade dos elementos que a compõem: estigma, atravessamentos de gênero e raça; relações com a família, vizinhança e amigos; uso de tecnologias da informação, produções artísticas e relações de cuidado com seres não humanos.

É evidente que variados percursos analíticos poderiam ser implementados a partir do material empírico que aqui expusemos, optando-se por conferir centralidade a outras categorias (como religiosidade, por ex.), e a partir de diferentes referenciais teóricos. Se tais perspectivas não foram aqui escrutinadas, tal fato se deve a óbvias limitações de ordem prática, e não a uma menor importância a elas atribuída.

No mesmo sentido, o número circunscrito de entrevistas e a especificidade dos recortes sociodemográficos, ao nosso ver, não minam a força expressiva que emana das narrativas. Como ensina Florestan Fernandes discorrendo a respeito da seleção de sujeitos para a pesquisa sociológica, cabe ao investigador o aproveitamento criterioso dos dados empíricos, por eles se interessando *“na medida em que possuem uma significação supra-individual ou, então, em que seus efeitos permitem conhecer as elaborações sócio-culturais mediante as quais se organiza o mundo mental dos indivíduos”* (Fernandes, 1971).

Ancorados nessa perspectiva e diante do contexto desta investigação em particular, cabe, portanto, o questionamento: em que medida as narrativas das pessoas idosas aqui reunidas podem nos instruir rumo ao horizonte da boa vida comum? Quais são os arranjos - materiais e imateriais - que constroem os projetos de felicidade na

velhice e que portanto precisam ser desmantelados? Mais do que essencialmente analítico, propomos um exercício também imaginativo, especulativo: onde é que reside, nessas dinâmicas, a brecha para o “inédito viável” de que fala Paulo Freire (Freire, 2014)?

Sem nenhuma pretensão de prescrever respostas, que de fato se constroem apenas na vida prática dos sujeitos lançados no mundo, uma de nossas assunções iniciais nos parece, a essa altura, especialmente consolidada: a de que é na tessitura das relações que brota a potência dos seres sobre a Terra - sejam essas estabelecidas com espaços, com produções simbólicas, com outros seres, humanos e não humanos, vivos ou (ditos) inanimados. É portanto a fricção dos afetos em relação que produz as centelhas que iluminam novos modos de andar as velhices.

Assim, é mais do que tempo de encararmos corajosamente os fenômenos que marcam a inexorável comunhão de nossos destinos: o envelhecimento e a finitude. “Aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles, sem mais aceitar com indiferença a infelicidade da idade avançada”: eis o apelo que nos fez Simone de Beauvoir há mais de meio século (Beauvoir, 2018).

Reconheçamo-nos, pois, nos velhos; norteados, porém, pelo imperativo ético de jamais alijá-los do protagonismo na luta que lhes diz respeito e que, portanto, lhes cabe. Como ensina a canção de Edu Lobo e Guarnieri evocada por Dona Lygia, quando as vozes desses sujeitos e populações “puderem pouco”, não escaparemos de ouvir seus gritos.

Enfim, chegamos ao desfecho deste percurso coletivo com a impressão de termos cumprido sua tarefa primordial: a de contribuir para que as vozes de velhos e velhas sejam transmitidas - como na expressão de Walter Benjamin - por “palavras duráveis” (Benjamin, 1982).

8. REFERÊNCIAS

Ayalon L, Chasteen A, Diehl M, Levy BR, Neupert SD, Rothermund K, et al. Aging in times of the COVID-19 pandemic: Avoiding ageism and fostering intergenerational solidarity 2021;76:e49–52.

Ayres JR de CM, Castellanos MEP, Baptista TW de F. Entrevista com José Ricardo Ayres. Saúde E Soc 2018;27:51–60.

Ayres JR de CM. Health and human rights: Contributions of hermeneutics to a necessary dialogue. Glob Public Health 2022;17:3098–108.

Ayres JR de CM. Prevenção de agravos, promoção da saúde e redução de vulnerabilidade. Clínica Médica 2ed Ampl Rev, Manole; 2016.

Ayres JR de CM. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. Ciênc Saúde Coletiva 2005;10. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232005000300013>.

Ayres JR de CM, França Júnior I, Calazans GJ, Saletti Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. Promoção Saúde Conceitos Reflexões Tendências 2003;2:121–44.

Ayres JR de CM, Paiva V, França Jr I, Gravato N, Lacerda R, Della Negra M, et al. Vulnerability, human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/AIDS. Am J Public Health 2006;96:1001–6.

Barbosa IR, Galvão MHR, Souza TA de, Gomes SM, Medeiros A de A, Lima KC de. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. Rev Bras Geriatr E Gerontol 2020;23.

Beauvoir S de. A velhice. Nova Fronteira; 2018.

Benjamin W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo Bras Escolhidas Vol 3 1989. Benjamin W. Experiência e pobreza (1933). Obras Escolhidas Ens Sobre Lit E História Cult 1982;1:123–9.

Bertolli Filho C. A gripe espanhola em São Paulo, 1918. São Paulo Paz E Terra 2003:89–95.

Bourdieu P. A miséria do mundo. Tradução de Mateus S. Soares. Vozes Petrópolis 1999.

Bourdieu P. A juventude é apenas uma palavra. Questões Sociol 1983:112–21.

Brasil. Estatuto do Idoso 2013.

Butler J. A força da não violência: um vínculo ético-político. Boitempo Editorial; 2021.

Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio;

2018.

Carelli FB. Pode o subalterno pensar? Curitiba: CRV; 2020.

Carneiro JL, Ayres JR de CM. Saúde do idoso e atenção primária: autonomia, vulnerabilidades e os desafios do cuidado. *Rev Saúde Pública* 2021;55.

Dann T. Global elderly care in crisis. *The Lancet* 2014;383:927.

Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. Edusp; 1999.

Debert GG, Pulhez MM. Desafios do cuidado: gênero velhice e deficiência 2019.

Despret V. O que diriam os animais se. *Cad Leituras* 2016.

Domingues MAR da C, Duarte YA de O, Santos A. Rede de suporte social e idosos que moram sós: desafios para políticas públicas. *Mais 60 Estud Sobre Envelhec* 2020;31:24–37.

Eze E. The culture of multiple parenting in Igbo traditional religious society. *Int J Theol Reform Tradit* 2012;4:70–8.

Fernandes F. A história de vida na investigação sociológica: a seleção de sujeitos e suas implicações. *F Fernandes Ens Sociol Geral E Apl São Paulo Livraria Pioneira Ed* 1971:251–69.

Fernandes M das GM. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Rev Bras Enferm* 2009;62:705–10.

Fernandes MAG. Ligação humano-animal na população idosa: uma revisão sistemática da literatura 2018.

Freire P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra; 2014.

Gadamer H. Sobre o caráter oculto da saúde. In: Gadamer, HG. *O Caráter Oculto Saúde* 2006:109–21.

Gastaldo D. Congruência epistemológica como critério fundamental de rigor na pesquisa qualitativa em saúde. In: *Vozes*, editor. *Tópicos Av. Em Pesqui. Qual. Em Saúde*, vol. 1, Petrópolis, RJ: Vozes; 2021, p. 77–105.

Gerst-Emerson K, Jayawardhana J. Loneliness as a public health issue: the impact of loneliness on health care utilization among older adults. *Am J Public Health* 2015;105:1013–9.

Gonzalez L. *A juventude negra brasileira e a questão do desemprego*. vol. 2, 1979.

Grondin J. *Hermenêutica*, trad. de M. Marcionilo San Pablo Parábola 2008.

Henning CE, Debert GG. *Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando*

tendências contemporâneas 2015.

Holt-Lunstad J, Smith TB, Layton JB. Social relationships and mortality risk: a meta-analytic review. *PLoS Med* 2010;7:e1000316.

Mann J, Mann JM, Tarantola D. *AIDS in the world II: global dimensions, social roots, and responses*. Oxford University Press on Demand; 1996.

Martínez-Salgado C. Amostra e transferibilidade: como escolher os participantes em pesquisas qualitativas em saúde? In: *Voices*, editor. *Tópicos Av. Em Pesqui. Qual. Em Saúde*, RJ: 2021, p. 170–201.

Minayo MC de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. *O Desafio Conhecimento Pesqui. Qual. Em Saúde*, 1996, p. 407 p-407.

Mishra V, Seyedzenouzi G, Almohtadi A, Chowdhury T, Khashkusha A, Axiaq A, et al. Health inequalities during COVID-19 and their effects on morbidity and mortality. *J Healthc Leadersh* 2021:19–26.

Nandi BF. *Inclusão digital de idosos: uma revisão documental e bibliográfica com foco na contemporaneidade 2023*.

Negrini E, Nascimento C, Silva A, Antunes J. Quem são e como vivem os idosos que moram sozinhos no Brasil. *Rev Bras Geriatr Gerontol* 2018;21:523–31.

Niquini RP, Lana RM, Pacheco AG, Cruz OG, Coelho FC, Carvalho LM, et al. SRAG por COVID-19 no Brasil: descrição e comparação de características demográficas e comorbidades com SRAG por influenza e com a população geral. *Cad Saúde Pública* 2020;36:e00149420.

Pimouguet C, Rizzuto D, Schön P, Shakersain B, Angleman S, Lagergren M, et al. Impact of living alone on institutionalization and mortality: a population-based longitudinal study. *Eur J Public Health* 2016;26:182–7.

Pocahy FA. O (des) governo da velhice: cartogenealogias de/em uma pandemia. *Educação* 2022:e81/1-38.

Queiroz R da S. As epidemias como fenômenos sociais totais: o surto de gripe espanhola em São Paulo (1918). *Rev USP* 2004:64–73.

Rede Nossa São Paulo. *Mapa da desigualdade 2022* 2022.

Ricoeur P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. 2000.

Rodrigues RB. *Novas tecnologias da informação e da comunicação*. Recife IFPE 2016.

Sanchini V, Sala R, Gastmans C. The concept of vulnerability in aged care: a systematic review of argument-based ethics literature. *BMC Med Ethics* 2022;23:84.

Santini ZI, Jose PE, Cornwell EY, Koyanagi A, Nielsen L, Hinrichsen C, et al. *Social*

disconnectedness, perceived isolation, and symptoms of depression and anxiety among older Americans (NSHAP): a longitudinal mediation analysis. *Lancet Public Health* 2020;5:e62–70.

São Paulo. Painel COVID-19 - Município de São Paulo 2023.

São Paulo. Indicadores sociodemográficos da população idosa residente na cidade de São Paulo 2020.

Silva DV, Pocahy FA. Envelhecimento, gênero e sexualidade: modos de pesquisar, modos de subjetivar. *Rev Entreideias Educ Cult E Soc* 2022;11.

Teguo MT, Simo-Tabue N, Stoykova R, Meillon C, Cogne M, Amiéva H, et al. Feelings of loneliness and living alone as predictors of mortality in the elderly: the PAQUID study. *Psychosom Med* 2016;78:904–9.

Teixeira RR. Produzir saúde na produção do mundo. *Rev Cent Pesqui E Form* 2020;10:43–62.

The Lancet. COVID-19 in Brazil: “So what?” *Lancet Lond Engl* 2020;395:1461.

Toledo JR de, Oliveira M. Idosos morrem sozinhos no centro de SP. *Folha São Paulo* 1998.
United Nations. The Impact of COVID-19 on Older Persons 2020.
<https://doi.org/10.18356/4fc77540-en>.

Vieira PPF, Huri Paz C, Fernandes L, Silveira S, Bicev JT. Envelhecimento e desigualdades raciais [livro eletrônico]. 1a ed. São Paulo: Centro brasileiro de análises e planejamento; 2023.
World Health Organization. COVID-19 weekly epidemiological update, edition 149, 29 June 2023 2023.